

Semanário

Director:  
António Dias Lourenço

Ano 53 - Série VII - N.º 601  
4 de Julho de 1985  
Preço: 40\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 - Telex 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa

\*\*\*\*\*  
O PORTO em festa  
5,67  
Julho 85  
Monte Azeituno  
(as Antas)

**3 GRANDES DIAS DE FESTA!**

**ESPECTÁCULOS**

6.ª feira / 5 Julho  
21.30 h.  
**SAMUEL e Concerto Rock com BANDA DO BICO**

Sábado / 6 de Julho  
15.00 h.  
Rancho de Custóias, Rancho de Fânzeres e Grupo Coral Alentejano

18.00 h.  
**JÚLIO PEREIRA**

21.30 h.  
**PAULO DE CARVALHO**  
Grande baile com conjunto DIAPASÃO

Domingo / 7 de Julho  
15.00 h.  
**BARATA MOURA**

21.30 h.  
Grupo de Cantares Novos  
**SUSAN COURT**  
Noite de Jazz com **QUARTETO RUI AZUL**  
Discoteca

**COMÍCIO**  
com **Álvaro Cunhal**  
Domingo - 16 h

AUDITÓRIO MUSICAL COM MÚSICA CLÁSSICA • CINEMA • VÍDEO  
DIAPORAMA • DEBATES • FEIRA DO LIVRO E DO DISCO

EXPOSIÇÕES  
EXPOSIÇÃO POLÍTICA / PODER LOCAL E O TRABALHO DA APU  
OS 40 ANOS DA DERRÓTA DO NAZI-FASCISMO E OS PROBLEMAS ACTUAIS DA LUTA PELA PAZ  
O AZUL E OS PROBLEMAS DA JUVENTUDE  
EXPOSIÇÃO ARTÍSTICA SOBRE A REVOLUÇÃO DE 1383-1385

MANHÃ INFANTIL  
DOMINGO / 7 JULHO / 9.30 h.

**JOSÉ BARATA MOURA**  
música e canções para crianças • palhaços • ilusionistas • ventríloquos  
passatempos • diversões • pintura • jogos • etc.

INICIATIVAS DESPORTIVAS

JOGOS TRADICIONAIS POPULARES

DIVERTIMENTOS  
Pista de automóveis • Aviação • Carroçéis • Cestas • etc.

ARTIGOS, UTILIDADES E PETISCOS REGIONAIS  
Espetáculos à Vale de Sousa, Tripas à moda do Porto, Sardinha assada, Bolinhos  
e fcas de bacalhau, Rojões, Bifanas e Vinho Verde, Crapéria, Doces regionais  
Vinho do Porto e muitas outras especialidades provenientes de várias regiões do país

\*\*\*\*\*

## NOTA DA COMISSÃO POLÍTICA DO CC DO PCP

# MAGNÍFICA VITÓRIA DO POVO PORTUGUÊS

«A Comissão Política do CC do PCP salienta que a derrota do plano contra-revolucionário do Governo PS/PSD e a decisão de eleições antecipadas para a Assembleia da República constituem uma magnífica vitória do povo português que vem abrir a perspectiva da concretização de uma alternativa democrática capaz de enfrentar com sucesso a situação grave criada pelos sucessivos governos de direita com a participação do PS, do PSD e do CDS.

«A Comissão Política reafirma a importância da contribuição da luta para que se concretize o objectivo essencial do momento: a realização de eleições sérias e democráticas.

«A Comissão Política salienta que o reforço da votação da APU e da representação parlamentar do PCP e dos seus aliados na APU são condições para que a alternativa democrática seja alcançada e corresponda às aspirações e aos interesses do povo e do País, à defesa da democracia e da independência nacional.»

Pág. 1/Semana

# Festa do Avante!

as jornadas de trabalho já começaram!



O comício de amizade PCP-PCB realizado em Vila Franca

## AMIZADE PCP-PCB

A visita da delegação do Partido Comunista Búlgaro, dirigida pelo camarada Iordan Iotov, que esteve em Portugal a convite do PCP constituiu mais um passo no fortalecimento das relações de amizade, cooperação e solidariedade existentes entre os dois Partidos. Reportagem da visita, comunicado conjunto e discursos dos camaradas Iordan Iotov, Álvaro Cunhal nas págs. 1,2,3 e 4/Semana



**PREPARAR  
A LUTA  
ELEITORAL**



Em todo o País as organizações do PCP lançam-se à preparação das próximas campanhas eleitorais

Semana



O camarada Andrei Gromiko, eleito presidente do Presidium do Soviete Supremo da URSS.



O camarada Eduard Chervardnaze, nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, quando pronunciava a saudação ao IX Congresso do PCP em que dirigiu a delegação do PCUS presente no Barreiro

**Andrei Gromiko  
eleito presidente do Presidium  
do Soviete Supremo da URSS**

O dirigente soviético Andrei Gromyko ascendeu na segunda-feira ao cargo de Presidente do Presidium do Soviete Supremo da URSS, correspondente ao de Chefe de Estado, por decisão unânime do Soviete Supremo.

O camarada Andrei Gromyko, que conta 75 anos, é membro do Politburo do CC do PCUS e desempenha desde 1957 as funções de ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS.

O cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros passa agora a ser exercido por Eduard Chervardnaze, até agora 1.º secretário do CC do Partido Comunista da Geórgia e ministro do Interior desta República.

O plenário do CC do PCUS decidiu ainda eleger Eduard Chervardnaze de 57 anos, membro efectivo do Politburo, e nomear para o secretariado do CC dois novos membros: Boris Yeltsin e Lev Zaikov.

Recorda-se que o camarada Chervardnaze já visitou por duas vezes o nosso país: a primeira, em Junho de 1979, chefiando a delegação do PCUS presente no IX Congresso do PCP, e a segunda, em 1983, chefiando também uma delegação do PCUS que visitou o nosso país a convite do PCP.

# Editorial

**Avante!**

Ano 53 — Série VII  
N.º 601

4 de Julho de 1985

1.º Caderno

Não pode ser vendido  
separadamente

## Respeitar a voz do povo — exigência essencial

**E**stará o «Avante!» a sair das máquinas de impressão no momento em que for feita ao País a anunciada Comunicação do Presidente Ramalho Eanes sobre a prevista dissolução da Assembleia da República e a convocação de eleições legislativas antecipadas.

Quer isto dizer que hoje, quando o nosso jornal chegar às mãos do leitor, estará porventura mais clarificada a solução institucional da crise governativa, mormente numa questão que todos consideram de primacial importância no momento actual e para o período imediato:

Que governo vai gerir o País até às eleições legislativas antecipadas.

Como se sabe, depois da ruptura da coligação PS/PSD em 4 de Junho, o Presidente da República activou os mecanismos constitucionais previstos para a emergência: ouviu os partidos com representação parlamentar, fez reunir o Conselho de Estado, ouviu individualmente os conselheiros, manteve contacto permanente com o Primeiro-Ministro demissionário.

No próximo dia 14 de Julho — dentro de oito dias, portanto — é atingido o prazo limite previsto na Constituição para que o Presidente possa fazer uso das suas prerrogativas constitucionais de dissolução da Assembleia da República.

Pode dizer-se que, apesar da gravidade da crise, apesar das pressões do calendário constitucional, apesar do atraso de decisões capitais e das manobras dilatórias de Mário Soares e do PS, as instituições têm mostrado a sua validade.

**E**ntretanto, a questão primacial do governo para gerir o País até às eleições antecipadas não é um problema puramente institucional — é essencialmente e no momento actual um problema político e como tal se impõe à consideração do órgão de soberania ao qual cabe decidir e às forças democráticas verdadeiramente empenhadas na defesa da democracia e do 25 de Abril.

A formação de um governo de iniciativa presidencial ou — na alternativa — de um Governo representativo das forças políticas com assento parlamentar, constituiria no momento actual a solução governativa mais susceptível de assegurar, no período transitório da sua vigência, a necessária isenção política e o rigoroso respeito pelo estatuto de gestão.

Esta correcta solução política da questão primacial do governo — complementar da solução democrática da crise governamental assente na dissolução da AR e na realização de eleições legislativas antecipadas — constituiria, além disso, o corolário mais justo da extraordinária vitória da democracia e consequente derrota da reacção corporizadas pela ruptura da coligação e o fim do Governo PS/PSD.

Se a opção do Presidente da República — mesmo sob a justificação da solução mais fácil no exiguo pe-

ríodo de oito dias que medeia até ao próximo dia 14 — vier a ser (ou tiver sido ontem à noite, como constava) a da manutenção do actual Governo PS/PSD como governo de gestão não há dúvida que se trata de uma mais perigosa solução para a defesa da democracia e a garantia e respeito da expressão eleitoral da voz do Povo.

**G**arantir a defesa da democracia e o rigoroso respeito pela voz do Povo nas eleições que se avizinhnam, na presente crise provocada pela política de desastre do Governo PS/PSD — que atingiu excepcional gravidade e cuja superação vai exigir a participação mais vigorosa e vasta das massas populares — tem de ser o timbre principal da acção de um governo de gestão para o País no período transitório que se aproxima.

A continuação do actual Governo demissionário da extinta coligação PS/PSD seria (será) a completa negação desta exigência fundamental.

O perfil moral deste Governo e do Primeiro-Ministro, Mário Soares, ficou sobejamente conhecido do povo português durante os dois anos da sua vigência. As razões da ruptura da coligação não assentam em quaisquer discordâncias de fundo ou de forma com o acordo contra-revolucionário assinado entre os dois partidos ex-coligados em 11 de Dezembro do ano passado. A prática dos últimos meses e mais ainda dos últimos dias mostra que o nosso Povo não pode ter, nem tem, quaisquer razões para confiar na isenção deste Governo.

Apesar de demissionário, o Governo PS/PSD, dirigido por Soares, continua igual a si próprio.

A defesa da democracia e o rigoroso respeito pela voz do Povo nas próximas eleições exige a extrema vigilância e a luta activa das massas populares, de todo o povo, das forças democráticas.

O PCP — como se diz na Nota de 1 de Julho da Comissão Política do CC — «combaterá com todo o vigor a tentativa do Governo de (nos últimos dias da sua existência) alterar as regras do jogo através de uma nova lei eleitoral para benefício do PS e do PSD».

**E**mbora derrotado e demissionário, o Governo PS/PSD prepara-se — mesmo sob a eventual roupagem de um governo de gestão — para tentar prosseguir o plano contra-revolucionário renegociado em 11 de Dezembro.

Está demissionário e a coligação desfeita mas os ministros são os mesmos.

Mário Soares, Machete, Almeida Santos, Ernâni, Veiga Simão, Amândio de Azevedo, Álvaro Barreto, o Gonelha da Tri-Lateral e os outros são os mesmos. Continuam — como se nada se tivesse produzido na qualificação da legitimidade do Governo — a sua obra de destruição de Abril, a sua política antipopular e antinacional, o seu projecto contra-revolucionário. Fazem tudo e tudo farão —

se não forem contidos — mesmo à custa de um sério desaire eleitoral — para levarem até às últimas o seu malfazejo trabalho contra a democracia portuguesa e as conquistas de Abril, para servir os monopólios, as multinacionais, o imperialismo.

O que se passa com o ruinoso e antipatriótico processo de adesão à CEE; com a celerada lei das rendas; com os pacotes legislativos que automaticamente cairão com a dissolução da AR; com a avalanche de propostas de lei, decretos-lei e resoluções aprovada na reunião de sábado e segunda-feira pelo Conselho de Ministros que são, em grande número, verdadeiras medidas de fundo que um Governo demissionário e desautorizado não tem o direito de impor ao País — é um indício claro dos propósitos do Governo demissionário.

«Não se pode admitir — diz-se na Nota da Comissão Política do CC — que a Assembleia da República, cuja dissolução está decidida, aprove diplomas de tão graves consequências para o nosso Povo e o nosso país como a lei das rendas e o Tratado de Adesão à CEE ou quaisquer outros que não versem questões inadiáveis ou de consenso geral.»

**O** Governo demissionário PS/PSD procura arranjar sem discussão à Assembleia da República a ratificação do «cheque em branco» que é para Portugal todo o processo de adesão à CEE.

Desenha-se a intenção de ratificar a adesão sem discussão, com a maioria dos dois «descoligados» e a cumplicidade amiga do CDS, apesar de largos sectores da base social e política dos três partidos se manifestarem em profundo desacordo com a integração, os termos do Tratado e as suas consequências para Portugal.

O Governo demissionário mente de maneira deliberada sobre as imposições ruinosas do Tratado de Adesão contra Portugal. Ao mesmo tempo que sem legitimidade o quer impor à Assembleia da República, os caixeiros-viajantes da coligação «descoligada» multiplicam as andanças pelo País e mistificam os portugueses principalmente e desde já os agricultores.

Em reuniões de quadros agrícolas, em plenários com agricultores, na RTP, os «banhas-de-cobra» do Governo demissionário tentam ludibriar quem os ouve sobre as consequências da adesão.

O que se conhece já das previsíveis consequências da adesão à CEE para a agricultura portuguesa constituiria, se fosse por diante, um verdadeiro cataclismo que levaria à destruição económica e social de muitos milhares de explorações agrícolas (e não só das pequenas e médias) e de centenas de milhares de pequenos e médios agricultores.

A via que preconizamos para acabar com a miséria nos campos é a que Abril abriu — a da Re-

# Resumo

26

Quarta-feira



Lucas Pires

O Conselho de Estado termina a reunião que iniciara dias antes, emitindo um parecer sobre a dissolução da Assembleia da República. ■ Afinal, eles não eram tão maus como isso. Lucas Pires, um «ferreiro adversário», lamenta o falhanço da coligação... ■ Em nota pastoral, o Cardeal Patriarca afirma que a adesão à CEE constitui um «acontecimento denso de consequências». ■ À margem da Junta de Freguesia interessa-



Boba: o fim do pesadelo?

da, a Câmara de Cascais mostra-se disposta a receber o lixo de Lisboa. ■ Começa a Festa do Teatro em Almada. ■ Chega a Portugal uma delegação do Partido Comunista Búlgaro. ■ Reagan marca prazo para passar «à acção» contra a capital libanesa. ■ A URSS afirma que poderá rever a sua posição em relação às conversações de Genebra com os Estados Unidos. ■ O ANC anuncia a sua intensão de intensificar a luta contra o apartheid. ■ Os ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE conseguem chegar a acordo sobre problemas mediterrânicos.

27

Quinta-feira

O porta-voz da Presidência anuncia que o Presidente da República decidiu dissolver a Assembleia. ■ Em Lisboa, uma «fila humana de luta» com mais de



Fila humana de luta

dois quilómetros exige a reposição da legalidade e uma solução patriótica para a crise. ■ Miguel Urbano Rodrigues é impedido de exercer o seu cargo de director do matutino «o diário». ■ Num picnic escolar, 35 crianças são vítimas de intoxicação em Sintra. ■ O PRD legaliza-se como partido político. ■ O PCP reafirma a sua oposição à continuação do actual Governo. ■ Mikhail Gorbachov admite que a URSS poderá reexaminar a sua participação nas conversações de Genebra. ■ O presidente brasileiro propõe a convocação de eleições para a Assembleia Constituinte em Novembro próximo. ■ Para fazer frente a uma eventual intervenção militar dos Estados Unidos, a Nicarágua reforça as suas defesas militares. ■ A Fran-

ça, a Suíça e a Síria desenvolvem esforços para pôr término ao caso dos reféns do avião da TWA.

28

Sexta-feira

O Secretariado das UCP's/Cooperativas Agrícolas do Distrito de Évora denuncia que o Governo demissionário está apostado em acelerar a ofensiva contra a



Governo ataca no Alentejo

Reforma Agrária. ■ A Confederação Nacional da Agricultura contesta o preço da batata. ■ O sector corticeiro obtém o mais elevado aumento dos últimos dez anos. ■ Iniciam-se as comemorações do «Dia da Cidade» de Vila Franca de Xira. ■ Dois terroristas suspeitos da autoria do atentado que destruiu um avião indiano foram treinados numa escola de terroristas nos EUA, confirma o director do referido campo. ■ Com a aprovação, na Câmara dos Representantes, de uma resolução que cria pretextos para a intervenção contra a Nicarágua, os planos belicistas de Reagan ganharam mais consistência. ■ 97 grupos e instituições protestantes e católicos da Ásia, Austrália e Pacífico assinam uma declaração onde exigem a autodeterminação do povo de Timor-Leste.

29

Sábado



Sandro Pertini

No Encontro da APU sobre Lisboa, é salientado que uma Câmara APU na capital é um objectivo possível e necessário. ■ Afinal, agora até para Soares Portugal vai ter «duros problemas de adaptação» à CEE. ■ No comício de amizade PCP-PC Búlgaro, Álvaro Cunhal salienta que há razões para olhar a luta e o futuro com confiança. ■ Um antigo militar de Savimbi afirma em Lisboa que dois mil portugueses combatem nas fileiras dos bandidos armados da UNITA. ■ Manuela Eanes denuncia a existência de graves problemas de fome nas regiões de Lisboa e Setúbal. ■ A falta de garantias dadas pelos Estados Unidos leva à suspensão da libertação dos reféns norte-americanos do avião da TWA. ■ O presidente cessante italiano, Sandro Pertini, apresenta formalmente a sua demissão. ■ Um relatório oficial norte-americano confirma que a CIA utilizou nazis nas suas operações de espionagem contra a União Soviética.

30

Domingo

O Encontro de Baldios e Compartes de Trás-os-Montes conclui que os novos

deputados terão de garantir a defesa da Lei dos Baldios. ■ Nas Caldas da Rainha, Octávio Pato sublinha que, em vésperas de eleições, o Governo PS/PSD tenta alterar as regras do jogo. ■ A Federação dos Metalúrgicos salienta que a Assembleia da República já não tem legitimidade para aprovar a Lei das Rendas, que está agendada para quarta-feira. ■ Rui Machete pede «ajuda concreta» à NATO. ■ «Je Vous Salue, Marie» na Cinemateca com Abecasis a querer escaqueirar tudo. ■ Segundo Cavaco e Silva, a taxa de desemprego atingirá, para o ano, 15 por cento. Consequências de quê?... ■ A África do Sul desencadeia nova agressão militar contra a República Popular de Angola. ■ Os passageiros do avião da TWA em poder dos shiitas são entregues à Cruz Vermelha Internacional. ■ A Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional inflige numerosas baixas às tropas governamentais salvadorenhas.

1

Segunda-feira

Às zero horas é encerrada a lixeira de Boba, no concelho da Amadora. ■ Recebida pelo Presidente da República, a CGTP-IN manifesta a sua oposição à manutenção do actual Governo. ■ A Comissão Política do PCP salienta que a política que derrotou o Governo e a coligação não pode prosseguir. ■ Cavaco e Silva garante que o PSD não voltará a formar Governo com o PS se perder as eleições. ■ Antes da audiência com o Presidente da República, a UGT reúne-se com representantes da Comissão Permanente do PS. ■ Segundo um estudo da CGTP-IN, mais de 85 por cento dos desempregados não recebe o respectivo subsídio. ■ Os trabalhadores da metalomecânica pesada exigem a viabilização do sector. ■ A Câmara Municipal de Cascais suspende a decisão de abrir a lixeira de Trajouce aos lixos de Lisboa. ■ A FENPROF propõe medidas urgentes para o ensino. ■ A África do Sul continua a dizer que as suas tropas já retiraram do território da República Popular de Angola. ■ Diplomatas indonésios reconhecem que um «violento ataque» da Fretilin causou cerca de trinta mortos entre o exército fascista de ocupação. ■ A aviação iraquiana recomeça a guerra das cidades, no Golfo.

2

Terça-feira

PS e PSD impedem na AR debate sobre tratado de adesão à CEE. Assim o ditaram na primeira reunião da Comissão de Integração Europeia. ■ É inconstitucional e contrário à Lei de Imprensa que o matutino «o diário» possa ser privado do subsídio de papel devido à terceira condenação em tribunal do director do jornal — considera o Sindicato dos Jornalistas. ■ A propósito da Lei de Segurança Interna e da sua não aprovação em definitivo no parlamento, o comandante-geral da PSP dirige críticas à Assembleia, ao mesmo tempo que elogia o Governo. ■ A Cooperativa «Futuro de Canha», Montijo, é assaltada por agrários. ■ Soares vai a S. Bento pressionar os deputados socialistas para a votação favorável da Lei das Rendas. ■ Andrei Gromyko é eleito presidente do Presidium do Soviete Supremo da URSS (chefe de Estado). M. Gorbachev foi também eleito para o Presidium. ■ Um atentado terrorista causa graves prejuízos nas instalações da representação do Congresso Nacional Africano (CNA) da África do Sul na capital da Zâmbia, Lusaka. ■ Aguarda-se em Espanha remodelação do governo de F. Gonzalez.

**Avante!**  
Proletários de todos os países UNI-VOS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português. Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 — Lisboa CODEX. Tel. 76 83 45

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO: Av. Santos Dumont, 57-3.º — 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO: CDL, Central Distribuidora Livreira, SARL, Serviços Centrais: Av. Santos Dumont, 57 - 2.º — 1000 Lisboa Tel. 77 98 28/77 98 25/76 97 51

Casa da Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 — 1200 Lisboa Tel. 37 22 38

Centro Distribuidor de Évora: Alarcova de Baixo, 13 — 7000 Évora Tel. 26361

Centro Distribuidor de Faro: Rua 1.º de Dezembro, 23 — 8000 Faro Tel. 24417

Delegação do Norte: Centro Distribuidor do Porto: R. Miguel Bombarda, 578 — 4000 Porto Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra: Terreiro da Erva, 6 — 3000 Coimbra Tel. 28394

ASSINATURAS: Av. Santos Dumont, 57-4.º Esq.º — 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO: R. João de Deus, 24 — Venda Nova 2700 Amadora. Tel. 90 00 44

PUBLICIDADE CENTRAL: Alameda St.º António dos Capuchos, 6-B — 1100 Lisboa. Tel. 77 69 36/77 67 50

Composto e Impresso na Heská Portuguesa — R. Elias Garcia, 27 Venda Nova — 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/85

Tiragem média do mês de Maio: 41 348

## Nota da Comissão Política do CC do PCP

A Comissão Política do CC do PCP examinou os últimos desenvolvimentos da situação política e salienta três conclusões essenciais:

### Primeira:

A realização de eleições antecipadas e a demissão de facto do Governo por virtude da ruptura da coligação constituem uma grande vitória da luta popular e democrática e significam que o plano contra-revolucionário do Governo PS/PSD foi derrotado e está suspenso nos seus aspectos mais graves.

O PCP opor-se-á com todo o vigor a que o Governo do PS/PSD e a maioria destes partidos na AR prossigam (nas últimas duas semanas da sua existência) a política de destruição que os conduziu à derrota.

Não se pode admitir que o Governo de facto demitido e a coligação desfeita procurem continuar a concretizar, agora parcialmente desresponsabilizados, a política e os planos contra as conquistas de Abril e os interesses populares.

Não se pode admitir que a Assembleia cuja dissolução está decidida aprove diplomas de tão graves consequências para o nosso povo e o nosso país como a lei das rendas e o Tratado de Adesão da CEE ou quaisquer outros que não versem questões inadiáveis ou de consenso geral.

### Segunda:

O PCP combaterá com todo o vigor a tentativa do Governo de (nos últimos dias da sua existência) alterar as regras do jogo através de uma nova lei eleitoral para benefício do PS e PSD.

O PCP reclama que, em todo o processo eleitoral, sejam assegurados os princípios democráticos e a **igualdade dos partidos** e reclama que desde já essa igualdade seja garantida na Comunicação Social do Estado, nomeadamente, na RTP e RDP.

A nova tentativa de instrumentalização do poder por parte do Governo demissionário de Mário Soares para alterar a lei eleitoral, confirma a sua completa falta de seriedade e isenção para actuar como Governo de gestão em período de eleições.

### Terceira:

Tendo feito propostas construtivas para a formação de um governo de gestão sério e isento, o PCP **opõe-se categoricamente** a que ficasse em gestão, seja o actual Governo PS/PSD (remodelado ou não), seja um novo governo na base desses mesmos partidos.

O PCP lutará com todo o vigor para que **qualquer que seja o Governo que fique depois da dissolução**

da Assembleia da República, se mantenha rigorosamente nos limites dos restritos poderes de um Governo de gestão.

\*\*

A Comissão Política do CC do PCP salienta também que a derrota do plano contra-revolucionário do Governo PS/PSD e a decisão de eleições antecipadas para a Assembleia da República constituem uma magnífica vitória do povo português que vem abrir a perspectiva de concretização de uma alternativa democrática capaz de enfrentar com sucesso a situação grave criada pelos sucessivos governos de direita com a participação do PS, do PSD e do CDS.

A Comissão Política reafirma a importância da continuação da luta para que se concretize o objectivo essencial do momento: a realização de eleições sérias e democráticas.

A Comissão Política salienta que o reforço da votação da APU e da representação parlamentar do PCP e dos seus aliados na APU são condições para que a alternativa democrática seja alcançada e corresponda às aspirações e aos interesses do povo e do país, à defesa da democracia e da independência nacional.

## Delegação do PC Búlgaro em Portugal



O comício de amizade realizado em V. F. Xira foi um ponto alto na visita a Portugal da delegação do PC Búlgaro. Do que foi essa jornada, assim como do restante programa da visita, falamos nas páginas seguintes

**Reforçar  
o Poder Local  
democrático  
melhorar a vida  
das populações**

Documentos e intervenções  
Conferência Nacional  
do PCP



edições  
Avante!

PCP

Visita do PC Búlgaro

## Vila Franca coroa Amizade

### O fitas

Já se sabia que Kruz Abecasis, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, é um corta-fitas profissional, um João Jardim à escala urbana, não nos tamanhos da tesoura e do punho que a segura (aí andam ela por ela) mas, naturalmente, na dimensão do chafariz — em Lisboa as torneiras são bocas de rega comparadas às do Funchal, tal como os prédios, quando caem, sobem para cima 20 ou 30 metros a mais que os que se esboroam na pérola do Atlântico. Isto numa quantificação ligeira do problema.

De facto Abecasis tem cortado fitas para todos os gostos, o homem é capaz de inaugurar quase tudo: obras sem projecto, projectos sem obras, bairros que não foram construídos, outros que foram arrasados, uns metros de estrada, um reboco de parede, uma transplantação de árvores, um friso de azulejos, um punhado de contentores, meia dúzia de andaimes, pátios alfacinhas, carteiras de escola, Livros de Honra, castelos amputados, festivais sem público, Lunas Parque sem sítio, metropolitanos sem obras, terrenos alienados — o que se quiser.

Só não consegue inaugurar bairros sociais numa Lisboa ultracarenciada de habitação, pela suficiente razão de que ninguém os construiu; só não pode cortar fitas que ponham a funcionar os milhares de quilómetros de redes de água e esgoto que faltam na cidade porque, obviamente, ninguém se deu ao trabalho de tratar do caso; não pode afiar a tesoura no regalo de uma Lisboa recuperada, porque o diabo dos prédios passa a vida a cair sem dar tempo que se lhes ponha umas escoras, pelo menos; não pode, enfim, acorrer a tudo e tratar de miudezas que, no fim de contas, já foram várias vezes resolvidas em programas eleitorais, com a particularidade de irem, em breve, ser de novo resolvidas, na campanha do fim deste ano.

Postas as coisas neste pé, seria de esperar que o presidente da Câmara Municipal de Lisboa se desse por satisfeito com os milhares de candeeiros apagados que tem ao dispor na cidade para outros tantos cortes de fita na colocação das respectivas lâmpadas, ou os milhares de buracos que só anseiam pela inauguração presidencial, ou mesmo — se quisermos entrar na essência abecasisiana — os ainda numerosos palácios, monumentos e terrenos municipais que se encontram disponíveis para umas boas tesouradas.

Mas quando a alma é grande, não há tamanho que lhe chegue. Daí a aparente novidade de Abecasis a introduzir uma variante no seu método, cuja consiste em armar e cortar fitas ao mesmo tempo.

Como se sabe, a estreia do método ocorreu na estreia de um filme e à porta de um cinema para dar maior consistência ao acto, sendo a seguinte, a disposição coreográfica no terreno: da parte de fora Abecasis a armar a fita com que pretendia cortar a outra que passava lá dentro, tendo a primeira o sugestivo título de «Vou Lá Dentro e Escaqueiro Tudo» e a segunda chamando-se simplesmente «Je Vous Salue Marie». Perante títulos tão contraditórios, natural foi que os apoiantes das duas fitas em confronto se ressentissem, verificando-se a originalidade de se assistir aos à volta de 20 fãs do «Vou Lá Dentro e Escaqueiro Tudo» a cantarem hossanas, a rezar o terço e até avé-marias, enquanto os de dentro, os cerca de 300 espectadores da «Avé Maria», chamavam aos outros, pura e simplesmente, fascistas. Abecasis incluído.

O assunto encerrar-se-ia de forma bisonha para com o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, com este a reivindicar essa qualidade e a polícia a responder-lhe que «isto não pertence ao seu pelouro». Além do mais nem tinha bilhete para entrar.

Foi assim ao fundo, de uma vez, o método abecasisiano de armar e cortar fitas ao mesmo tempo o que, se nos permitem uma expressão simplista, só confirma que não se pode ter sol na eira e chuva no nabal — sobretudo se o nabo mete água para além do que, cristamente, se recomenda...

HC

Mais de meio milhar de pessoas festejou a visita da delegação do Partido Comunista Búlgaro ao nosso país no comício em Vila Franca de Xira que, na passada sexta-feira, constituiu ponto alto desta deslocação a Portugal de uma representação do PCB a convite do Partido Comunista Português. O camarada Yordan Yotov, chefe da delegação e membro do Bureau Político e director do órgão central do PCB «Rabotnitchesko Delo» usaria da palavra antes do secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal (os dois discursos estão transcritos noutra local desta edição), sendo ambos os oradores frequentemente interrompidos pelos aplausos da multidão que, no Cine-teatro de Vila Franca de Xira, aproveitava para se congratular com outro acontecimento: a queda do governo de Mário Soares. Tudo no dia em que por ali se comemorava o primeiro aniversário da elevação de Vila Franca de Xira a cidade, «complemento» que, no meio da festa, se pode dizer que veio bem a tempo...

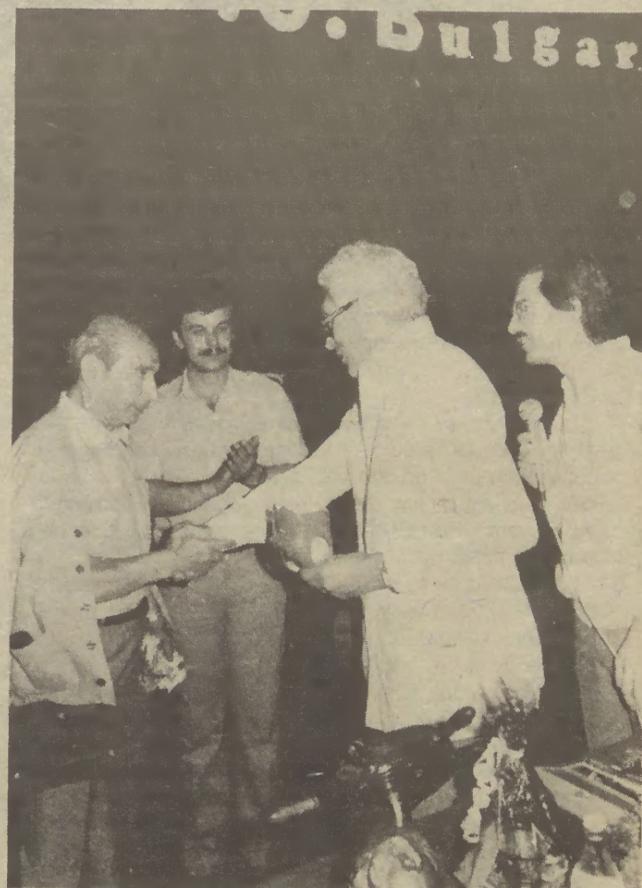
Se o coro da «Internacional», que abriu o comício, ergueu punhos de entusiasmo, a execução dos hinos dos dois países, no final, sedimentou a solidariedade internacionalista que constituiu toda a sessão. É necessário assistir a uma iniciativa destas (e basta escolher uma ao acaso, no calendário de actividades do PCP) para se perceber a diferença que vai entre uma arregimentação populista inundada de foguetório a haver, e um acto de participação política onde se é... e não se finge ser.

E o que se foi, na sexta-feira passada em Vila Franca de Xira, constitui uma afirmação de maturidade política e atenção cultural que não pode ser referenciado por quem, no Poder deste País, fala em nome do povo como quem arenga do alto de um qualquer coreto. É que quem ouviu Yordan Yotov e depois Álvaro Cunhal, na passada sexta-feira, fê-lo com a atenção de quem não vai só para ouvir, muito menos de só por ir, mas sobretudo para sa-

ber — e saber mais do que já sabia. E isto é a essência de qualquer comício promovido pelo PCP, por muito que tal custe a admitir a quem, das tribunas comiçieiras, apenas vê o ângulo de ribalta a conquistar... De facto Yordan Yotov foi ouvido com a disponibilidade de quem quer saber mais coisas acerca de realidades de que, pelos menos,

já ouviu falar, enquanto Álvaro Cunhal foi escutado com a atenção de quem sabe, também pelo menos, que nada neste país acontece à margem da actividade política do PCP. (Permita-se uma nota de reportagem: num café em frente do Cine-teatro um grupo de «jocosos» animavam o seu serão com comentários vermelhusco-tauromáquicos acerca da movimentação que se oferecia à esplanada: três deles — vimo-los nós — acabariam, muito juntinhos, por ouvir Álvaro Cunhal de fio a pavio na esquerda recuada da plateia. Entre-sorrindo-se, com embaraço, nas aclamações da multidão...).

Um comício? Pois claro — um comício. E como deve ser um comício: vibrante, atento e a saber porquê. Já agora saibam-se mais alguns pormenores: a mesa era constituída pela delegação búlgara (os camaradas Yordan Yotov — o chefe da delegação, como já dissemos — Sava Dalbokov, membro do Comité Central e Pri-



Prendas dos trabalhadores portugueses para as camaradas búlgaras

guesia do PCP de Vila Franca de Xira). Presente também o presidente da Câmara Municipal, camarada Daniel Branco.

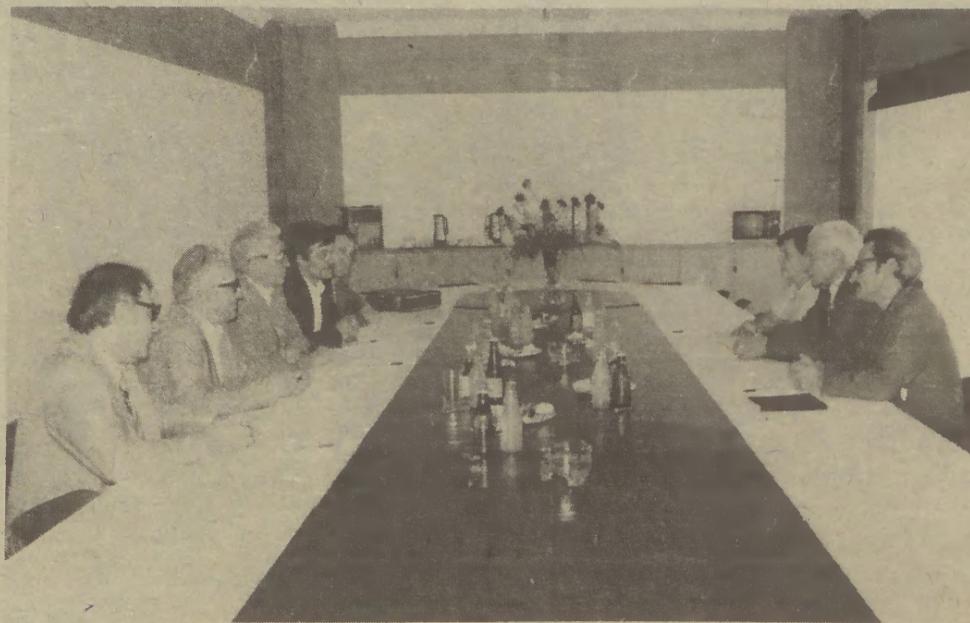
Houve prendas, como acontece sempre entre amigos: dos visitantes para os seus anfitriões, e destes para os primeiros. Particularmente festejados o busto de Jorge Dimitrov e a presença dos

— que decorreu entre 26 de Junho e 1 de Julho — permitiu aos visitantes outros contactos com a realidade portuguesa.

Para além das conversações com os órgãos dirigentes do PCP, nomeadamente com uma delegação composta por Álvaro Cunhal, secretário-geral, Luisa Araújo, membro suplente do Secretariado, e Albano Nunes, do Comité Central e responsável da Secção Internacional do PCP, a delegação do PCB teve oportunidade de visitar o Distrito de Santarém (onde se encontrou com uma delegação da respectiva Organização Regional) e de tomar contacto com a realidade da Reforma Agrária no nosso País com uma deslocação que fez à UCP/Cooperativa de Águas Belinhas/Volta do Vale, no Concelho ribatejano de Coruche.

No distrito de Lisboa visitou a empresa Covina, sendo posteriormente recebida na Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, no que constituiu um encontro aberto com boas «testemunhas» do mundo fabril e da realidade autárquica no nosso país. Um jantar nos Avieiros, em Vila Franca de Xira, e antes do comício de amizade, permitiria ainda um contacto mais «regional» com outro património nacional: a gastronomia.

Como se refere no comunicado final, que também publicamos nesta edição, as conversações realizadas decorreram num ambiente de fraternal amizade e camaradagem que caracterizam as relações entre os dois partidos, tendo sido trocadas informações e opiniões sobre as questões de maior actualidade na vida dos dois partidos, da situação internacional e do movimento comunista e operário.



As delegações dos dois partidos durante as conversações (ler comunicado conjunto na pág. 5)

meiro Vice-Presidente da Frente Pátria, e Tzonko Goerguiev, membro do Departamento Internacional), a representação dos órgãos dirigentes do PCP (Álvaro Cunhal, secretário-geral, Luisa Araújo, do Secretariado do CC do PCP e Albano Nunes, do CC e da Secção Internacional do PCP) e dos organismos locais do Partido (Comissões Concelhia e de Fre-

Pioneiros de Portugal. A festa estava ali, sem equívocos.

### Não foi só comício

Mas a delegação do Partido Comunista Búlgaro não apreciou apenas o caloroso convívio da noite de sexta-feira, em Vila Franca de Xira. O programa da visita

PCP

## Visita do PC Búlgaro

# «A vitória alcançada permite olhar a luta e o futuro com acrescida confiança»

— disse Álvaro Cunhal em V. F. de Xira

Camaradas:

É para todos nós motivo de grande alegria termos hoje aqui conosco, neste comício de amizade, uma delegação do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro.

A calorosa recepção dispensada aos nossos camaradas mostra como são profundos os sentimentos de amizade dos comunistas e do povo de Portugal para com os comunistas e o povo da Bulgária.

Bem-vindos a Portugal, queridos camaradas. Desejamo-vos uma boa estadia e que vos sintais entre nós como em vossa própria casa.

## A amizade fraternal PCP-PCB

Amizade fraternal é bem a expressão que caracteriza as relações existentes entre os nossos dois partidos.

Irmãos de combate numa mesma luta emancipadora que ganhou todos os continentes. Irmãos pelos grandes objectivos históricos, pela natureza e política de classe, pela ideologia marxista-leninista, pelas posições internacionalistas baseadas nos elevados princípios do internacionalismo proletário.

Acabamos de ouvir, aqui neste comício, calorosas palavras de apreço e solidariedade do Partido Comunista Búlgaro para com o nosso Partido e o nosso povo. Pela nossa parte, estou certo de traduzir os sentimentos gerais confirmando à delegação do PCB o nosso alto apreço pelo trabalho e a luta do heróico PCB, da classe operária e dos trabalhadores da Bulgária na construção da nova sociedade, pelas suas notáveis realizações, pelas suas posições internacionalistas, pela sua política de paz.

Pedimos por isso ao camarada lotov que, de volta à sua pátria, transmita ao camarada Todor Jivkov, ao Comité Central e aos membros do PCB e ao povo da Bulgária as saudações calorosas dos comunistas e do povo de Portugal e os votos de novos e grandes êxitos na construção da sociedade socialista desenvolvida.

As conversações realizadas confirmaram a semelhante apreciação feita pelos nossos dois partidos da situação internacional e dos mais candentes problemas do mundo contemporâneo.

Coincidimos em que o perigoso agravamento da situação internacional é devido fundamentalmente à política de ingerência, de agressão e de guerra do imperialismo, designadamente do imperialismo norte-americano. Coincidimos na necessidade do reforço da luta contra a corrida aos armamentos e contra a chamada «guerra das estrelas».

Coincidimos na opinião positiva acerca das construtivas propostas de paz da União Soviética, da Bulgária e de outros países do Tratado de Varsóvia. Coincidimos na necessidade de unir todas as forças da paz na acção conjunta para afastar a ameaça de uma catástrofe nuclear.

Coincidimos no apoio e solidariedade activa para com todos os povos em luta pela liberdade, a democracia, a independência nacional e o socialismo, designadamente na América Central, na África Austral e no Próximo Oriente.

Coincidimos na contribuição em defesa da unidade do movimento comunista internacional e da acção comum ou convergente dos países socialistas, da classe operária dos países capitalistas, do movimento de libertação nacional e dos países progressistas.

Coincidimos na atitude recíproca de amizade, cooperação e solidariedade.

A delegação do PCB chegou a Portugal num momento particularmente complexo da situação política no nosso país.

Vindos como é já hábito para tomar contacto directo com a situação portuguesa e a actividade do nosso Partido, pode dizer-se que os camaradas do PCB chegaram no melhor momento.

Este nosso comício, sendo uma expressão do nosso internacionalismo, é também um testemunho da situação que vivemos.

Creio, camaradas, que é motivo de alegria podermos aqui receber os nossos camaradas do PCB, com a notícia de uma grande vitória da classe operária, do povo e dos comunistas portugueses. **Ontem mesmo, pelo Presidente da República, foi decidida a dissolução da Assembleia da República e a realização de eleições antecipadas.**

É uma grande notícia que testemunha uma derrota dos planos de contra-revolução conduzidos pelo governo PS/PSD e de que a vitória alcançada permite olhar a luta e o futuro com acrescida confiança.

## A queda do Governo PS/PSD primeira grande vitória da democracia

Nas últimas semanas, o povo português e a democracia portuguesa alcançaram duas grandes vitórias: a derrota do Governo e as eleições antecipadas.

Esse governo PS/PSD, esse governo da «maior maioria», esse

governo cujo primeiro-ministro Mário Soares julgava ter já todo o poder nas mãos, esse governo que se propunha liquidar num curto prazo as conquistas de Abril e o regime democrático, esse governo está derrotado e, qualquer que seja a situação no imediato, está demissionário.

Era um governo de coligação, com um programa de coligação, com uma maioria da coligação na Assembleia da República. A ruptura da coligação PS/PSD representou imediatamente o fim do governo PS/PSD, a sua derrota e a sua demissão.

No nosso entender, logo que foi declarada a ruptura, Mário Soares tinha a estrita obrigação de pedir a demissão, dele e do governo. Como o não fez deveria ter sido imediatamente demitido.

Não o foi. Mas deixou de ser o governo PS/PSD com plenos poderes para levar por diante a realização do plano contra-revolucionário assinado pelos dois partidos.

Mário Soares, o PS e o PSD ainda estão no governo. Mas estão derrotados, divididos, demissionários. O governo ainda está em funções. Pode ainda aguentar-se mais algum tempo. Como é um governo fora da lei e fora de quaisquer princípios morais, é capaz de tentar ainda prosseguir as suas ofensivas contra as conquistas democráticas do nosso povo. **Mas perdeu definitivamente o poder de assassinar o Portugal de Abril. O seu plano de liquidação das conquistas de Abril e do regime democrático na primeira metade deste ano foi sustido e paralisado.**

**A crise governamental e a demissão do governo PS/PSD constitui uma estrondosa derrota da reacção e uma grande vitória do povo e da democracia portuguesa.**

## Não foi o governo que caiu foi o povo que o atirou abaixo

As forças reaccionárias procuram convencer a opinião pública de que a causa da queda do governo foi apenas o conflito entre os dirigentes do PS e do PSD, conflito que levou à ruptura da coligação.

Hoje já não oferece porém dúvidas de que a ruptura não se deu por motivo de grandes diferenças de programa e objectivos políticos.

Por acordos firmados e por conclusões das «cimeiras», PSD e PS, como Mário Soares, estavam inteiramente identificados no objectivo de destruição das conquistas de Abril e na restauração dos monopólios (associados ao imperialismo) e dos latifúndios. Estavam inteiramente identificados nos planos de liquidação do regime democrático consignado na Constituição e de liquidação da própria Constituição.

Por declarações nunca desmentidas, a ruptura deu-se porque o PSD, não querendo ir ao fundo com Mário Soares, na previsível derrota do governo PS/PSD, negou o apoio à candidatura de Soares para Belém e resolveu evitar o naufrágio com o PS buscando solução numa nova aliança com o CDS.

Uma coisa é absolutamente certa. **Com ruptura ou sem ruptura o governo de Mário Soares estava condenado à derrota.**

**Estava condenado à derrota** pelo fracasso total da sua política que, anunciando a recuperação económica do país, conduziu a economia ao desastre, o povo à miséria, o país a uma crescente e humilhante dependência.

**Estava condenado à derrota** porque a política contra-revolucionária, pela sua própria natureza, por querer fazer voltar atrás todo o processo de democratização nacional, pelos golpes desferidos contra as conquistas democráticas, provocou a desestabilização económica, a desestabilização financeira, a desestabilização social e finalmente a desestabilização política, que com a ruptura da coligação acabou por dar o golpe de misericórdia no próprio governo.

**Estava finalmente condenado à derrota** (e este é o factor essencial e determinante) porque os trabalhadores e as massas populares resistiram heroicamente às ofensivas contra-revolucionárias, lutaram heroicamente na defesa das conquistas de Abril, e confluíram as diversas e impetuosas torrentes de luta das várias classes e camadas sociais, numa só e poderosa torrente cujo objectivo central se tornou a demissão do governo PS/PSD.

O nosso povo considera com razão que **foi o povo que atirou o governo ao chão.**

## A dissolução da Assembleia da República segunda grande vitória da democracia

Para salvar o país do verdadeiro desastre nacional para o qual o Governo PS/PSD nos arrastou, o nosso Partido (e com o nosso Partido os trabalhadores e vastíssimos sectores sociais e políticos) reclamámos **duas medidas fundamentais e complementares: a demissão do governo e a dissolução da Assembleia da República e eleições antecipadas.**

Embora ainda em funções, o governo já está demitido. Foi a primeira grande vitória. **A dissolução da Assembleia da República e a**



**realização de eleições antecipadas (que acabam de ser decididas) constituem sem qualquer dúvida, uma segunda e ainda mais retumbante vitória da democracia e do nosso povo.**

Certas forças reaccionárias e particularmente Mário Soares e a sua gente do PS, utilizaram todos os argumentos e manobras, para impedir a dissolução da Assembleia da República e a realização de eleições antecipadas.

Tudo fizeram para formar um novo governo, de forma a que a actual Assembleia da República não fosse dissolvida.

Defenderam a tese de que, rompida a coligação, o Presidente da República deveria chamar o PS, como partido mais votado, para formar novo governo.

Como os outros partidos, consultados nos termos constitucionais, tivessem afirmado que não deixariam passar tal governo na Assembleia da República, inventaram que as direcções dos partidos não podiam falar em nome dos respectivos deputados e que portanto um governo minoritário do PS devia apesar de tudo ser apresentado à Assembleia da República.

Depois, vendo que tal plano encontrava resistência intransponível, afirmavam-se abertos a considerar um governo com maioria PS alargado a independentes, talvez mesmo com outro primeiro-ministro... solução que seria ouro sobre azul para o derrotado Mário Soares: continuar com um governo PS nas mãos, um novo governo com a fachada caiada de novo, dispondo do aparelho com os recursos do Estado, deixando ao mesmo tempo as mãos livres a Mário Soares para lançar a candidatura à Presidência da República.

Eles que, antes de o governo cair, procuraram **governamentalizar** todo o poder político, procuraram, uma vez o governo derrotado, **parlamentarizar** todo o poder e transferir para a Assembleia da República as competências que pertencem ao Presidente da República, no que respeita à formação do novo governo.

E, ao mesmo tempo desenvolveram uma campanha orquestrada tentando pressionar o Presidente da República e condicionar a sua decisão.

Não houve argumento que não utilizassem. Não houve insinuação que não fizessem. Não houve chicana nos processos e nos prazos que não tivessem tentado.

O dr. Almeida Santos, por exemplo, saiu-se com uma de mestre ilusionista: Se a data até à qual o Presidente da República pode dissolver a Assembleia da República é 14 de Julho, então (argumentou o dr. Almeida Santos) não é bonito que o Presidente dissolva a Assembleia alguns dias antes de terminar o prazo.

Não se trata de anedota. Trata-se de confundir a opinião pública. Pois é absolutamente certo que, se o Presidente da República tivesse dissolvido a Assembleia da República, 2 ou 3 meses antes (e a nosso ver de há muito havia mais do que razões políticas e institucionais para o fazer), o dr. Almeida Santos diria precisamente o contrário: que terminando o prazo em 14 de Julho, e tendo o Presidente tantos meses à sua frente, não se justificava nem era bonito que decidisse a dissolução sem dar tempo e que até ao dia 14 se encontrasse uma solução.

A história do velho, do rapaz e do burro é há muito conhecida e não são os artifícios verbais que alteram as realidades, nem os direitos, nem as competências, nem as legitimidades.

O facto é que, contrariados os planos, a vontade e as manhas de Mário Soares e seus acólitos, a dissolução da Assembleia da República e a realização de eleições antecipadas **representam uma colossal derrota da reacção, designadamente de Mário Soares e do PS por ele arrastado a um beco sem saída, representam uma extraordinária vitória do povo português e do Portugal de Abril.**

## A derrota é comum ao PS e ao PSD

A derrota do governo e a dissolução da Assembleia da República, dominada pela «maior maioria de sempre» significa não apenas uma grande derrota do PS, mas também uma grande derrota do PSD.

A diferença é que o PSD, vendo o naufrágio próximo e sentindo-se arrastado para o fundo com Mário Soares, saltou do barco e logo procurou sacudir a água do capote.

Dir-se-ia que nem PS nem PSD são responsáveis pela gravíssima situação económica e social. Cada qual atira para o parceiro toda a responsabilidade.

Mário Soares acusa o PSD de impedir que ele Soares resolvá os problemas agora que tudo ia correr às maravilhas. E o PSD, como se tivesse sempre estado na oposição, acusa o PS e o gover-



**PCP**

no dos salários em atraso, da inflação, da recessão económica, da quebra dos investimentos.

É de facto um espectáculo fantástico, camaradas.

O novo presidente do PSD, Cavaco e Silva, atacando violentamente a política que tem sido seguida e acusando o governo de responsável pela calamitosa situação a que o país chegou, aparece como a inocência personificada, personificando a inocência do PSD.

Parece inacreditável que o PSD o diga. Mas di-lo mesmo.

E qual é a verdade, camaradas?

**A verdade é que o PSD tem estado no governo nos últimos 6 anos. Tem tido lugares proeminentes nos Ministérios da área económica. Tem por isso tão grandes responsabilidades como o PS na política que tem sido seguida e no desastre a que o governo conduziu o país. Não são as mentiras e a propagação da última hora que salvam o PSD da responsabilidade.**

(...)

**O PSD é tão responsável como o PS pelos verdadeiros crimes políticos que têm caracterizado a política deste governo.**

**O PS com Mário Soares pagará caro nas eleições a factura pelos malefícios que o governo fez ao povo e ao país. Mas é necessário que o PSD pague outra factura igual.**

### **Eleições antecipadas: pesados custos poupados ao país**

Na campanha contra a dissolução da Assembleia da República, as forças reaccionárias, e em especial Mário Soares e os seus amigos, multiplicaram as afirmações acerca dos elevados custos para o país que resultariam das eleições antecipadas.

Mas o que custaria mais ao país? Ficar a Assembleia ou ser dissolvida?

Nós afirmamos de forma categórica: **não haveria situação que mais pesados custos representasse para o país do que a continuação da Assembleia da República...** Pesados custos e gravíssimos perigos de que ainda hoje muitos portugueses não tomaram plena consciência.

Se a Assembleia da República não fosse dissolvida, ficaria depois de 14 de Julho sem qualquer controlo, sem qualquer supervisão, sem qualquer fiscalização, sem qualquer vigilância da sua actuação.

**A partir de 14 de Julho (não podendo o Presidente dissolver a Assembleia da República) a maioria reaccionária de deputados estaria em condições de subverter completamente o regime.**

Porque, se o Presidente da República não tivesse decidido dissolver a Assembleia da República antes de 14 de Julho, a partir de 14 de Julho seria o Governo e a Assembleia (ou melhor, a maioria reaccionária da Assembleia) que estariam em condições de atar de pés e mãos o Presidente, reduzi-lo a um órgão de soberania meramente decorativo, procurando forçá-lo à demissão.

A continuação da actual Assembleia da República representaria a continuação no poder de um Governo que prosseguiria a sua obra de destruição, de desemprego, de fome e de miséria.

A continuação da actual Assembleia da República representaria a aprovação de toda a espécie de leis anticonstitucionais e contra-revolucionárias, dando uma aparente legalidade à liquidação das conquistas de Abril.

Representaria a aprovação do pacote laboral que daria base para a multiplicação de despedimentos, novas descidas dos salários reais, a intensificação geral da exploração dos trabalhadores.

Representaria a aprovação do pacote agrícola com vista à liquidação total da reforma agrária, ao roubo dos baldios aos povos, da liquidação dos direitos dos rendeiros alcançados com a revolução democrática.

Representaria a aprovação do pacote dos sectores com o qual se visaria a liquidação completa das nacionalizações e a reprivatização dos sectores básicos da nossa economia.

Representaria a aprovação do pacote autárquico estabelecendo a chamada «tutela», o efectivo controlo e a efectiva e discricionária governamentalização das autarquias, ou seja, a liquidação do poder local democrático.

Representaria a aprovação do pacote eleitoral que poria fim ao princípio constitucional da proporcionalidade e tornaria o sufrágio universal uma verdadeira farsa.

**Se a Assembleia da República não fosse dissolvida, a democracia portuguesa defrontaria a mais grave ameaça destes seus 11 anos de existência.**

**A dissolução da Assembleia da República e a realização de eleições antecipadas significam que o país fica livre do Governo PS/PSD com plenos poderes e poupado aos elevadíssimos custos de toda essa legislação contra-revolucionária que daria uma base para levar por diante a tentativa de subversão e destruição do regime democrático.**

Com a dissolução da Assembleia e a realização de eleições antecipadas foram assim poupados ao país pesadíssimos custos, pelo que o povo tem razões de sobra para vitoriar a dissolução da Assembleia da República como uma grande vitória e um grande e positivo acontecimento.

### **Manobras em torno da formação do governo de gestão**

A luta do nosso povo atingiu um dos seus grandes objectivos: a dissolução da Assembleia da República. Mas não atingiu o outro: a formação de um governo de gestão sério e isento.

Porque apesar de o Primeiro-Ministro e o governo estarem demissionários, sem qualquer legitimidade constitucional e institucional para continuarem no Poder, Soares e C.ª agarram-se desesperadamente ao Poder e utilizando as manobras e processos mais

vergonhosos procuraram inviabilizar (e conseguiram inviabilizar) a formação de um governo de gestão sério e isento.

A luta popular conseguiu levar o governo à demissão, à perda dos seus plenos poderes, à dissolução da Assembleia da República que dava o suporte legislativo à sua acção.

Mas não conseguiu (e pode afirmar-se que já não consegue de momento) a formação de um governo de gestão sério e isento.

Qual foi a posição do nosso Partido?

O nosso Partido mostrou-se disponível para participar em conversações e negociações com vistas à formação de um tal Governo de gestão.

Admitimos e propusemos duas soluções alternativas: — ou um governo de iniciativa presidencial; ou um governo com a representação de todos os partidos com representação na Assembleia da República.

A primeira hipótese foi afastada por decisão do próprio Presidente da República. A segunda ficou afastada pela posição dos outros partidos.

Prontificamo-nos ainda a examinar com mediadores indicados pelo Presidente da República outra configuração do Governo de gestão que desse semelhantes garantias.

Mas que se verificou?

Verificou-se que Mário Soares e o PS, opondo-se desesperadamente à dissolução, se opuseram também a quaisquer diligências para a formação de um governo de gestão.

E, quando a dissolução da Assembleia da República, por vontade de grande maioria dos partidos se tornou institucionalmente inevitável, então, Mário Soares tornou-se aparentemente mais manso, dispôs-se a admitir um Primeiro-Ministro independente e outros Ministros independentes mas (claro!), sob condição de o PS continuar a ter o essencial nas mãos.

Nós estivemos dispostos e prontos a contribuir para viabilizar um governo de gestão sério, isento, garante da democraticidade das eleições.

**Mas recusámos frontalmente qualquer participação na grande manobra para a constituição de um novo governo PS/PSD embora com poderes reduzidos, dispondo do aparelho do Esta-**



**do, dos dinheiros do Estado, das funções do Estado, do poder do Estado, para fins eleitorais e eleitoralistas.**

**Estareis certamente de acordo, camaradas, com esta posição do nosso Partido.**

### **Dois males maiores**

Dissolvida a Assembleia da República e sendo certo que já se não consegue a formação de um governo de gestão sério e isento, qual será então o governo que ficará até às eleições?

Nestes últimos dias, o PS e o PSD, com assentimento que lamentamos do Presidente da República, levaram ainda a cabo diligências para a formação de um novo governo (agora um governo de gestão) com participação dos dois partidos.

Trata-se de uma manobra que refaria, embora temporariamente e com poderes reduzidos, a coligação PS/PSD para efeito de partilha do aparelho e dos recursos do Estado para fins eleitoralistas.

Qual a posição do nosso Partido em face de tal iniciativa?

Certamente apoiáis a atitude assumida pelo nosso Partido. Nós recusámos frontalmente apoiar ou declarar qualquer aceitação em relação à formação de um governo de gestão na base do PS, ou do PS com o PSD, ou de um do outro ou dos dois, alargado ou não a independentes.

Opusemo-nos frontalmente a tal esquema para um Governo de gestão. E opusemo-nos a qualquer recauchutagem do Governo PS/PSD, com a saída e entrada de ministros e secretários de Estado.

Como nos opomos à formação de um tal governo e de uma tal recauchutagem, os meios de desinformação e diversão ideológica (referindo a última reunião do Conselho de Estado) puseram a correr que eu teria considerado a continuação do actual governo PS/PSD como «um mal menor».

A verdade é que a formação de um novo Governo com o PS e o PSD ou a continuação do governo actual como governo de gestão, não constituem um «mal maior» e um «mal menor» mas dois males maiores.

E aqui queremos tornar claro. **Qualquer deles que fique, como «mal maior» será considerado e tratado.**

**Qualquer deles que fique terá que contar com o combate firme e decidido do nosso Partido, do povo português, de todos os democratas e patriotas que defendem Portugal de Abril.** (...)

### **As nossas tarefas imediatas**

A situação actual, com o governo demissionário, a actual Assembleia da República dissolvida, e a certeza das eleições antecipadas, representa uma monumental derrota do plano contra-revolucionário da coligação PS/PSD que devia completar-se neste primeiro semestre de 1985, e uma importantíssima vitória dos trabalhadores, das massas populares, do regime democrático. Também (e é justo e necessário dizê-lo) do nosso glorioso Partido.

A derrota da reacção e a vitória da democracia ficam aquém da vontade expressa do nosso povo através do grandioso movimento popular de massas.

Mas este facto não nos deve levar a menosprezar a importância e a lição da vitória alcançada.

A situação mudou e muda a perspectiva.

Como já se grita nas ruas, valeu a pena lutar, a coligação foi ao ar.

Logo que a Assembleia da República esteja de facto dissolvida (e será dissolvida na primeira quinzena de Julho) e logo que este governo de gestão ficará, o nosso partido certamente concluirá o exame da situação e traçará a orientação nesta nova fase da vida nacional que agora começa.

Mas, para já, devemos insistir em algumas direcções fundamentais da nossa actividade.

A primeira é que a luta continua.

**Luta em defesa de interesses imediatos dos trabalhadores, dos pequenos e médios agricultores, da juventude, das mulheres, dos intelectuais e quadros técnicos, dos pequenos e médios comerciantes e industriais, dos reformados, dos pensionistas, dos deficientes, de todas as classes e camadas sociais interessadas em que se ponha fim à política seguida nos últimos anos e em que finalmente seja formado um Governo capaz de fazer o país sair da crise e de resolver os graves problemas nacionais existentes.**

**Luta em defesa das nacionalizações e da reforma agrária, opondo uma resistência ainda mais enérgica e decidida a quaisquer actuações ilegais do Governo demissionário.**

**Luta contra quaisquer pretensões da Assembleia da República dissolvida de fazer novas leis antidemocráticas, pois à maioria da coligação desfeita e à Assembleia dissolvida, tal como ao Governo ainda em funções e ao governo de gestão que ficar, não reconhecemos qualquer legitimidade para legislar além de quaisquer pequenos diplomas sobre assuntos correntes da administração do Estado.**

**Luta para que não só a maioria PS/PSD na Assembleia da República vá para a rua (e esse objectivo já está praticamente alcançado) como também para que vá para a rua qualquer governo PS/PSD, seja o actualmente em funções, seja o actual recauchutado, seja outro do PS/PSD. A luta continua para que o governo derrotado vá para a rua. E assim como a Assembleia da República foi dissolvida, assim também o governo será definitivamente demitido.**

**A segunda direcção da nossa actividade no momento presente é a preparação para as eleições.**

Agora (já de certeza), a preparação para as eleições antecipadas para a Assembleia da República que tudo indica se realizarão em princípios de Outubro.

Um objectivo pode desde já ser fixado, o reforço da votação na APU e o aumento do número de deputados eleitos pela APU (do PCP, do MDP, dos Verdes e independentes).

Ao mesmo tempo temos de continuar a preparação das listas e dos outros aspectos das eleições autárquicas que deverão também ter lugar no ano corrente.

Para estas eleições os objectivos fundamentais já foram indicados pela Conferência Nacional do nosso Partido realizada em 26 de Maio: é a transformação de maiorias relativas em maiorias absolutas, a conquista de novas maiorias nas Câmaras e Assembleias Municipais e nas Juntas e Assembleias de Freguesia, é o reforço geral da APU.

Para as presidenciais é ainda cedo para tomarmos decisões. Este ano será sobrecarregado de eleições. Vamos trabalhar, com força, com determinação, com energia, com vontade, com confiança e nessas três eleições o nosso Partido alcançará grandes vitórias que constituirão uma decisiva contribuição para que viva, retome o seu caminho e prossiga Portugal de Abril com as suas realizações e conquistas.

Finalmente a terceira direcção da nossa actividade no momento presente continua a ser o reforço do nosso Partido.

Esse reforço é indispensável.

Só o PCP dá garantias aos trabalhadores e a todo o povo português de defender consequentemente os seus interesses e aspirações.

Só a participação do PCP na futura solução política de Governo, poderá pôr fim ao processo contra-revolucionário e dar garantias de uma alternativa verdadeiramente democrática.

Como já temos dito, sem os trabalhadores, sem o PCP nada se resolve e tudo se agrava. Com os trabalhadores e com o PCP não há problema que não possa ser resolvido.

Para finalizar, pedimos aos nossos camaradas do PCB que, de regresso à sua pátria, transmitam as saudações cordiais dos comunistas portugueses e a notícia de que em Portugal a luta continua para a derrota da reacção e a vitória definitiva da revolução de Abril.

PCP

Em apenas quatro décadas:

# «A BULGÁRIA PERCORREU O CAMINHO DO ARADO DE MADEIRA AO COMPUTADOR»

— recordou o camarada Iordan Iotov no comício de amizade

Caros irmãos e irmãos de classe e luta portugueses,  
Camaradas,

Quero expressar a minha grande alegria por ter sido exactamente a mim que tocou a honra de falar em nome da nossa delegação neste encontro emocionante de fraternidade comunista entre búlgaros e portugueses. Trago-vos as saudações fraternais mais calorosas do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro, de todos os comunistas búlgaros, de todos os discípulos e companheiros de Jorge Dimitrov, com votos de novos êxitos na vossa dura e fértil luta em defesa dos interesses de classe do proletariado português, de todos os trabalhadores portugueses. Nesta luta, caros irmãos e irmãs portuguesas, não estais sozinhos, podereis sempre contar com a solidariedade internacionalista dos comunistas búlgaros, de todo o nosso povo que, convictamente, constrói a sociedade socialista desenvolvida.

Os comunistas e os trabalhadores da Bulgária socialista conhecem bem a história heróica dos comunistas portugueses. Sob a direcção do Partido Comunista Português o povo trabalhador português travou, durante algumas décadas, uma luta tenaz contra a ditadura fascista. A ela deram os comunistas portugueses valiosas vítimas. Assassinados pela repressão fascista caíram o secretário-geral do Partido, Bento Gonçalves, os militantes José Dias Coelho, Catarina Eufémia, Militão Ribeiro, e muitos outros. A polícia fascista, PIDE, destruiu-os fisicamente, mas não conseguiu abater-lhes a fé no comunismo, no futuro brilhante de Portugal. Foi necessária uma vontade de ferro e enorme fé no comunismo para que Militão Ribeiro escrevesse com o seu próprio sangue «Viva o Partido Comunista!».

Heróica é a crónica do Partido Comunista Português. Ela passou pelas fugas do Forte de Peniche e de Caxias, pelas lutas de classe do início dos anos 60, pelos esforços constantes em favor da unidade das forças democráticas na resistência ao fascismo até à Revolução de Abril de 1974, para a vitória da qual os comunistas portugueses deram uma digna contribuição. Participação decisiva teve também o vosso Partido nas grandes transformações revolucionárias e democráticas na vida social — o fim da guerra colonial e conquista da independência das antigas colónias, a instituição do controlo operário, a realização das nacionalizações e reforma agrária.

(...)

Há poucos dias, todo o povo búlgaro celebrou solenemente o 103.º aniversário do nascimento do glorioso filho da Bulgária e destacado activista do Movimento Comunista Internacional, Jorge Dimitrov. Aplicando na vida, com criatividade, os seus ensinamentos, já há 40 anos que o Partido Comunista Búlgaro constrói com êxito a sociedade socialista. Notáveis são as conquistas do nosso povo. De um país agrário atrasado, a Bulgária, num curto período histórico, transformou-se num potente país industrial e agrário, com uma cul-

tura socialista material e espiritual altamente desenvolvida, com uma autoridade internacional cada vez mais elevada. O desenvolvimento do nosso país foi, sobretudo, forte e dinâmico depois do Plenário de Abril de 1956. Neste período relativamente curto, o Rendimento nacional aumentou cerca de 8 vezes, e a produção industrial 13 vezes. A produção de um sector tão importante como a construção de máquinas, onde, actualmente, se inclui também a electrónica, cresceu 62 vezes. A produção da indústria química cresceu 45 vezes, a agricultura 2,5 vezes e as trocas comerciais externas 37 vezes. O salário real dos trabalhadores aumentou para mais do dobro. Construíram-se mais de 1,4 milhões de fogos. Hoje, a Bulgária ocupa um dos primeiros lugares no CAME pela produção de técnica de computadores electrónicos e robótica industrial.

Se quisermos expressar com uma imagem sintética o salto do progresso socialista na Bulgária contemporânea, teremos que dizer que, apenas em quatro décadas, ela percorreu o caminho do arado de madeira ao computador.

Todos estes êxitos na base técnico-material, na cultura e educação, na política, foram alcançados graças ao trabalho persistente da classe operária búlgara, dos camponeses e intelectuais, sob a direcção do Partido Comunista Búlgaro. Estes êxitos são prova da justeza da via do Partido, traçada colectivamente pelo Comité Central, sob a direcção do fiel discípulo e continuador da obra de Jorge Dimitrov, o secretário-geral do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro, camarada Todor Jivkov.

Actualmente, camaradas, o nosso Partido resolve no campo do desenvolvimento económico e social questões novas e muito mais complexas do que antes. No seu Plenário de Fevereiro, o Comité Central do Partido Comunista Búlgaro analisou as questões da revolução científico-técnica e a sua importância na edificação da sociedade socialista desenvolvida. O camarada Todor Jivkov declarou no seu discurso no Plenário: «Nas actuais condições, realizarmos a revolução científico-técnica significa edificarmos a sociedade socialista desenvolvida. E vice-versa — edificarmos a sociedade socialista desenvolvida na Bulgária significa realizarmos a revolução científico-técnica». Por conseguinte, da nossa capacidade para utilizarmos os resultados da revolução científico-técnica depende o desenvolvimento com êxito do socialismo, da sua capacidade de defesa, do resultado da luta entre o socialismo e o capitalismo a nível mundial.

Camaradas,

A edificação do socialismo no nosso país realizou-se e realiza-se em condições de feroz luta de classes a nível internacional.

Por culpa do imperialismo e, sobretudo, das forças reaccionárias dos EUA, a situação internacional piorou bastante nos últimos tempos. São sobretudo preocupantes as tentativas dos EUA e da NATO para alcançarem a supremacia militar, para alterarem a rela-

ção de forças a favor do imperialismo. Elaboram-se doutrinas e concepções bárbaras para a utilização das armas nucleares, utilizam-se as conquistas da revolução científico-técnica para a produção de novas armas com enorme poder destrutivo, como é o caso da assim denominada «Iniciativa de Defesa Estratégica» de Reagan, aperfeiçoam-se as armas convencionais, etc. E tudo isto orientado para um fim — destruir o sistema socialista, submeter aos ditames do imperialismo os países em vias de desenvolvimento independentes, esmagar o Movimento Comunista e Operário dos países capitalistas desenvolvidos. Numa palavra, os EUA e a NATO querem fazer regressar a História ao passado. Mas, como disse Jorge Dimitrov no processo de Leipzig em 1933, «a roda da História não pode andar para trás... Ela rodará até à vitória final do comunismo».

As forças do socialismo vitorioso, encabeçadas pela potente União Soviética, o forte Movimento Comunista e Operário dos países desenvolvidos, e o Movimento Nacional de Libertação são escudo de confiança contra os projectos militares e os seus planos falharão de certeza.

O Partido Comunista Búlgaro seguiu sempre uma política consequente de paz e entendimento entre os povos, pelo desarmamento e desnuclearização dos Balcãs, da Europa e do mundo. As tentativas para denegrir esta política com provocações do tipo da campanha antibúlgara propagada durante os últimos dois anos pelas forças imperialistas acerca da tentativa de assassinio do Papa, estão condenadas ao insucesso.

Gostaria, desta tribuna, de expressar o agradecimento mais caloroso à Direcção do Partido Comunista Português, a todos vós, pelo apoio fraternal e solidariedade que nos demonstraram e continuam a demonstrar sobre esta questão. O terrorismo é estranho à natureza do socialismo e os nossos compatriotas acusados estão absolutamente inocentes. Será pouco dizer-se que o processo jurídico em Roma é uma farsa. Ele é uma desonra para a Europa antiga e civilizada.

Camaradas,

Gostaria de terminar com um desejo, citando, para isso, as palavras do bem conhecido e muito respeitado por todos os comunistas búlgaros secretário-geral do Partido Comunista Português, camarada Álvaro Cunhal, proferidas durante a Conferência Nacional do Partido, realizada em Março do presente ano: «Fortaleçamos o Partido, como Partido necessário, indispensável e insubstituível, pela defesa da democracia e independência nacional, para a resolução democrática dos problemas nacionais.».

Estou profundamente convencido de que os heróicos comunistas portugueses cumprirão com honra esta nova palavra de ordem histórica.

(...)

## COMUNICADO CONJUNTO NO TERMO DA VISITA DA DELEGAÇÃO DO PCB

A convite do Partido Comunista Português, visitou Portugal, de 26 de Junho a 1 de Julho, uma delegação do Partido Comunista Búlgaro, dirigida por Yordan Yotov, membro do Bureau Político e Director do órgão central do PCB «Rabotnitchesko Delo», Sava Dalbikov, membro do Comité Central e Primeiro Vice-Presidente da Frente Pátria e Tzonko Georguiev, membro do Departamento Internacional.

A delegação do PCB teve conversações com uma delegação do PCP composta por Álvaro Cunhal, Secretário-Geral, Luísa Araújo, membro suplente do Secretariado e Albano Nunes, membro do Comité Central e responsável da Secção Internacional.

Durante a sua visita a Portugal, a delegação do PCB visitou o distrito de Santarém onde se encontrou com uma delegação da respectiva Direcção da Organização Regional e visitou a UCP Cooperativa Águas Belinhas/Volta do Vale em Coruche.

No distrito de Lisboa, visitou a empresa Covina, foi recebido na Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e visitou a Redacção do órgão central do PCP «Avante!». Em Vila Franca de Xira teve lugar um comício de Amizade PCP/PCB em que usaram da palavra Álvaro Cunhal e Yordan Yotov.

As conversações realizadas decorreram no ambiente de fraternal amizade e camaradagem que caracteriza as relações entre os dois partidos. Na sequência do encontro entre os camaradas Álvaro Cunhal, Secretário-Geral do PCP, e Todor Jivkov, Secretário-Geral do PCB, realizado em 1984 em Sofia, foram trocadas informações e opiniões sobre questões de maior actualidade na vida dos dois países e da actividade dos dois partidos, da situação internacional e do movimento comunista e operário.

A delegação do PCP reafirmou o seu alto apreço pela acção do PCB na edificação do socialismo na Bulgária e expressou a activa solidariedade dos comunistas portugueses face às campanhas orquestradas pelo imperialismo e a reac-

ção internacional visando denegrir a realidade e a política de paz e progresso social da República Popular da Bulgária e da comunidade dos países socialistas.

A delegação do PCP informou acerca da complexa situação política, económica e social portuguesa. Sublinhou que a crise actual é o resultado da falência da política de recuperação capitalista conduzida por sucessivos governos e agravada pelo actual governo demissionário. Pôs em relevo o papel determinante da classe operária, das massas populares e dos comunistas portugueses na luta por uma alternativa democrática e patriótica, expressando a sua confiança na possibilidade de defender e consolidar as conquistas da revolução de Abril.

A delegação do PCB informou sobre as tarefas que o PCB está a realizar no processo de edificação da sociedade socialista desenvolvida na República Popular da Bulgária, em especial, sobre a aplicação das orientações do Plenário do Comité Central de Fevereiro último acerca das questões da revolução científico-técnica, e também sobre a política consequente conduzida pelo Partido em prol da paz, do desarmamento e da cooperação nos Balcãs, na Europa e no mundo.

A delegação do PCB expressou a sua fraternal solidariedade para com a luta do PCP pela defesa e desenvolvimento das conquistas da revolução de Abril de 1974, assim como em defesa dos interesses vitais dos trabalhadores portugueses.

Expressando a sua preocupação pelo contínuo agravamento da tensão internacional provocado pela política militarista e agressiva do imperialismo, as duas delegações reafirmaram a necessidade de continuar a agir em prol da cooperação e mobilização de todas as forças do progresso social e da paz para pôr termo à corrida aos armamentos, avançar pelo caminho do desarmamento nuclear e impedir a militarização do espaço. Denunciaram em particular a política do imperialismo norte-americano orientada para a sabotagem das negociações de Genebra.

As duas delegações expressaram a sua activa solidarieda-

de para com os povos que lutam pela sua libertação, contra o imperialismo, o colonialismo e o neocolonialismo, o fascismo e o racismo.

Expressaram em particular a sua solidariedade para com o povo da Nicarágua e a FSLN, assim como para com o povo de El Salvador e a FMLN, denunciando a escalada intervencionista dos EUA na América Central como um factor extremamente perigoso para a paz na região e no plano mundial.

Em relação à situação no Médio Oriente, as duas delegações sublinharam que para derrotar a política agressiva dos EUA e de Israel é de fundamental importância a cooperação de todas as forças patrióticas e progressistas da região. Uma paz justa e duradoura só é possível com a retirada de Israel dos territórios ocupados desde 1967 e o reconhecimento dos direitos nacionais do povo palestino, incluindo o da criação do seu próprio Estado independente e soberano.

As duas delegações expressaram a sua solidariedade para com os povos angolano e moçambicano e outros povos da região que enfrentam a política agressiva dos racistas da África do Sul e do imperialismo assim como para com a luta conduzida pelo povo da África do Sul e o ANC contra o odioso regime do *apartheid* e para com o povo da Namíbia e a SWAPO.

As duas delegações reafirmaram a importância da unidade do movimento comunista internacional, com base nos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, e da cooperação e acção conjunta de todas as forças anti-imperialistas e amantes da paz.

As duas delegações exprimiram a sua satisfação pelas relações de amizade, cooperação e solidariedade recíproca existentes entre os respectivos partidos e a vontade comum de as fortalecer ainda mais.

Lisboa, 1 de Julho de 1985

PCP

**Começa amanhã**

# O Porto em Festa no Monte Aventino

## ● Comício com Álvaro Cunhal

Se amanhã ao princípio da noite notar um movimento fora do comum a caminho do Monte Aventino, às Antas, o leitor da cidade Invicta não estranhe. Dê uma espreitadela e entre, que vale a pena. É o «Porto em Festa», iniciativa de convívio popular organizada pela Direcção Regional do Porto, do PCP. Três dias de festa animada, de diálogo, de esclarecimento e de unidade.

Para ter uma ideia — embora incompleta — do muito que poderá viver a partir de amanhã à noite e até domingo no **Porto em Festa**, aqui deixamos de seguida um resumo da programação, com entrada livre para reformados, pensionistas e idosos e para crianças até aos 12 anos enquanto os outros pagam apenas 150 escudos e podem viver toda a Festa e todos os seus espectáculos nos três dias, habilitando-se ainda a bons prémios (televisor a cores ou máquina de lavar, rádio, 2 EPs para a Festa do Avante!).

**Os espectáculos****Amanhã (dia 5)**

A partir das 21 e 30 horas: Samuel e Bando do Beco (concerto rock).

**Sábado (dia 6)**

A partir das 15 horas: folclore com os ranchos de Custóias e Fânzeres e grupo coral alenteja-

no. Às 18 horas: Júlio Pereira. Às 21 e 30: Paulo de Carvalho e grande baile popular animado pelo conjunto Diapasão.

**Domingo (dia 7)**

Com início às 10 horas: manhã infantil (divertimentos, jogos, pinturas, palhaços, ilusionismo, música, canções, etc.). Às 15 horas: actuação de José Barata Moura.

À noite, com início às 21 e 30: música popular com o grupo «Cantares Nossos», Noitibó e ainda noite de jazz com o quarteto de Rui Azul.

Mas o **Porto em Festa** não fica por ali. Muitos divertimentos, o luna-parque, as iniciativas desportivas, os jogos tradicionais e populares, o retiro do fado, os artigos, utilidades e petiscos regionais (das tripas à sardinha assada, passando pelos bolinhos e iscas de bacalhau, os rojões, as espetadas à Vale de Sousa, ou o sempre afamado vinho do Porto) constituem motivos para uma visita à festa. Uma festa diferen-

te, aberta ao convívio popular e à amizade, na capital do Norte.

**Nos auditórios**

Uma palavra sobre o programa do auditório musical (circo) que funcionará no Monte Aventino. Assim, enquanto amanhã à noite haverá um debate e projecção de filmes sobre os problemas da luta pela Paz mundial, no sábado durante o dia será a vez da música clássica e de mais filmes, os quais se prolongarão na tarde de domingo. Nesse último dia, mas à noite, as atenções no auditório irão para a **discoteca** para a juventude em especial.

Finalmente, o auditório/pavilhão de exposições. Além de certames sobre aspectos da luta política, Poder Local e trabalho da APU, o 40.º aniversário da vitória sobre o nazi-fascismo e os problemas actuais da luta pela paz, o Ano Internacional da Juventude (AIJ) e exposição artística sobre a Revolução de 1976-77, aí o visitante poderá participar num conjunto de debates, organizados de acordo com o seguinte programa:

Amanhã, às 21 e 30 horas — problemas actuais da luta anti-imperialista e da luta pela paz; Sábado às 15 horas — a situação económica e social e a saída da crise; às 16 e 30 horas —

retomará a sua azáfama até de madrugada.

Não necessita de apresentações no concelho ribatejano da Chamusca. É a **Festa do Povo**, que volta agora a animar **Vale de Cavalos** durante três dias de convívio e de amizade. O programa arranca já amanhã à noite e vai prolongar-se até domingo com iniciativas e motivos de interesse para todos os gostos... e feitos.

Promovida por iniciativa conjunta do PCP e da JCP, a edição deste ano da Festa do Povo, a realizar no largo das festas daquela freguesia da Chamusca, abre as suas portas amanhã às 21 horas com uma salva de foguetes. Uma hora depois um conjunto do Tramagal («Ponto 5 + 1») animará o baile de abertura, seguindo-se um programa de folclore com o rancho adulto da Parreira. À meia-noite o baile

**Sábado**, a festa continua, abrindo logo às 7 horas da manhã. Depois, às 8, decorrerá uma iniciativa tipo «porta-a-porta» para as cavalhadas nas ruas de Vale de Cavalos, Casal das Oliveiras e Caniceira. As cavalhadas e o leilão da quermesse serão pontos salientes da Festa durante a tarde. Já depois do calor, à noitinha, o bailarico animará de novo a Festa do Povo, com a música do agrupamento Niger, de Torres Novas. À meia-noite, as vozes do grupo «GEF» de Abrantes mostrarão em Vale de Cavalos boas passagens da música popular portuguesa. E o baile, claro, voltará pela madrugada.

O último dia da festa promete bons momentos de confraterni-

zação. A manhã infantil a partir das 11 horas, a actuação do rancho infantil da S. R. Valcavalense às 18 horas, o comício com intervenção de António Orcinha, da Comissão Política, uma hora depois, o leilão da quermesse, a actuação do fadista Fernando Farinha (22 h) e o encerramento com baile a partir das 23 horas com a música do conjunto «Sadeom», da Chamusca, preencham os aspectos mais significativos da Festa no domingo.

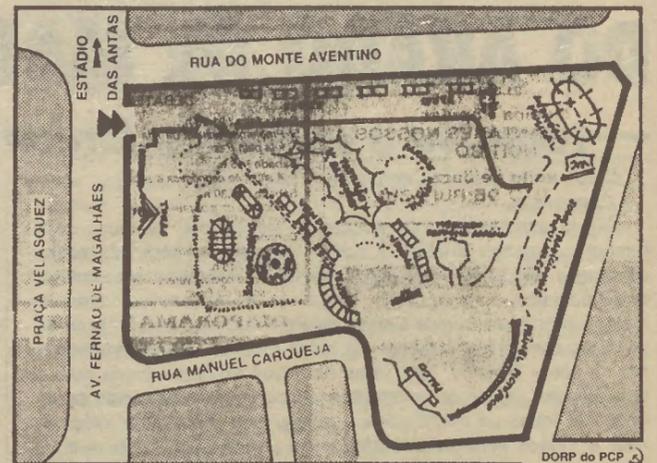
Além dum completo serviço de bar para os seus três dias, a Festa do Povo conta ainda com um conjunto de actividades desportivas, de que destacamos os torneios de **chinquillo** e **damas** no sábado e uma competição de **atletismo** para todas as idades, no domingo, às 15 horas.

**3 GRANDES DIAS DE FESTA!**

encontro com os presidentes de Junta e vereadores APU; domingo às 11 horas — desporto em debate; às 15 horas — encontro com os vereadores da APU na CMP.

**3 GRANDES DIAS DE FESTA ESPECTÁCULOS**

PAULO DE CARVALHO • ROCK com BANDO DO BECO • JÚLIO FERREIRA • SAMUEL JOSÉ BARATA MOURA  
MÚSICA POPULAR com CANTARES NOSSOS e NOITIBÓ  
JAZZ com QUARTETO DE RUI AZUL  
FOLCLORE com RANCHO DE CUSTÓIAS • RANCHO DE FÂNZERES e GRUPO CORAL ALENTEJANO  
BAILE POPULAR com CONJUNTO DIAPASÃO • DISCOTECA • ETC.

**GRANDE COMÍCIO DO PCP**

A **Corrida «Porto em Festa»** será uma colorida presença do desporto no grande convívio do próximo fim-de-semana, na capital do Norte. A prova é aberta a atletas de ambos os sexos e decorrerá no dia 7 (domingo) com início às 9 horas. As inscrições funcionam até às 17 horas de amanhã (sexta-feira) em qualquer CT do Partido. Estão previstos prémios individuais e por equipas.

## Coimbra: o ponto da situação

Concluir até ao fim do mês a elaboração das listas de candidatos para as autarquias locais e alertar e esclarecer a opinião pública sobre as manobras confirmadas e previsíveis do Governo derrotado, são direcções de trabalho política definidas na recente reunião da Comissão Concelhia de Coimbra do PCP, que apela ao empenhamento de todos os militantes comunistas nas difíceis batalhas que se aproximam.

Abordando algumas questões do funcionamento dos órgãos autárquicos do concelho, aquele organismo do Partido destacou

as graves irregularidades postas a nu pela fiscalização feita pela Inspeção-Geral de Finanças aos actos administrativos da Câmara Municipal de Coimbra.

Crítica dura é igualmente feita a propósito do corte pelos serviços municipalizados no fornecimento de água a fontanários públicos, e isto quando algumas das localidades atingidas pela gravosa medida, como Cioga do Monte, não possuem quaisquer outras formas de abastecimento de água.

A Comissão Concelhia do PCP chama, entretanto, a aten-

ção para os cortes e atrasos na conclusão de diversas obras municipais, casos da escola da Conchada e das escadas da Torre de Santa Cruz.

A possibilidade de reservar inaugurações para períodos eleitorais não se apresenta como descabida...

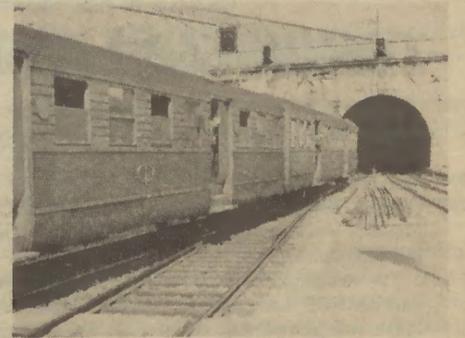
A apresentação na Assembleia da República pelo grupo parlamentar do PCP de uma proposta para a criação da freguesia de Coselhas, «justa aspiração da população local», mereceu o apoio total dos comunistas do concelho de Coimbra.

### Plenário em Carnaxide

As eleições deste ano, a preparação da Festa do «Avante!» e a campanha de fundos para o novo Centro de Trabalho da organização são temas em agenda para o plenário promovido pelo Comité Local de Carnaxide, a realizar amanhã, a partir das 21 e 30 horas, no CT do Partido em Carnaxide. O camarada Hipólito Santos, membro do Comité Central, participará nos trabalhos do plenário. Recorde-se que a campanha para o novo CT dos comunistas da freguesia de Carnaxide, localizado em Algés (Rua Ernesto Silva), envolve uma verba de 7 mil contos, «o que exige um grande esforço de todos os comunistas e democratas».

### 1.ª Assembleia da Célula da CP (Entroncamento)

«Reforçar o PCP, defender a empresa» é o lema da 1.ª Assembleia da Célula da CP/Entroncamento, marcada para o próximo dia 14. Como salienta ao «Avante!» o secretariado daquele organismo, esta Assembleia tem três objectivos fundamentais: o balanço do trabalho da célula e objectivos futuros, a eleição do novo secretariado e a análise da situação da



grande empresa nacionalizada. A Assembleia decorrerá na Escola Preparatória do Entroncamento, com início às 14 e 30 horas. A defesa dos direitos dos trabalhadores e da CP, como empresa fundamental para o desenvolvimento económico e social do País, serão certamente temas em foco no debate desta Assembleia comunista.

### Sessão em Cem Saldos com Raimundo Cabral

Na localidade de **Cem Saldos**, no concelho de Tomar, vai realizar-se amanhã à noite uma sessão de esclarecimento do Partido, em que participará o camarada **Raimundo Cabral**, membro da Comissão Política do Comité Central. A sessão decorrerá nas instalações da Casa do Povo, a partir das 21 e 30 horas.

PCP

É já no próximo dia 13 (sábado) que decorrerá na cidade de Braga a 8.ª edição da Festa da Alegria, anualmente realizada pela Organização Regional do Minho (ORM) do PCP. Razões já divulgadas, que destacámos em sucessivos números do «Avante!», e em primeiro lugar a posição arbitrária assumida pelo presidente da Câmara Municipal de Braga (Mesquita Machado) e pela sua maioria, que impediram a utilização do espaço tradicional da Festa da Alegria — o Parque Municipal de Exposições —, conduziram à alteração profunda do programa e às características da iniciativa este ano.

Os comunistas de Braga não hesitam perante dificuldades e incompreensões. Com força de vontade e com espírito de imaginação e criatividade, prepararam a Festa e anunciam desde já a todo o povo do Norte, e em especial da região minhota, que a Festa continua e merece uma visita solidária e entusiástica.

A Festa da Alegria/85 será, além de um grande espaço democrático de convívio, de festa e de cultura, uma grande e aberta manifestação popular pela afirmação e defesa das liberdades, pela continuação desta grande iniciativa político-cultural do Minho, contra a prepotência e o arbítrio de Mesquita Machado e a sua maioria.

O programa da Festa da Alegria decorrerá em dois espaços — Praça do Município e Teatro Circo, com a seguinte programação:

**Na Praça do Município**

- A partir das 14.30 horas, haverá música popular e folclore;
- Às 15.30 horas, partirá da Praça do Município um grande

cortejo popular dos amigos da Festa e das organizações do PCP de todo o Minho, com carros alegóricos, que percorrerá o centro da cidade;

- Às 17 horas, realizar-se-á o comício com a participação de **Álvaro Cunhal**, dedicado ao esclarecimento da análise do PCP sobre a actual situação política, marcada pela falência da coligação e do Governo de direita PS/PSD.

**No Teatro Circo**

- A partir das 21.30 horas haverá o grande espectáculo de encerramento da Festa da Alegria que continuará a honrar

as tradições da Festa da Alegria quanto à valorização da qualidade nas diferentes expressões musicais.

Este ano, falando de música portuguesa, actuarão:

- Paulo de Carvalho e o seu grupo musical, que apresentará o último trabalho em disco;
- O grupo de música tradicional «Vai de Roda»;
- Samuel e Jorge Lomba;
- O Grupo de Fados de Coimbra.

Actuará também, deslocando-se pela primeira vez ao nosso país, um dos melhores conjuntos musicais de Angola — A Instrumental 1.º de Maio — Orquestra de Música Popular de Angola — que trabalha a

música de raiz afro-cubana e de jazz, a par das expressões musicais de diferentes etnias de Angola.

Os bilhetes para este espectáculo estão à venda no Teatro Circo e nas sedes do PCP.

Em todo o Minho, e designadamente em Viana do Castelo, Ponte de Lima, Guimarães, Vila Nova de Famalicão, Barcelos, Fafe, Esposende, estão em organização excursões para que todos os amigos da Festa da Alegria possam participar em melhores condições em todo o programa da Festa. As inscrições e informações podem ser obtidas nas sedes do PCP da região.

este ano, a música é outra... mas a festa continua!

# Festa DA Alegria

em BRAGA

SÁBADO 13 JULHO

à tarde praça do município

- \* FOLCLORE E MÚSICA POPULAR
- \* CORTEJO DA FESTA DA ALEGRIA

COMÍCIO ÀS 17.00 HORAS COM **ÁLVARO CUNHAL**

à noite teatro circo 21.30 HORAS

GRANDE ESPECTÁCULO COM

PAULO DE CARVALHO \* ORQUESTRA DE MÚSICA POPULAR DE ANGOLA \* GRUPO VAI-DE-RODA \* SAMUEL \* JORGE LOMBA \* GRUPO DE FADOS DE COIMBRA \*

TODOS A FESTA, TODOS A BRAGA

Bilhetes à venda para o espectáculo nas sedes do PCP e Teatro Circo \*

SIP/DORM do PCP

## Festa Popular em Vila do Bispo

Vila do Bispo, concelho APU no Algarve, estará em festa no próximo fim-de-semana por iniciativa da organização local do PCP. Um comício na tarde do domingo, com a participação de Carlos Brito, da Comissão Política do Partido, e de José António Spínola, presidente da Câmara Municipal de V. do Bispo, é uma das principais iniciativas contempladas no programa da Festa Popular.

No sábado, as atenções irão para o torneio de futebol de 5 (16 horas) e para o baile nocturno animado por um conjunto de Portimão. As actividades desportivas prolongam-se no domingo, logo às 7 horas, com a partida para o torneio de pesca, seguindo-se às 10 a final do torneio de futebol de 5. Espectáculo musical (17 horas), comício (18 horas) e baile à noite preenchem o

programa deste último dia de festa.

Recorde-se, entretanto, que no final do mês de Julho, no fim-de-semana de 26, 27 e 28, terão lugar as tradicionais festas da Amizade e do Verão, respectivamente em Faro e Portimão. As actividades preparatórias destes dois convívios populares estão a decorrer com especial empenhamento das organizações locais do Partido.

## Serpa

Está já marcada para 14 e 15 de Agosto a Festa do Emigrante — uma iniciativa da organização concelhia do PCP de Serpa, a realizar em Vale de Vargo. O trabalho de preparação e divulgação da Festa vai contar com a colaboração de camaradas e amigos da emigração, prevendo-se um belo espaço de convívio e amizade para aquele fim-de-semana de Agosto.

Nas próximas oportunidades divulgaremos os pormenores da Festa do Emigrante.



## 2.ª Assembleia na Covilhã

### • O concelho precisa de uma Câmara APU

Inicialmente marcada para 16 de Junho, a 2.ª Assembleia da Organização Concelhia do PCP da Covilhã vai decorrer no próximo domingo, dia 7, a partir das 10 horas no cine-teatro daquela cidade do distrito de Castelo Branco.

A «evolução da situação política» esteve na origem do adiamento da Assembleia, que tem como lema «No caminho de Abril, com o PCP, o concelho

da Covilhã precisa de uma Câmara APU».

A análise da situação política, a definição de objectivos e tarefas da organização para os próximos tempos, destacando-se, naturalmente, o trabalho com vista às eleições deste ano, as acções para o reforço orgânico do Partido e a eleição da nova Comissão Concelhia contam-se entre os temas que suscitaram vivo debate nos trabalhos desta 2.ª Assembleia.

## Colóquio em Braga sobre a situação económica

Promovido pela Direcção do Sector Intelectual de Braga do PCP, realiza-se amanhã às 21 e 30 horas, no auditório da Casa da Cultura, à Travessa do Ferraz, um colóquio sobre a situação económica e financeira do País e da via de desenvolvimento para vencer a crise, proposta na recente Conferência Nacional do PCP. Ilda Figueiredo, economista e deputada, participará nesta iniciativa aberta a todos os interessados e em especial a todos quantos estão relacionados com actividades da área económica (investigação, gestão, ensino, etc.) ou das relações de trabalho (sindicatos, comissões de trabalhadores, cooperativas, etc.).

## Encontro dos comunistas da Cruz Quebrada

No próximo sábado, com início às 15 horas, decorrerá no salão de festas da SIMECQ um encontro de comunistas organizados na Cruz Quebrada (freguesia de Carnaxide). A análise do trabalho político na localidade e suas perspectivas, o reforço do Partido e o recrutamento de novos militantes, a frente de fundos, questões sobre vida local (comissão de moradores, colectividades e outros órgãos), as eleições autárquicas e o conjunto do trabalho eleitoral para este ano de 85, a campanha para o novo CT de Algés e a campanha do Vitória serão, entre outros, temas em foco no encontro de sábado. Manuel Pedro, membro do Comité Central do PCP, participará na iniciativa.

## Plenário em Santos

Amanhã, dia 5, realiza-se no Centro de Trabalho de Santos um plenário de militantes das freguesias de São Paulo, Mercês, Santos, Lapa, Sacramento e Santa Catarina.

No plenário, que começa às 21 e 30, participa o camarada Aboim Inglês, membro do Comité Central e da DORL do PCP.

## Camaradas Falecidos

### Mário da Silva Pesca

Faleceu recentemente o nosso camarada Mário da Silva Pesca, do Centro de Trabalho da Baixa da Banheira (concelho da Moita). Contava 71 anos e era reformado da ex-Cuf.

Iglésias Alves, trabalhador da pastelaria Bijou, na capital. O camarada estava organizado no sector da Hotelaria da organização local de Lisboa.

### António Iglésias Alves

Também recentemente faleceu o militante comunista António

Aos familiares, amigos e companheiros dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» apresenta sentidas condolências.

## Trabalhadores

## Uma amostra PS/PSD

# Dívida externa aumentou 2000 milhões de dólares nos últimos dois anos

«Entre Dezembro de 1982 e Dezembro de 1984, ou seja, praticamente durante a vigência do Governo PS/PSD, a dívida externa do País aumentou quase dois mil milhões de dólares.» Acrescenta a CGTP-IN, em nota à Imprensa da passada sexta-feira, que, «em moeda portuguesa, devido à política de desvalorização do escudo seguida por aquele Governo, a dívida do País ao estrangeiro mais que duplicou, no mesmo período, passando de 1216 milhões de contos para 2700 milhões de contos — mais 120 por cento». Coincidindo praticamente com uma das mais recentes e bem participadas acções de protesto em Lisboa — a fila humana de luta, organizada na última quinta-feira pela União dos Sindicatos de Lisboa, esse alerta da CGTP-IN surge também numa altura em que as empresas com salários em atraso aumentam 58 por cento no período de um ano, atingindo 104 450 trabalhadores, e destacando-se entre elas numerosas empresas públicas (sector empresarial do Estado) às quais cabe, ainda segundo a CGTP-IN, «mais de 40 por cento da dívida externa do País (6,6 mil milhões de dólares)».

Se esses 40 por cento atingem o sector nacionalizado da economia é «porque o Governo PS/PSD, único responsável e gestor de tais empresas — facto vulgarmente ignorado pela propaganda da direita incluindo a do PS — se serviu delas para obter divisas que cobrissem o

défiça da balança de transacções correntes, agravado com a sua política ruínoza, recusando-lhes o crédito interno e obrigando-as a recorrer ao endividamento externo em condições muito onerosas» — acção muitas vezes denunciada e condenada, exactamente aqui no «Avante!».

## Empresas públicas: bode expiatório de uma política ruínoza

Numa altura em que grandes unidades do sector empresarial do Estado, como a Quimigal e a Covina, comemoram mais um aniversário das nacionalizações, é indispensável lembrar que a responsabilidade pela «brutal dívida externa do País», como justamente é designada pela CGTP, não pertence às empresas públicas «em si», como erradamente se pretende fazer crer.

Essa responsabilidade cabe, isso sim, à «gestão ruínoza que particularmente o ex-Governo PS/PSD lhes impôs», e cabe também à política económica e financeira desastrosa, que esse mesmo Governo prosseguiu, que as forças que o apoiaram tentam ainda agora prosseguir.

A propósito, a CGTP-IN recorda que «até o ministro Veiga Simão (Indústria e Energia) e o próprio Banco Mundial reconhecem que as empresas públicas têm sido utilizadas como ins-



trumento da política conjuntural» — o que por outras palavras quer dizer que «foram instrumentalizadas para captar divisas», como lembra oportunamente a CGTP-IN.

Ainda recentemente o «Diário da República» (21 de Junho findo) anunciava um aval do Estado no valor de 1 570 000 contos para a Setenave. Para pagar salários? Para viabilizar a empresa? Nada disso. A um juro de 31,5 por cento, alterável segundo a taxa máxima em vigor, todo esse dinheiro se destina a cobrir juros e outros encargos contraídos em dólares, na Caixa Geral de Depósitos, pela «brilhante» gestão da Setenave, empresa pública, como é sabido, com as dificuldades que enfrenta, como se sabe também.

O mesmo sucede noutras grandes unidades industriais nacionalizadas e públicas. Muito conhecido, entre outros, é o caso da Siderurgia Nacional, onde os encargos com o pessoal estão muito aquém dos juros anuais que a empresa deve ao estrangeiro, em divisas fortes, naturalmente.

## Contrapartidas: salários por pagar e mais desemprego

Na semana passada, novamente foi referida aqui a calamidade dos salários em atraso. Doze milhões de contos era o total aproximado da dívida apurada pela CGTP-IN. Mas esse total diz respeito apenas aos distritos de Lisboa, Setúbal, Porto, Portalegre, Santarém e Aveiro. Depois a União dos Sindicatos de Viana do Castelo, sem todavia avançar números, fazia um pequeno balanço das dívidas salariais no distrito. Por ele se pode avaliar o que acontece noutras zonas do País.

Segundo o «Elo Sindical», boletim da União dos Sindicatos de Viana do Castelo, distribuído agora com data de Junho findo, os salários em atraso no distrito atingem ramos de actividade como o comércio, os têxteis e a metalurgia e a cerâmica. As empresas mencionadas são a Eugénio Pinheiro (60 trabalhadores); Manuel Durães (230); Ceremi (80); mais de 15 mil contos de retroactivos em dívida só



nesta empresa; Casimiro Vileiros (80); Cerâmica do Cerdal (39); Rodrigues & Luz (40); Cerâmica Rosa (215); Ceral (80); e Coser (45).

Entretanto, em meados de Junho, sabia-se que era superior a 90 mil contos o total dos reembolsos em atraso, devidos pela Administração Regional de Saúde do Porto aos respectivos beneficiários.

Ao mesmo tempo vinha a público de fonte oficial que aproximadamente 44 por cento dos desempregados portugueses são de longa duração, e que são jovens 75 por cento dos que não têm emprego em Portugal.

Sabia-se também há cerca de uma semana que há nos tribunais do trabalho 74 mil processos em atraso no nosso país.

Se este breve panorama não obriga à luta, a que obriga então?



## Desemprego

# Subsídio escasso poucos abrange

Contra o que tem sido divulgado, com base em elementos fornecidos pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional, o total dos beneficiários do subsídio de desemprego não atinge sequer os 15 por cento dos 493 200 desempregados que, segundo o Instituto Nacional de Estatística, existem em Portugal no último trimestre do ano findo. «Mas, na realidade — esclarece a CGTP-IN, em nota do passado dia 1 — aquela percentagem é ainda mais baixa, pois os dados

de INE subavaliam o desemprego total». Aproveitando contudo os números oficiais, o «grau de cobertura do subsídio de desemprego» era, no quarto trimestre de 1984, o seguinte: desempregados subsidiados: 71 601; número de desempregados: 493 200; grau de cobertura: 14,5 por cento. Assim, a Central unitária considera que «não corresponde à realidade» a informação, «abundantemente referida na Imprensa nos últimos dias», segundo a qual o subsídio de

desemprego abrangeria vinte e cinco por cento dos desempregados. São mais de 85 por cento os que não têm acesso a esse subsídio. Os dados do Instituto (IEFP) são obtidos a partir dos desempregados inscritos nos Centros de Formação — total que está longe de corresponder à massa de desempregados actualmente existente em Portugal. (Na imagem: manifestação de massas, em Setúbal, durante a jornada de luta; 18 e 19 de Abril findo.)

# Greve na RN e outras acções

## CGTP-IN reúne Plenário Nacional

A greve de 24 horas anunciada para a Rodoviária Nacional, que, se não for entretanto desconvocada, deve terminar às três horas da madrugada de hoje, é motivada pela «recusa do conselho de gerência em negociar uma revisão justa do acordo de empresa». Esta forma de luta que, segundo a Federação sindical do sector, tem suscitado «grande mobilização», faz parte da vasta actividade sindical, com movimentações em vários sectores, designadamente na Função Pública pelas regulamentações colectivas de trabalho, contra os despedimentos e pelo pagamento dos salários em atraso. Os órgãos dirigentes da CGTP-IN (Conselho Nacional e Plenário) reúnem-se nos próximos dias 11 e 12. Na sequência da fila humana da passada quinta-feira, em Lisboa, estão anunciadas novas lutas, incluindo a greve, designadamente na Torralta, CP e Transportes Colectivos do Porto (STCP). Todo o movimento sindical unitário tem protestado, entretanto, contra as medidas legislativas que a coligação desfeita ainda pretende pôr em vigor, principalmente a lei das rendas, que os deputados da direita se dispõem a aprovar.

## Fila humana de luta: boa adesão popular

Um cortejo em fila, com mais de dois quilómetros e boa adesão popular, fez na quinta-feira passada um extenso percurso em Lisboa. Partindo da Praça do Comércio, a fila humana de luta, como foi designada pelos seus promotores — União dos Sindicatos e Coordenadora das CTs do distrito — parou em Ministérios, designadamente o do Trabalho, onde entregou documentos, manifestou-se em frente à sede da RTP e encaminhou-se para São Bento. Em fila indiana e segurando uma corda, os participantes, que em grande número ostentavam distícos com reivindicações de ordem geral e específica das empresas onde trabalham, exigiram a reposição da

legalidade, disseram não à lei das rendas, reclamaram os salários em atraso, protestaram contra os despedimentos ilegais, contra a falta de habitação e de trabalho para os jovens. Foi exigido um novo Governo e uma nova política que correspondam aos anseios nacionais.

## Sindicatos agrícolas recebidos por deputados

Os sindicatos dos trabalhadores agrícolas e representantes dos pequenos agricultores manifestaram aos grupos parlamentares a sua total oposição ao de-

creto 81/85 que aumenta de 150 escudos para 907\$50, por mês, a contribuição para a Segurança Social, ou Previdência, nome pelo qual se designa também. No âmbito da campanha nacional contra aquele decreto, aprovado pela coligação extinta para vigorar a partir de 1 de Maio findo, os representantes sindicais afirmam que «todos os grupos parlamentares foram unânimes em manifestar o seu desacordo em relação ao decreto 81/85» da responsabilidade do Ministério socialista. Os Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas de Lisboa, Leiria, Setúbal, Santarém, Viseu, Vila Real, Portalegre, Beja, Évora, Porto, Minho, Coimbra e Bragança, juntamente com a Fede-

ração dos Sindicatos Agrícolas do Sul fazem notar, no entanto, que os partidos do Governo sacodem agora a água do capote num assunto tão melindroso como este: o número de trabalhadores rurais com o risco de perder todos os benefícios resultantes da Segurança Social por não poderem pagar as mensalidades exigidas. Numa altura em que se aproximam campanhas eleitorais, os sindicatos agrícolas alertam para a circunstância de os partidos da coligação extinta pretenderem surgir como «defensores dos nossos direitos» (deles, trabalhadores rurais) «quando, uma vez no Governo, os atacaram tão frontalmente».

## LUTAS E TAREFAS

• **Salvador Caetano, um industrial do Norte, apoiante declarado da candidatura de Mário Soares e concorrente privado da UTIC no carroçamento de viaturas pode vir a ser beneficiado no «projecto Zaire», inicialmente previsto para a construção de autocarros com investimento maioritário por parte do Estado português.** «A Imprensa fez-se recentemente eco da vigarice que estará a ser preparada» nesse campo, com fortes repercussões dentro da UTIC, incluindo «o abandono de dois membros do conselho de gerência, continuando, no entanto, um deles a receber dinheiros da empresa», enquanto os salários continuam a não ser pagos a tempo e horas à maioria dos trabalhadores. Vendo a público como o caso, os executivos da Célula do PCP na UTIC (Lisboa e Porto) fazem um apelo à luta em unidade, designadamente com os que «se alheiam da luta, julgando que não é nada com eles», quando na verdade «estão a contribuir para o avanço das forças empenhadas na destruição da UTIC».

• **De acordo com propostas já apresentadas, o movimento sindical exige que fique totalmente isento do IVA (imposto sobre o Valor Acrescentado) tudo o que designa por «bens essenciais», nomeadamente para os trabalhadores e para as classes desfavorecidas.** A propósito da «declarada intenção oficial de isentar deste imposto os medicamentos e os livros», o que para a CGTP-IN «constitui já uma importante vitória da luta dos trabalhadores», a Central sindical unitária afirma que devem ser agravados «os bens de luxo e outros não essenciais», ao contrário do que pretendia o ex-governo PS/PSD.

• **Há sete meses sem salários os trabalhadores da Mesa (Mem Martins) que têm desenvolvido várias formas de luta apelam à solidariedade activa numa altura em que o próprio refeitório da empresa deixou de funcionar, não poupando sequer as crianças, pois deixaram também de ser servidas refeições na «creche». Para alguns trabalhadores daquela fábrica o refeitório era o único meio de que dispunham para comer uma vez por dia.**

• **Noventa e cinco por cento dos médicos e 90 por cento dos enfermeiros do Instituto Português de Oncologia (Centro Regional do Norte, com sede no Porto) aderiram à greve de três dias pela publicação do quadro de pessoal e contra as más condições de trabalho que naturalmente se reflectem no tratamento dos doentes. Os serviços in-**

dispensáveis foram assegurados durante esta luta conduzida maioritariamente pelo Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Norte. O IPO está há oito anos em regime de instalação, sem definição de carreiras, sem lei orgânica e sem quadro de pessoal.

• **«Os encargos financeiros e as perdas cambiais ultrapassaram, em 1984, na Siderurgia Nacional, os 10 milhões de contos.»** Esta verba, recentemente divulgada pelas ORT's (organizações representativas dos trabalhadores) da SN, é uma pequena parcela do grande rombo que provocará a integração na CEE. Além dos conhecidos 40 milhões encaixotados em material desaproveitado pela não aplicação do PSN (Plano Siderúrgico Nacional), soube-se recentemente que a situação na SN, além de conduzir ao desemprego mais de 10 mil pessoas, provocará a curto prazo um défiça de 17 milhões de contos, nas trocas comerciais, e pode levar ao total desaparecimento da actividade siderúrgica em Portugal. As ORT's reafirmam a sua disposição de luta contra as ameaças muito precisas de que é alvo a Siderurgia Nacional.

• **O movimento sindical unitário desenvolve as suas relações de cooperação com congéneres estrangeiras.** Ao nível superior, como das estruturas intermédias, designadamente federações dos rodoviários; química e farmacêutica; metalurgia e metalomecânica; e celulose, transformação do papel, gráfica e imprensa (não jornalistas) o movimento sindical unitário tem participado em iniciativas desses sectores sindicais no estrangeiro. A CGTP-IN, que apoiou recentemente a greve decretada em Espanha pelas Comissões Obreras, acaba de tomar em Genebra, durante os trabalhos da OIT (Organização Internacional do Trabalho), uma «posição conjunta» com as centrais sindicais dos países africanos de expressão portuguesa. Salientando «a luta comum dos trabalhadores e dos povos contra o colonial-fascismo e os laços de classe que unem as organizações sindicais dos seus países», as centrais sindicais dos seis países africanos de expressão portuguesa decidiram estreitar com a CGTP-IN «a sua cooperação a todos os níveis e, em particular, no domínio da formação sindical». A posição conjunta, entre outras manifestações de solidariedade, refere o apoio das organizações signatárias «a todos os povos em luta pela sua independência, nomeadamente aos povos de Timor-Leste, Sará Ocidental, Palestina, bem como a todos aqueles que são vítimas de ataques à sua soberania e integridade territorial».

# Repentinamente... O melhor dos mundos na banca comercial

Surpreendida com a brusca reviravolta contabilística da banca comercial que, de um momento para o outro, desatou a apresentar saldos positivos relativamente ao exercício de 1984, quando o próprio Banco de Portugal foi o primeiro a afirmar que os saldos negativos verificados desde meados de 1983 se agravaram até Setembro do ano findo, a CGTP-IN, em nota de quinta-feira passada, «suspeita de manipulação contabilística para esconder a política ruínoza do Governo».

Essa operação, segundo a qual todos os bancos comerciais nacionalizados apresentam saldos positivos nos respectivos relatórios de 1984, não se coaduna de modo nenhum com os dados do «Boletim Trimestral» emitido em Março de 1985 pelo Banco de Portugal que, segundo a CGTP-IN, apresentava a seguinte evolução, quanto a juros e resultados finais:

PERÍODOS	JUROS RECEBIDOS	JUROS PAGOS	MARGEM DE JUROS	RESULTADOS FINAIS
JAN/83 A DEZ/83	253,3	296,9	- 43,6	+ 3,9
JULHO/83 A JUNHO/84	304,3	365,2	- 60,9	- 2,0
OUTUBRO/83 A SETEMBRO/84	323,3	397,5	- 74,2	- 4,3

## Terra

## Os custos da adesão à CEE

# Crescem as apreensões na lavoura

As consequências da adesão do nosso País ao Mercado Comum, designadamente no plano agrícola, continuam a suscitar as mais sérias apreensões junto dos homens do campo, receios tanto mais justificados quanto se vai conhecendo o conteúdo de alguns dos acordos estabelecidos, os quais na sua maior parte constituem verdadeiros tratados de capitulação face aos interesses do grande capital estrangeiro.

O alargamento da CEE ao nosso País trará, pois, vastas repercussões de carácter social e económico, resultados esses que, só por si, justificariam da parte das entidades oficiais que conduziram o processo de adesão uma pormenorizada divulgação e informação sobre a realidade do Mercado Comum, o funcionamento da política agrícola e sobretudo um esclarecimento completo sobre as consequências concretas que advirão para a nossa agricultura no caso de tal adesão se vir a efectivar em pleno.

### Silêncio comprometedor

Ora, a verdade é que ao longo destes últimos anos assistiu-se a um quase completo e inexplicável silêncio da parte de sucessivos governos sobre as matérias relativas ao *dossier* agricultura negociado com a CEE, comportamento este que causa sérias preocupações e que muito legitimamente deixa supor os custos gravosos que tal adesão comporta — se não catastróficos — e que recairão inevitavelmente sobre a lavoura portuguesa, a produção, a economia nacional e os agricultores.

Com efeito, são conhecidas as tremendas diferenças existentes entre a nossa agricultura e a dos países da CEE, um mercado onde dado o nosso atraso não temos quaisquer hipóteses de concorrer e cujas regras implicariam desde logo para o nosso País a desarticulação dos mecanismos de protecção da nossa agricultura, a abertura das nossas fronteiras aos produtos estrangeiros a preços sem concorrência, ao agravamento dos desequilíbrios e assimetrias regionais quer no nosso País, quer entre países da Europa.

Ainda recentemente a Confederação Nacional da Agricultura (CNA) promoveu em Coimbra um debate sobre as consequências da adesão no plano da agricultura, tendo os participantes apontado na ocasião alguns dos efeitos negativos que fatalmente se abateriam sobre a lavoura.

### Consequências nefastas

No sector *leiteiro*, por exemplo, segundo estudos já efectuados, a adesão levaria ao desaparecimento de milhares de produtores (particularmente os que possuem entre uma e dez vacas) como aconteceu nos últimos cinco anos nos países membros da CEE; à eliminação dos subsídios e do preço de garantia; ao fim da exclusividade da recolha por parte das cooperativas; a uma invasão de produtos lácteos excedentários na CEE, originando naturais dificuldades no escoamento da produção interna.

Quanto ao *vinho* calcula-se que grande número de viticultores desapareceriam por falta de competitividade; a área de cultura da vinha seria reduzida; os subsídios para a exportação de vinhos correntes seriam eliminados e dificuldades crescentes surgiriam na exportação de vinhos correntes e «rosés» face à regulamentação da CEE.

No que diz respeito à *batata*, do que já se conhece, tudo indica que seriam criados impedimentos à utilização de subsídios para o escoamento; os preços de garantia e de escoamento deixariam de existir; a batata de semente nacional estaria condenada à eliminação devido às actuais condições fitossanitárias e de produtividade e crescentes barreiras seriam impostas à exportação de excedentes de batata produzida noutras épocas.

Em muitos outros produtos e sectores como os *cereais*, a *carne*, a *beterraba sacarina*, as *hortícolas*, a *floresta* e a *fruta*, entre outros, recairiam também nefastos resultados devido à adesão, quer pelo facto dos custos de produção nos países da CEE serem inferiores, quer pela própria produção excedentária existente nesses países, quer ainda porque possuem uma poderosa e organizada produção que inviabiliza qualquer concorrência.

No plano da estrutura fundiária a integração de Portugal no Mercado Comum significaria ainda a liquidação progressiva de milhares de pequenos agricultores portugueses, os quais devido à estrutura das suas explorações estariam à partida impossibilitados de as adaptar à CEE e muito menos de retirar qualquer benefício, o que provocaria incalculáveis sacrifícios sociais e financeiros.

## Encontro de Trás-os-Montes conclui

# Baldios são factor de progresso

Uma crítica contundente e frontal à actuação dos últimos governos pelas suas tentativas de alterar a lei dos baldios, a denúncia dos entraves burocráticos impostos pelos Serviços Florestais à actividade dos conselhos directivos de baldios (CDB's), a oposição ao plano florestal do Banco Mundial por não ter em conta os interesses económicos dos compartes e o enaltecimento da gestão democrática dos baldios, eis, em suma, alguns dos principais aspectos que estiveram em evidência no Encontro de Baldios e Compartes de Trás-os-Montes realizado no passado domingo na Escola Preparatória de Vila Real.

A iniciativa partiu do Secretariado do Conselho da Conferência dos Baldios do Norte e Centro e contou com a participação de duas centenas de compartes em representação de 50 conselhos directivos de baldios dos distritos de Vila Real e Bragança.

### Debate vivo

Durante o debate, que se prolongou durante todo o dia, os participantes manifestaram o seu regozijo pela não alteração da lei em vigor em consequência da próxima dissolução da Assembleia da República e reafirmaram a sua exigência de que os deputados da futura Assembleia da República dêem garantias de defesa da actual lei dos baldios (Lei 39/76) e de que o próximo governo tenha vontade e capacidade para a cumprir.

Os trabalhos — no decorrer dos quais se produziram mais de 50 intervenções — puseram ainda em destaque o repúdio generalizado dos povos serranos pelos projectos de lei do PSD, do CDS e da ASDI («verdadeiros roubos dos baldios e compar-

tes», como foram classificados) os quais previam a extinção dos conselhos directivos e a passagem das suas atribuições para as autarquias e mesmo para os Serviços Florestais.

Sempre animado por um debate vivo e participado, o Encontro pôs em relevo, por outro lado, a burocratização dos Serviços Florestais e os entraves que têm sido colocados por este organismo ao normal funcionamento dos conselhos directivos. Conforme foi sublinhado em várias intervenções esta é uma questão com a qual os compartes se debatem quotidianamente, situação que urge alterar tanto mais que não cabe àqueles serviços ou respectivos directores «julgar se a lei é boa ou má» ou «se gostam ou não da lei. Cabe-lhes sim, exclusivamente, fazer cumprir a lei».

### Factor de progresso

O Encontro de Baldios e Compartes de Trás-os-Montes — o primeiro de âmbito regional com esta amplitude — aprovou também uma proclamação na qual se refere que a actual lei «serve

a paz social e a economia nacional» e tem contribuído enormemente para a «melhoria das condições de vida das populações sobretudo onde e quando da parte dos serviços florestais há franqueza e boa vontade em colaborar».

Sublinha ainda o texto da proclamação aprovada por unanimidade que a existência da legislação actual tem constituído um factor de progresso e desenvolvimento, permitindo que em muitas aldeias se introduzissem obras e outros melhoramentos de interesse colectivo, designadamente caminhos, fontanários, abastecimento de água ao domicílio e agrícola, habitações, casas do povo, entre outros.

Salientando as vantagens da administração democrática dos baldios pelos povos, refere ainda a proclamação que nestes últimos anos foi possível aumentar a produção de carne e a riqueza



Com o ressurgimento dos rebanhos, aumentou a produção de carne, criou-se mais riqueza, assegurou-se uma importante fonte de sobrevivência dos povos serranos

• **Mais de 200 compartes**

• **Empenho na defesa da lei**

dos povos das aldeias para quem os rebanhos constituem de novo uma fonte garantida de subsistência.

No decorrer dos trabalhos foi eleito o Secretariado dos Baldios da Região do qual fazem parte dez conselhos directivos em representação dos concelhos com área baldia.

Esteve igualmente presente um representante da Confederação Nacional da Agricultura o qual proferiu uma intervenção onde abordou circunstanciadamente a questão dos baldios e alguns dos problemas mais sentidos pela lavoura nacional.

## Governo ainda faz das suas

# À margem da lei rouba bens e acelera novas reservas

Confirmando apreensões anteriores, o Governo de Mário Soares — pese embora o facto de se encontrar demitido — prossegue a sua ofensiva destruidora nos campos do Sul, acelerando a abertura de novos processos de reservas e a concretização de roubos de outros bens, designadamente da cortiça.

A denúncia parte do Secretariado das UCP's/Cooperativas do Distrito de Évora e está contida num documento recentemente distribuído aos órgãos de comunicação no qual se afirma que o ex-ministro Álvaro Barreto despachou nos últimos dias dezenas de reservas totalizando milhares de hectares com vista à sua entrega aos agrários.

Esta acção, segundo os trabalhadores, conta com o apoio dos «comissários» do Governo e dos agrários instalados nos serviços regionais (os engenheiros Alberto Costa e José Augusto do Rosário e os advogados Manuel de Oliveira, Porta e Barbosa Correia, entre outros) e a pressa em le-

var por diante tais desmandos é tanta que «nem UCP's que já têm arrendamento com o Estado escapam a esta nova vaga de ataques contra a Reforma Agrária».

Estão neste caso, como refere o comunicado, a UCP/Cooperativa de Produção Agrícola Monte Velho do Vimieiro que tendo assinado com o Estado um contrato de arrendamento por seis anos (Despacho 23/84 do secretário de Estado das Estruturas e Recursos Agrários) se encontra agora a braços com um processo de reservas de 428 hectares a favor de uma firma espanhola, a Sociedade Agrícola Luis Gonzalez, Lda.

### O caso da cortiça.

Mas não se fica por aqui a gula de quantos, dominando ainda o aparelho de Estado, procuram a todo o custo avançar o mais possível na destruição da Reforma Agrária. É o caso de um despacho do demitido secretário de Estado da Produção Agrícola, Joaquim Gusmão, o qual manda ilegalmente suspender a extracção de cortiça pelos trabalhadores nas UCP's «União das Silveiras» e «Pedro Soares» sob o pretexto de que duas herdades «irão ser brevemente entregues — as palavras são do membro do Governo — aos seus legítimos proprietários».

Ora o que acontece é que as referidas herdades se encontram legitimamente na posse e a ser exploradas pelas respectivas cooperativas, não existindo notificação de nenhuma decisão para que a terra seja entregue a quem quer que seja.

O Governo coloca-se assim

frontalmente, e uma vez mais, fora do quadro da legalidade, suspendendo um trabalho que está em curso de acordo com o respectivo ciclo, afectando a produção e «tentando fazer passar ilegalmente para as mãos dos agrários milhares de arrobas de cortiça».

Daí que os trabalhadores agrícolas e as organizações representativas da Reforma Agrária não reconheçam «qualquer legitimidade em todos os processos em curso» desencadeados por um Governo sem poderes, à margem da lei e da Constituição.

A disposição do proletariado rural vai, pois, no sentido de não acatar «nenhuma tentativa de entrega de terras, roubos de cortiça ou outros bens», pelo que, conforme lembra o comunicado, reagirão por «todos os meios constitucionais ao seu alcance, reclamando que todos estes processos e todos os ataques à Reforma Agrária sejam suspensos».

Poder Local

# Unir esforços e salvar Lisboa

Encontro da APU

É urgente defender Lisboa e recuperar a cidade, sendo a APU a única alternativa capaz de fazer inflectir decididamente o estado de degradação a que sucessivas maiorias de direita na gestão da CML têm conduzido a cidade — eis, em resumo, a conclusão do Encontro Concelhio da Aliança Povo Unido de Lisboa no passado sábado, no salão da Junta de Freguesia de Alcântara, onde durante todo o dia representantes desta coligação política nos vários órgãos autárquicos do Concelho de Lisboa (Juntas de Freguesia — com ou sem maioria APU — Assembleias de Freguesia e Municipal, vereação da CML) passaram a pente fino a realidade que se vive no município de Lisboa, expondo com clareza e em profundidade quer os graves desmandos de sucessivas gestões municipais corruptas e incompetentes, quer o notável trabalho da APU nas autarquias da cidade onde está em maioria, quer ainda a acção global da Aliança Povo Unido onde quer que esteja representada. As propostas da APU para resolver os graves problemas da capital foram outro ponto alto do Encontro, no qual, refira-se, participaram mais de 500 pessoas.

Mário Casquilho falou pelo MDP/CDE e José Casanova, da Comissão Política do CC do PCP, faria a intervenção de encerramento.

A proclamação aprovada por unanimidade no final pelo mais de meio milhar de participantes, sublinha que Lisboa tem visto agravados todos os seus problemas, sendo crescentemente degradada e descaracterizada com uma governação ao sabor dos interesses de uma reduzida minoria de especuladores, contra os interesses da maioria esmagadora da sua população. Assim, é urgente inflectir radicalmente o tipo de gestão a que tem sido submetida desde 1980 pelo CDS e PSD, confirmada e em muitos aspectos agravada a partir de 1982 com o apoio do PS. É necessária e possível uma nova gestão, oposta à que tem sido condu-

zida nos últimos anos, norteada para a defesa dos interesses colectivos da população da cidade — uma gestão democrática e participada que só a APU está em condições de promover.

De facto o Encontro confirmou a superior capacidade de realização dos eleitos da APU e o seu papel decidido e insubstituível no combate à gestão ruinosa da maioria CDS/PSD/PS da CML e na defesa dos interesses da cidade e do seu povo. A confirmar a importância e necessidade de estender a toda a cidade de Lisboa os resultados de uma gestão em maioria dos eleitos da APU está, como recorda o documento, o balanço da ac-

tividade das nove Juntas de maioria APU, que revela um notável trabalho realizado, um estilo de gestão diferente para melhor.

Por outro lado a APU é já hoje a mais importante força da região de Lisboa, com provas dadas na gestão de um elevado número de Concelhos e Freguesias da região, com um prestígio crescente ganho pelo trabalho e satisfação dos compromissos assumidos com a população. Apresenta-se, também na cidade de Lisboa, com uma constante e progressiva implantação.

## As batalhas que se aproximam

O Encontro debruçou-se, naturalmente, sobre os importantes embates eleitorais que se aproximam, nomeadamente as eleições autárquicas previstas por imposição legal para o final do ano e as eleições legislativas antecipadas, fruto da luta incansável dos trabalhadores e do movimento popular contra a política reaccionária do Governo PS/PSD. Pela importância e influência que poderão ter no futuro, recorda o documento, as eleições antecipadas apresentam-se já como uma batalha a organizar e a travar.

Como se diz na proclamação e resultado do Encontro, a APU encara as próximas eleições para as autarquias na cidade de Lisboa com a confiança e entusiasmo que resultam do seu próprio trabalho e cres-

cente prestígio. Assim, consciente da importante e difícil batalha eleitoral a travar e do crescente empenhamento que lhe é exigido, o Encontro da APU da Cidade de Lisboa confirma as perspectivas optimistas de se concretizarem os seus principais objectivos: re-

forçar a votação nas Freguesias de maioria APU; alcançar pela primeira vez a maioria em outras Freguesias; aumentar o número de votos na APU, nas Freguesias e na cidade; lutar pela presidência da CML.

Deste modo o Encontro da APU da Cidade de Lisboa apela

ao desenvolvimento de uma grande campanha de massas e um trabalho audacioso com vistas ao alargamento do carácter unitário da APU capaz de impor pelo dinamismo e expressão popular a concretização de uma grande vitória da APU nas próximas eleições.

## Encontro Distrital do PCP Aveiro presente na construção do futuro

Cresce a adesão, aprontam-se as listas, alarga-se a unidade em torno da APU, concluíram os participantes no Encontro Distrital do PCP sobre o Poder Local e eleições autárquicas aberto a todos os activistas da APU, que decorreu em Aveiro no dia 30 de Junho, promovido pela comissão distrital do PCP.

Visando analisar a situação nas autarquias e efectuar o balanço do trabalho realizado na preparação das próximas eleições autárquicas, o Encontro apreciou a extensão e consequências a nível do Distrito da ofensiva contra o Poder Local democrático levada a cabo pelo Governo da extinta coligação PS/PSD.

A má gestão e a falta de resposta aos problemas locais, a par de irregularidades, partidarismo, e demissionismo, da falta de prestação de contas e transparência nos órgãos de gestão, são traços caracterizadores e comuns da acção autárquica das maiorias PSD, PS, CDS, AD e PPM, que os participantes no Encontro não hesitaram em apontar.

De um modo geral, as intervenções enumeraram as mais graves carências do Distrito, destacando a incapacidade das Câmaras para as resolverem.

O abastecimento de água potável e a rede de esgotos no Concelho da Feira, o péssimo estado das estradas e caminhos nos Concelhos de Águeda, Arouca e Oliveira do Bairro, a rede de esgotos em Albergaria, a falta de habitação em Aveiro, o problema da habitação e dos clandestinos nos Concelhos de Espinho e Ílhavo, o abastecimento de água na Mealhada, os problemas da poluição e segurança das populações em Estarreja, foram aspectos da vida das autarquias do Distrito de Aveiro detalhadamente abordados pelos eleitos e activistas da APU, que igualmente denunciaram as frequentes ilegalidades cometidas pelos executivos, comprovadas pelos diversos inquéritos, inspeções e sindicâncias efectuadas entre 1983 e 1984 em S. João da Madeira, Aveiro, Castelo de Paiva, Águeda, Severo do Vouga e nas Freguesias de Frossos (Albergaria), Oliveirinha (Aveiro), Préstimo (Águeda) e Fervedo (Arouca).

Também o «não cumprimento dos prazos legais na prestação de contas, em quase todas as Câmaras do Distrito, a falta de descentralização de poderes e de meios para as Freguesias, comum a quase todas as câmaras, e o não cumprimento dos

seus próprios programas e planos anuais de actividade» foram outros tantos aspectos caracterizadores da actuação dos executivos autárquicos do Distrito, que os participantes no Encontro vivamente repudiaram.

Para os activistas da APU os «traços negativos da gestão autárquica assumem particular gravidade nas Câmaras onde a APU não tem eleitos» o que suscitou a conclusão de que tem sido mau para aqueles Concelhos e suas populações nunca haver sido eleito um vereador da APU.

### A utilidade do «voto útil»

Relativamente ao papel e ao trabalho desenvolvido pela APU

ção estreita ao povo que representam.

O Encontro apreciou também a preparação das eleições autárquicas, tendo realçado a «necessidade urgente de intensificar os contactos com outros democratas, com ou sem partido, visando a sua participação nas listas e a sua colaboração no levantamento de carências para a elaboração de programas».

Apreciou ainda a questão do voto útil, sublinhando que a experiência tem demonstrado ser indiferente uma presidência de Câmara PS, PSD, PPM ou CDS, pois que as diferenças entre órgãos diversos e gestões diversas resultam, quase sempre, do facto da APU estar ou não representada nesse órgão. Daí que o voto útil não seja aquele que escolhe um presidente mas sim o que sabe escolher uma força e um candidato efectivamente capaz de, no respectivo órgão, defender os interesses do povo, do Concelho ou da Freguesia.

Por último, a situação política



Alarga-se, no distrito de Aveiro, a unidade em torno das propostas da APU para resolver os problemas concretos das populações

— que tem maioria em duas Freguesias do Distrito, 6 vereadores nas Câmaras de Espinho, S. João da Madeira, Ovar, Estarreja, Ílhavo e Mealhada, 48 eleitos em Assembleias Municipais e 117 eleitos em 65 Freguesias — o Encontro concluiu que a acção dos eleitos por aquela coligação tem-se caracterizado pela «contribuição positiva para a resolução dos problemas locais, pela exigência de funcionamento democrático dos órgãos, pela denúncia das ilegalidades e da corrupção, da negligência e da rotina» ao mesmo tempo que têm dado provas de empenhamento, de isenção na resolução dos problemas locais, de grande capacidade de trabalho e de liga-

foi alvo de apreciação do membro da Comissão Política do PCP, Jaime Serra, que apontou como medida complementar, necessária e indispensável, da dissolução da Assembleia da República, a nomeação de «um governo de gestão capaz de garantir a democraticidade do acto eleitoral» e definiu como «demasiado escandalosas as manobras do PS para se manter no poder».

O dirigente comunista encerrou a sua intervenção apelando «à preparação em força das listas de candidatos como forma de se contribuir, também desse modo, para a dinamização da campanha eleitoral para a Assembleia da República».

## Os lixos de Abecasis «Trajar-se» para ir a Trajouce e depois voltar para trás!

O caso da lixeira da Boba — a maior da Europa, triste recorde! — esta a ter desenvolvimentos que fazem antever um final longínquo para esta história mal cheirosa. Como se sabe, Boba fica no concelho da Amadora e serviu de caixote do lixo da capital durante 32 anos, o que tornou o local numa montanha de pestilência e numa tal ameaça à saúde pública da zona, que a Câmara Municipal da Amadora, mobilizando as populações, se viu forçada a deliberar o encerramento compulsivo da lixeira após anos de tentativas infrutíferas junto do executivo de Abecasis para se encontrar uma solução. Mas Lisboa continua a produzir mais de duas centenas de toneladas de lixo diárias que é preciso depositar em algum sítio. Em Cascais, segundo «arranjo» entre Abecasis e Helena Roseta, e numa lixeira que já está saturada e a ameaçar a saúde dos habitantes da zona. Por acaso a Freguesia APU de S. Domingos de Rana... que, entretanto, não está nada disposta a ser vazadouro de toda a gente.

A APU na Câmara Municipal de Lisboa havia sugerido o óbvio: que, para já, se recorresse a todos os concelhos limítrofes para o depósito das 210 toneladas/dia de lixo da capital, enquanto não se encontra uma solução definitiva. É claro que a santa aliança CDS/PSD/PS na Câmara de Abecasis recusou, optando este último pelo arranjinho, atrás referido com a infável Helena Roseta, a qual, muito ligeiramente e antes de embarcar para Paris, pôs ao dispor da Câmara de Abecasis a lixeira de Trajouce, na Freguesia de S. Domingos de Rana — lixeira que já recebe 130 toneladas diárias de lixo de Cascais e se encontra num estado de saturação bem próximo do da Boba...

É claro que as populações de Trajouce reagiram a este disparate que lhes põe ainda mais em causa a (falta de) qualidade de vida, criando-se de imediato uma comissão de luta para juntar esforços contra a utilização da lixeira por Lisboa. Uma numerosa multidão concentrou-se junto à Câmara Municipal de Cascais em sinal de protesto, respondendo a um apelo desta comissão de luta, e o executivo da Câmara de Cascais, após intenso debate de cinco horas, acabou por suspender a aplicação da decisão tomada seis dias antes de abrir a lixeira de Trajouce aos despejos da capital. Assim a sus-

penção da deliberação será mantida «até que a Câmara de Cascais esteja em posse de todos os elementos susceptíveis de clarificar a situação, designadamente o que for deliberado na Assembleia Municipal, os pareceres técnicos indispensáveis, uma efectiva proposta de protocolo visando a emergência de que todos têm consciência, além de apontar para as soluções recomendáveis a médio e longo prazo».

Várias propostas dos vereadores da APU na Câmara de Cascais foram entretanto rejeitadas pela, também ali, «santa aliança» PSD/PS/CDS, nomeadamente a revogação da decisão de abrir a lixeira de Trajouce à Câmara de Lisboa, e ainda que a Câmara de Cascais sugerisse à de Lisboa «a abertura de contactos com todos os municípios limítrofes com vista à abertura de negociações intermunicipais que tenham como objectivo a resolução do gravíssimo problema dos resíduos sólidos com que se debate aquela autarquia». Da proposta da APU apenas foi aprovada, por unanimidade, o ponto que exigia que nenhuma decisão sobre a matéria fosse tomada pela Câmara de Cascais «sem que previamente se tenham pronunciado os órgãos autárquicos envolvidos (Assembleia Municipal e a Assembleia e Junta de Freguesia) e a população».

A ver vamos...

PCP

# Organizações do Partido analisam situação e traçam tarefas

A actual situação política tem vindo a ser analisada por diversas organizações do Partido. Dos diversos comunicados que têm saído do final das reuniões, um traço é comum a todos eles: a grande vitória que constituiu para a luta do povo português a derrocada da coligação PS/PSD e a perspectiva de uma solução democrática e patriótica para a crise.

De entre as organizações que fizeram tal análise, contam-se as Direcções das Organizações Regionais de Setúbal, dos Açores, de Santarém, e o Comité Local do Porto.

A Direcção da Organização Regional de Setúbal do PCP salienta que valeu e vale a pena lutar e que por isso é necessário insistir-se no prolongamento da luta por uma alternativa democrática e por objectivos próprios do distrito.

Para a DORS, «é necessário que acabe a praga dos salários em atraso (dívida superior a três milhões de contos a mais de 18 mil trabalhadores de 69 empresas do distrito), de que são exemplos escandalosos os casos da Parry Son e da Lisnave (nesta, apesar de estar a facturar normalmente, a administração recusa-se a pagar aos trabalhadores)».

«O desemprego — continua o comunicado — tem de ser sustido e combatido. Há que travar os falsos planos de "reestruturação" de empresas e sectores, aproveitar integralmente a capacidade produtiva instalada, desbloquear contratos de viabilização e assegurar o desenvolvimento económico e o aumento da produção».

Para a DORS, «as acções discriminatórias e de compadrio,

sem qualquer controlo e sujeitas a todos os abusos, promovidas pelo governador civil do distrito e pela presidente do Centro Regional de Segurança Social, são indignas do Portugal de Abril e têm de acabar, repondo-se a legalidade democrática através das suas substituições e de uma política que respeite o Poder Local e assegure um efectivo e maior apoio (regular e generalizado) às associações e corporações de bombeiros, aos clubes e colectividades, aos grupos de teatro e outros agentes culturais, às associações de defesa do património, e incrementando sem demagogia a indispensável acção social no distrito».

A DORS sublinha que, «a par destes objectivos distritais, vários outros têm de ser prosseguidos nas empresas, sectores e localidades. Através da luta, em unidade, com serenidade mas determinação, os objectivos dos trabalhadores e das massas populares serão alcançados».

## As eleições

Para a prossecução destes objectivos, adquirem um particular realce as próximas batalhas eleitorais.

É exactamente esse o recado que chega do Comité Local do Porto do PCP que também anali-

sou as eleições autárquicas, tendo considerado «positivo o trabalho preparatório já realizado que se traduziu em numerosas reuniões, plenários com a população, visitas, porta-a-porta, abaixo-assinados, distribuição de documentos, o que permitiu constatar o imenso apoio e o grande prestígio de que dispõe a APU na cidade».

Foi com base neste balanço que o Comité Local do Porto, considerando ser necessário prosseguir e aprofundar o trabalho, traçou as tarefas essenciais para os próximos tempos.

A primeira de todas elas é «intensificar e dinamizar todo o trabalho da APU nos órgãos autárquicos, concretizando os Planos de Actividade, lutando abne-

gadamente pela resolução dos problemas dos moradores e resolvendo-os, reforçando a participação e mobilização das populações, definindo com rigor objectivos e prioridades, informando e prestando contas». Depois, há que prosseguir o levantamento dos principais problemas das populações, «intensificando as reuniões, os plenários, os porta-a-porta, procurando conhecer com detalhe e minúcia as principais carências, iniciando a elaboração de programas que correspondam e reflectam os anseios dos moradores.»

Outras tarefas essenciais apontadas pelo Comité Local do Porto para a preparação das próximas eleições autárquicas são a auscultação da população, o prosseguimento do trabalho da APU com as mulheres do Porto, dar uma particular atenção aos problemas dos jovens e, finalmente, alargar e reforçar a APU, concretizando a sua crescente influência na cidade.

Pelas tarefas prioritárias e pela análise da situação aqui expostas, fica demonstrado que é indispensável a participação dos comunistas para se criar uma alternativa democrática, que permita a resolução dos problemas.

## Mercado — festa nas Caldas da Rainha

A Comissão Concelhia das Caldas da Rainha do PCP promoveu, como já é tradicional, um Mercado-Festa.

Nesta Festa, que decorreu recentemente, além da parte recreativa, houve venda de produtos da Reforma Agrária e de outros produtos agrícolas.

Como é inevitável, também a Feira do Livro lá teve o seu (concorrido) lugar.

Neste Mercado-Festa promovido pela Concelhia das Caldas da Rainha, integrou-se um comi-

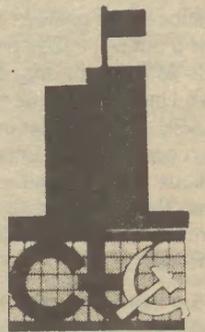
cio no qual usou da palavra o camarada Octávio Pato, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central do PCP.

A intervenção de Octávio Pato versou a actual situação política, tendo afirmado, a concluir, que «com as próximas eleições legislativas, a possibilidade de uma alternativa democrática é uma perspectiva real e tornar-se-á realidade votando-se na APU e aumentando o número de deputados eleitos na futura Assembleia da República».

## Novo CT da DORS O espírito de iniciativa!

A Festa do Trabalhador em Alvalade-Sado (Santiago do Cacém) e a Festa Amiga no Pinhal Novo (Palmela) serão já no próximo fim-de-semana iniciativas destacadas da campanha para o novo Centro de Trabalho do Partido da Organização Regional de Setúbal (ORS). Um pouco por todo o distrito, os militantes comunistas avançam várias actividades para dinamização da campanha, que se aproxima já dos 14 mil contos (o gráfico que publicamos dá uma ideia dos avanços e atrasos registados nas organizações e sectores).

A Festa do Trabalhador em Alvalade-Sado (sábado e domingo) decorrerá na esplanada do cinema local, estando previsto um serviço de «comes-e-bebes» com a tradicional sardinha assada. Da programação geral, destacamos: **sábado** — 15 h, torneio de chinquilhó; 18 h, inauguração da exposição das autarquias, no salão do cinema; 19.30 h, actuação do grupo coral e instrumental da Casa do Povo de Alvalade-Sado; 20 h, Francisco Ceia; 21 h, baile animado pelo conjunto «Ecko»; **domingo** — 9.30 h, torneio de ténis de mesa, 15 h, animação-vídeo para a juventude no salão do cinema; 17 h, exibição do grupo de teatro «Novo Amanhecer»; 17.30 h, rancho folclórico «As Borboletas»; 18 h, concurso «o tabuleiro», seguido de leilão; 20 h, música popular portuguesa com o



Ele e a sua banda lá estarão no palco da festa num espectáculo que se aguarda com vivo interesse e anunciado para as 22 horas.

Até lá, desfilarão o rancho da Lagoa de Palha, o grupo de dança rítmica «Las Folliés» (durante a tarde) e a partir das 20 horas grupo «Dialecto».

O comício da Festa Amiga está

**Alvalade Sado:** Festa do Trabalhador sábado e domingo, na esplanada do cinema

**Pinhal Novo:** Festa Amiga amanhã, sábado e domingo no campo do Pinhalnovense

grupo «Nova Aurora»; 21 h, actuação do «Margem Sul», de Setúbal; 21.45, baile.

O espaço de esclarecimento político decorrerá a partir das 19 e 30 horas de domingo com a intervenção da camarada **Odete Santos**.

Entretanto, no Pinhal Novo, a Festa Amiga abre as suas portas já amanhã (sexta-feira), às 20 horas. Um colóquio sobre aspectos da Comunicação Social, com o jornalista Miguel Urbano Rodrigues (21 horas) e uma noite de baile com o conjunto «Open Band» preenchem o programa de sexta-feira. No sábado, a música coral marca encontro com os visitantes da festa a partir das 16 e 30 horas. Atenção, pois, aos coros da Coopinhil, dos Ausentes de Palmela e do Alentejano do Seixal. Depois da actuação do grupo «Pisa a Corda» (21 horas), a Festa Amiga ouvirá o fadista Fernando Farinha.

## Sérgio Godinho na Festa Amiga

Sérgio Godinho é a grande presença musical de domingo.

SECTORES	EVOLUÇÃO DAS METAS EM PORCENTAGEM
ALCÁÇER	██████████
ALCOCHETE	██████████
ALMADA	██████████
BARREIRO	██████████
GRÂNDOLA	██████████
MOITA	██████████
MONTIJO	██████████
PALMELA	██████████
SANTIAGO	██████████
SEIXAL	██████████
SETÚBAL	██████████
SINES	██████████
SINICAL	██████████
JCP	██████████
DORS	██████████
TOTAL	██████████
DISTRITAL	██████████

## Nacional

# Mulheres portuguesas em conferência internacional

De 10 a 19 de Julho, realiza-se em Nairobi, no Quênia, o Fórum das Organizações Não Governamentais destinado a analisar os resultados obtidos na Década da Mulher proclamada pela ONU. Neste Fórum — em que o tema será debatido por quatro mil delegadas vindas de todo o Mundo — participa uma delegação do Movimento Democrático de Mulheres (MDM).

A delegação, composta por Isaura Vieira, membro do Secretariado Nacional do MDM e do Bureau da Federação Democrática Internacional de Mulheres, e por Leonor Santa Rita, membro do Conselho Nacional do MDM, participará em diversos grupos de trabalho. A saber: «Nós lutamos pela Paz; nós lutamos pela nossa igualdade», «emprego

para as mulheres; a situação económica das mulheres na Europa Ocidental» e «programas realizados e obstáculos encontrados em relação à igualdade e ao desenvolvimento das mulheres».

As delegadas portuguesas serão portadoras de um «dossier» com o balanço da Década da Mulher em Portugal, que foi de-

batido e analisado num Seminário que, sob o mesmo lema, se realizou em Maio.

Este Fórum de Nairobi integra-se num conjunto de duas conferências, uma governamental e outra não governamental, que tem por objectivo analisar os resultados obtidos e os obstáculos encontrados ao longo da Década da Mulher que terminou este ano.

## Bailarinos soviéticos actuam em Portugal

Um elenco composto por bailarinos solistas de algumas das principais salas da União Soviética encontra-se no nosso País para dar uma série de espectáculos em Lisboa, Porto e Funchal.

Durante a digressão dos bailarinos soviéticos, de 12 a 22 de Julho, os espectáculos serão or-

ganizados pelo Teatro Nacional São Carlos EP, em Lisboa e Porto, e pelo Cine-Forum do Funchal, sempre em colaboração com a Associação Portugal-URSS.

Os bailarinos soviéticos farão espectáculos no Teatro Municipal do Funchal — dias 12, 13 e, eventualmente, 14 —, no Coliseu

do Porto — dias 16 e 17 pelas 21 e 30 — e no Teatro Municipal de São Luiz, em Lisboa — dias 18, 19, 20 e, eventualmente 22 de Julho, sempre às 21 e 30.

Participam neste espectáculo bailarinos solistas dos Teatros de Ópera e Ballet Bolchoi, de Moscovo, Kirov e Maly, de Leninegrado, Stanislavski, de Moscovo, Vilnius, Baku e Frunze.



Nacional

Até que a situação se altere

# JCP suspende participação no CNJ

«Numa atitude de elementar respeito pelos jovens portugueses impedidos de se fazer representar num Conselho que deveria ser o seu, e em respeito pelos princípios elementares que presidiam ao processo de constituição do Conselho Nacional da Juventude» a que desde a primeira hora aderiu, a Juventude Comunista Portuguesa «decidiu abandonar os trabalhos de constituição do CNJ e manterá esta posição enquanto a presente situação não for alterada».

Esta posição dos jovens comunistas vem na sequência de uma série de atitudes tomadas por diversas organizações juvenis que — contrariando as «Bases Gerais de Constituição do CNJ» — têm por objectivo vincular desde já o Conselho a organizações internacionais e canalizar as suas acções para a órbita da acção governativa.

«Ao longo do processo de constituição do CNJ — lê-se no comunicado onde é anunciada esta tomada de posição —, e sem nunca ter posto em causa a sua viabilização, a JCP condenou a consagração estatutária de maiorias e minorias no interior do CNJ, assim como protestou veementemente contra a atitude de três or-

ganizações juvenis (entre elas a JS) que, em Fevereiro último, decidiram, por sua exclusiva iniciativa, pedir a adesão do CNJ português (ainda por constituir) ao «Forum Jeunesse» das Comunidades Europeias, numa atitude abusiva e atentatória da dignidade das organizações juvenis portuguesas».

Mas a arbitrariedade não se fica por aqui. Recentemente uma escassa dezena de organizações juvenis tomou a atitude de «impedir a adesão ao processo de constituição do CNJ solicitada por quatro organizações nacionais de juventude, no imediato, ou de qualquer outra organização juvenil antes de serem eleitos os corpos directivos do futuro CNJ».

Para a JCP — que considera estas atitudes como sendo uma «manifestação violação» das 'Bases Gerais' assinadas e de anteriores acordos consensualmente assinados e praticados —, «procedimentos como os da JS, PSD, JC e outras organizações que foram na esteira das suas posições, falam por si quanto aos seus conceitos de diálogo, de democracia e de participação».

Finalmente, «a Juventude Co-

munista Portuguesa chama a atenção dos jovens portugueses para a manipulação dos seus mais legítimos anseios, que se pretende fazer através da auto-proclamação de um Conselho Nacional da Juventude fechado e manietado por opções partidárias e governativas que, a coberto de uma representatividade fictícia, nada tenha a ver com a riquíssima realidade que constitui o movimento juvenil em Portugal».

## Café-concerto na Voz do Operário

O grupo de trabalho de Lisboa do Comité Nacional Preparatório do XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes organiza, uma vez mais, um café-concerto na Voz do Operário.

Como sempre, o café-concerto realiza-se no sábado e abre as suas portas a partir das 21 e 30.

Participam nesta iniciativa o cantor Pedro Carmo e um grupo de música popular portuguesa. Como este último conjunto ainda não tem nome, o grupo de trabalho resolveu-se apadrinhá-lo. Assim, realizar-se-á um concurso para a atribuição do nome a este novo agrupamento e cujos prémios são aliciantes.

# Ainda é possível ir-se ao Festival

A vinte e três dias que estamos do Festival, a embaixada de jovens portugueses que se desloca a Moscovo para participar nesta autêntica tribuna da juventude de todo o mundo que é o XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, já está composta.

São, portanto, duzentos os jovens que, em Moscovo, representarão o Comité Nacional Preparatório e, consequentemente, a juventude portuguesa.

No entanto, e se se tiver menos de 35 anos, há ainda uma (boa) oportunidade de se ir a Moscovo por alturas do Festival.

O como é simples. Basta, como já dissemos, ter menos de trinta e cinco anos. Depois — como todo o jovem, é necessário estar-se de acordo com o lema do Festival — «Pela Solidariedade Anti-imperialista, a Paz e a Amizade».

Como sempre, nem a boa vontade nem o interesse absoluto são, só por si, condições suficientes para se encetar uma viagem com todos estes atractivos. Para tal é também necessário dinheiro.

E, se por um lado se dirá que custa a desembolsar o montante necessário, por outro, chega-se à conclusão que a viagem é praticamente de borla.

Se se vir bem, quinze dias na União Soviética, com a hipótese de se visitar mais do que uma cidade e de se participar activamente no XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes por apenas 70 000\$00 (setenta contos), é extremamente barato.

Além do mais, e como todos já se aperceberam, não se trata



de uma normal viagem turística.

A viagem ao Festival e à União Soviética que é proposta pela Agiturismo e pelo Comité Nacional Preparatório não é uma viagem normal. De facto, não se trata daqueles passeios turísticos em que se tem dez minutos para visitar um monumento.

Esta excursão tem um atractivo que nem tantas vezes como o que é desejável é posto à disposição dos jovens, uma vez que se enquadra no âmbito do intercâmbio juvenil, o que permite a todos quantos nela participem um contacto com a juventude e a realidade dos países que se visita; proporciona um são convívio entre os participantes na viagem e o povo e, essencialmente a juventude, ficando-se assim, com uma visão mais alargada da realidade.

Concluindo: ainda é possível ir-se a Moscovo por alturas do XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes. Existem duas viagens. Para a primeira, que é de 19 a 30 de Julho, é necessário inscreverem-se até ao fim desta semana. Para a segunda, de 30 de Julho a 8 de Agosto, as inscrições acabam no dia 14. É, indubitavelmente, uma oportunidade a não perder. Para as inscrições, contactar rapidamente com a Agiturismo, o Comité Nacional Preparatório ou a JCP.

Assembleia da República

# ... e não deixa saudades

Têm continuado, numa completa ausência de interesse, os trabalhos da Assembleia da República. E até terça-feira, data a que se reporta esta crónica, o plenário, trabalhando de manhã e de tarde, limitou-se a discutir e votar as ratificações pedidas pelo PCP referentes ao pacote autárquico. A própria votação do primeiro Orçamento Suplementar da Assembleia da República para 1985 foi adiada.

Contudo, outras coisas se passam nos bastidores. Na mesma terça-feira, durante o intervalo dos trabalhos, o Grupo Parlamentar Socialista esteve reunido com Mário Soares e Almeida Santos, ao que se diz para estes dois puxarem as orelhas aos deputados do seu partido que não estariam interessados em votar a lei das rendas de casa.

Mas tudo isto parece cheirar a campanha para o exterior, pois não faz muito sentido que um grupo parlamentar que tem sido o exemplo da obediência e subserviência, aos desejos do PSD, viesse agora, a escassos meses das eleições legislativas, mostrar-se rebelde num assunto em que até esteve sempre de acordo.

Todo este estardalhaço é para Zé Povinho ver e poderem os socialistas dizer, durante a campanha eleitoral, «que afinal não queriam», «que foram obrigados», enfim a conversa fiada de campanhas eleitorais anteriores e que infelizmente deram resultado.

Portanto, quando o «Avante!» estiver já nas bancas bem possível é que a lei das rendas esteja aprovada pela maioria PS-PSD-CDS-ASDI, para gáudio dos que irão beneficiar balúrdios com isso e desespero da população trabalhadora, impossibilitada de comprar casa e com salários em atraso ou mesmo na situação de desemprego. A Assembleia é dissolvida mas até ao final continua a favorecer o grande capital.

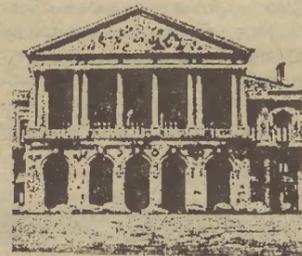
E por associação de ideias, na mesma data deve estar já

discutida e aprovada pela maioria o Acordo Técnico para execução do Acordo de Defesa entre Portugal e os Estados Unidos, ou não houvesse fortes compromissos do Governo para com os norte-americanos, bem como o Acordo entre a República Portuguesa e a República Francesa respeitante à utilização de certas facilidades pela República Francesa na Região Autónoma dos Açores. Ou seja, arrumar a casa nos compromissos assumidos com os amigos, antes de a encerrar. Assim é que é bonito e o presidente Reagan só tem pena que os restantes governos não tenham tão boa-vontade e desejo de colaborar, como sucede com o Governo português, que agora está em vésperas de partir.

É por bem

Quando o PS, aliado convicto e subserviente da direita, entrega de mão beijada as Lajes aos EUA... é por bem; quando favorece descaradamente os grandes senhorios e os empresários da construção civil... é por bem. E também é por bem... quando não legisla ou inviabiliza mesmo tal iniciativa no respeitante a repor a legalidade nos salários em atraso. Coitados dos patrões que têm tantas dificuldades e não foi para as verem agravadas que deram o seu voto ao PS. Assim se resume em poucas linhas a história do que tem sido o trabalho da AR, por parte do PS e seus aliados.

Mas a sua actuação não pas-



sa sem ser desmascarada. Pela bancada comunista são inúmeras as vozes que se levantam para denunciar a actuação deste Governo que parte sem deixar saudades. Isso o fez, mais uma vez, o deputado Jorge Lemos, na passada terça-feira.

Alertando para que o Governo demissionário e a esfrangalhada maioria PS/PSD querem aproveitar os escassos dias que antecedem a dissolução do Parlamento para, unindo esforços, consumir objectivos essenciais da sua política de destruição, Jorge Lemos frisou:

Consideramos inqualificável o agendamento para votação final global nas vésperas da dissolução do diploma sobre o aumento das rendas de casa, diploma de características marcadamente antipopulares e que, a ser aprovado, acarretaria aumentos de renda insuportáveis para milhares de famílias, com o consequente cortejo de despejos. Manifestámo-nos contra um tal agendamento e não deixaremos de utilizar os adequados mecanismos constitucionais e regimentais para que tal malfetoria não venha a ser consagração legal.

Inaceitável, de igual modo, a pretensão da defunta maioria de pôr esta Assembleia moribunda a ratificar tratados militares com os Estados Unidos da América que acarretam gravíssimas repercussões na in-

dependência nacional, na nossa capacidade de defesa autónoma, visando claramente a submissão de Portugal a interesses estratégicos estranhos ao País e colocando o território nacional ao serviço dos conceitos estratégicos dos Estados Unidos.

Quanto ao agendamento do Tratado de Adesão de Portugal às Comunidades Europeias queremos deixar claro que a ele nos opomos frontalmente, quer por não reconhecermos legitimidade a esta Assembleia para o aprovar com a sua actual composição, quer por roubar ao nosso povo a possibilidade de sobre ele se pronunciar através de um debate público a realizar no âmbito das eleições gerais.

Ao prosseguir a sua intervenção política Jorge Lemos abordaria ainda o que se passa no sector público da Comunicação Social, veiculando a propaganda das posições governamentais e manipulando descaradamente a opinião pública, afirmando por último:

A realização de eleições legislativas antecipadas e de outros actos eleitorais reclama que seja posto fim às arbitrariedades, abusos de poder e operações de manipulação, praticados pelo Governo do PS e do PSD do sector público da comunicação social, sob pena de, a não serem introduzidas as correcções necessárias, tais órgãos de comunicação social virem a ser utilizados — como até aqui o têm sido — enquanto porta-vozes da propaganda dos parceiros governamentais, comprometendo, desse modo a Independência e o pluralismo a que constitucional e legalmente estão sujeitos e que são garantias mínimas da democraticidade dos actos eleitorais.

**QUERES IR AO XII FESTIVAL**

*a última oportunidade*

**PREÇO ÚNICO 70.000\$00**

- 11 DIAS DE VIAGEM
- PARTIDAS: 19 e 30 / 7
- 1ª - MOSCOVO / LENINEGRADO /PSKOV
- 2ª - MOSCOVO / VLADIMIR /SUZDAL

INFORMAÇÕES:  
 Agiturismo - telef. 373110  
 ou  
 JCP - telef. 530264/557349

## Internacional

**TERRORISMO****A realidade e a campanha**

Os Estados Unidos relançaram uma vez mais a sua velha campanha do perigo do terrorismo, esforçando-se mesmo por coordenar oficialmente a política dos vários Estados da NATO, com o objectivo de uma acção concertada, ao nível dos aparelhos repressivos. Os alvos seriam, como é facilmente compreensível, o movimento de libertação dos povos e o movimento popular de massas, pelos direitos dos trabalhadores e pela paz. Os pretextos, nunca são particularmente difíceis de arranjar.

O aproveitamento de acções discutíveis na sua forma de sectores do movimento progressista, em particular em países e zonas em que a complexidade da situação e a dureza da luta pode desembocar em actos com tal carácter.

Ou ainda o recurso ao método comprovado da provocação: encaixar um elemento provocador no movimento pacifista, como já se conhece um exemplo (entre muitos outros que haverá), ou uma qualquer manifestação de trabalhadores.

Isto independentemente dum

outro aspecto da campanha do imperialismo, campanha que corresponde a uma linha política bem definida pela administração Reagan já no seu primeiro mandato: **a colagem do epíteto terrorismo a toda a acção revolucionária ou popular, e, mesmo à própria política, ou à simples existência da comunidade socialista.**

A campanha está relançada, e passa inclusive por contactos com governos de países da NATO, é tema de discussão em reuniões entre dirigentes políticos desses países, nomeada-

mente no recente contacto — para citarmos um exemplo — entre o vice-presidente norte-americano George Bush e o chanceler alemão-federal Helmut Kohl. Ou ainda na sede da NATO, em Bruxelas.

**Histórias de aviões e não só**

Um primeiro facto que importa assinalar é que cada vez que Washington relança a sua palavra de ordem «antiterrorista», se regista um novo surto — pelo menos ao nível do acento que lhe é colocado pelos órgãos de informação — de acções que podem ser consideradas como do âmbito do terrorismo.

Do carácter obviamente não ocasional dessa coincidência temos agora um exemplo significativo.

Dia 23, um avião da «Air Índia» despenhou-se no Oceano Atlântico, com 325 pessoas a bordo. Não houve, como é normal, sobreviventes. As suspeitas de que se tratava de um atentado e não de um vulgar acidente, vieram a confirmar-se.

Posteriormente foi divulgado que os **suspeitos do atentado**, os sikhs Lal Singh e Anand Singh, tinham sido **treinados no Outono passado num campo de treino de mercenários, em Birmingham, no estado norte-americano de Alabama.** Em declarações à cadeia norte-americana de televisão «NBC», o director do referido campo, Frank

Camper, confirmou esse facto. Os dois sikhs são ainda suspeitos de envolvimento num planeado atentado contra o actual primeiro-ministro indiano, Rajiv Gandhi, e ainda de participação no atentado que vitimou quatro pessoas no aeroporto de Tóquio.

Estes os factos divulgados. E não tenhamos dúvidas que se trata de uma insignificante ponta de um grande iceberg.

A causa maior invocada entretanto pelo vice-presidente norte-americano para a campanha «antiterrorista» tem sido outra: o sequestro de 40 reféns norte-americanos, que seguiam no avião da TWA, por chaitas libaneses.

E aqui e agora — que os reféns já regressaram à sua terra — vale a pena salientar algumas ideias e factos.

A primeira será a de que, como é conhecido e tem sido insistentemente afirmado, os comunistas não apoiam tais formas de luta, considerando inclusive que frequentemente são utilizadas pela reacção contra o movimento revolucionário.

A segunda é que os reféns eram naturalmente gente completamente inocente do drama que se vive no Líbano. Estão em liberdade. Mas o povo libanês, não menos inocente — antes vítima —, dos interesses e da política do imperialismo no Médio Oriente, continua a viver uma situação profundamente dramática, num país destruído, com todas as contradições empola-



das e agudizadas — deliberadamente — por Washington e Tel-Aviv.

Uma terceira. Os Estados Unidos utilizaram os factos (que importa não ignorar, na perspectiva dos chaitas libaneses, se trata de um acto de luta por uma causa inequivocamente justa), não só para atacar o governo grego, acusado de negligência, quando na verdade do que se trata é de tentar pôr em causa um governo que levanta algumas dificuldades à NATO e aos EUA, no plano da política externa (de notar que no ano em curso ocorreram ao todo vinte e um casos

de sequestro de aviões, seis deles em aeroportos norte-americanos...); e ainda para fazer aprovar de urgência, pela câmara dos representantes, um projecto-lei que concede plenos poderes à administração para que possa aprovar sanções contra qualquer país que provoque o descontentamento de Washington. Essa medida legislativa foi tomada com base no argumento da «insuficiente garantia de segurança nos aeroportos».

Alguns factos que ajudam na compreensão de quem desenvolve de facto uma política terrorista.

**Libéria rejeita soluções do FMI**

O governo liberiano decidiu não aceitar as condições impostas pelo FMI em troca da concessão de um novo empréstimo àquele país africano.

De acordo com notícias divulgadas pelo jornal «Footprints», o executivo liberiano tomou tal decisão após ter analisado o estado da economia nacional e apresentado o orçamento para o exercício financeiro 1985/86. Das conclusões salienta-se a constatação de que as «receitas» económicas do FMI provocaram uma descida sensível do nível de vida da população, pelo que as autoridades se recusam agora a impor ao povo um novo e pesado fardo.

Para fazer face à gravidade da situação económica provocada em grande parte pela queda dos preços mundiais do minério de ferro e da borracha que constituem os produtos básicos da exportação da Libéria, as autoridades exortaram o povo à mobilização de todos os recursos internos susceptíveis de contribuir para o desenvolvimento do país.

**Madagáscar comemorou aniversário**

A República de Madagáscar comemorou no passado dia 26 o 25.º aniversário da sua independência, dez dos quais sob um regime de orientação socialista.

O país, que conta com dez milhões de habitantes, é um membro activo do Movimento dos Não-Alinhados onde se tem destacado na luta contra o imperialismo, o neocolonialismo e o racismo, e pela consolidação da paz e segurança internacionais.

Entre as principais medidas tomadas a nível interno pelo governo de Madagáscar contam-se, entre outras, a nacionalização das grandes propriedades de capitalistas estrangeiros e o encerramento da base naval francesa de Diego-Suarez.

**Maior apoio aos palestinianos**

O secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar, divulgou a semana passada um relatório em que se apela às organizações e instituições das Nações Unidas para que reforcem o apoio económico e social ao povo palestiniano, que representa mais de metade dos refugiados do Médio Oriente.

Segundo as informações prestadas, a delegação da ONU no Médio Oriente para a assistência aos refugiados palestinianos é a maior organização que lhes presta auxílio nos sectores do ensino, saúde e previdência social.

**Pinochet negocia com a NASA**

O ditador Pinochet decidiu negociar com os EUA a possível cedência da ilha de Páscoa, no Pacífico Sul, aos serviços da NASA, para eventual aterragem de emergência das naves espaciais norte-americanas.

Para a ditadura chilena a cedência da ilha, que pode transformar o Chile num alvo prioritário em caso de conflito nuclear, depende apenas das contrapartidas que os Estados Unidos estejam dispostos a conceder.

**Uma política de Estado****Os bandos são instrumento**

Recentemente foi divulgada a notícia da constituição de uma organização especificamente anticomunista, integrada por bandidos armados de Angola, Nicarágua, Kampuchea, Laos, Afeganistão, entre outros. Com o aval pessoal de Reagan. E naturalmente os dinheiros, o treino, a organização, a formação, fornecidos pelo imperialismo. Não se trata, como é indesejável, da formação de uma frente contra o terrorismo. Mas do estabelecimento de uma forma de coordenação de actividades abertamente terroristas, à revelia de toda e qualquer legislação internacional. Um facto que está bem longe de surgir isolado e que podemos alinhar com muitos outros.

Basta referir um pequeno punhado de exemplos actuais, como a própria discussão do direito de intervir e em que circunstâncias, contra o país livre e independente que é a Nicarágua. A ajuda oficial de Washington aos bandos que no Afeganistão conduzem uma luta terrorista contra o seu povo. O apoio múltiplo a bandos como a Unita e a Renamo. A instigação de difendos étnicos na Índia. O treino de sobreviventes polpotianos, responsáveis do crime de genocídio contra o seu povo.

São factos que se inserem numa política de verdadeiro **terrorismo de Estado**, o que aliás é confirmado pela anulação, desde a instalação dos Republicanos na Casa Branca, de todas

as restrições impostas à actividade terrorista dos serviços secretos norte-americanos, limitações que surgiram na sequência da divulgação de diversos factos escandalosos nos anos 70.

É verdade que não se trata de factos novos. Um relatório sobre a utilização das organizações fascistas estrangeiras no interesse dos Estados Unidos, apresentado ao então secretário de Estado, Marshall, em 1948, assinalava que os Estados Unidos concediam subsídios a organizações fascistas, nomeadamente italianas (para referirmos um caso particularmente destacado), desde 1945, ou seja, desde o fim da 2.ª Grande Guerra.

Em 1949 havia agentes da CIA em todos os maiores países



da Europa Ocidental.

Em termos gerais, e segundo dados (de Setembro de 1984) da revista «Harper's Magazine», três milhões de pessoas, no pós-guerra, foram vítimas das «guerras secretas» norte-americanas. Presentemente, a CIA está a levar a cabo 5 a 7 operações secretas de grande envergadura no estrangeiro. Calcula-se, entretanto, que tal organização tem potencialidades para realizar simultaneamente 50 operações do género. A imprensa

norte-americana refere mesmo que desde que Reagan está no poder o número de «operações especiais» da CIA praticamente quintuplicou.

Mesmo no plano «teórico» o imperialismo defende a legitimidade da sua política terrorista. No discurso proferido em São Francisco, em Fevereiro de 1985, o secretário de Estado, Shultz, defendeu a legitimidade de operações oficiais secretas contra governos cuja política não seja do agrado do imperialismo norte-americano.

Factos demonstrativos do conteúdo terrorista de uma política. Mas que nunca nos deve fazer esquecer que se trata de um grande esforço do imperialismo, de uma tentativa de resposta à luta dos trabalhadores e dos povos, à realidade irreversível de um socialismo cada vez mais forte. E cujo exemplo terá tendência a impor-se como alternativa única, como o futuro, face à realidade do abismo que separa um sistema em crise de que a violência surge cada vez mais como arma única e até como elemento determinante no plano económico, e uma sociedade que vive uma fase de novo salto, nos planos económico, político, social, técnico-científico.

Internacional

## Angola

# Continua ocupação sul-africana

Ocasões há em que as palavras por mais pensadas e rebuscadas que sejam não conseguem transmitir com rigor uma dada situação. O que é ótimo para os pescadores de águas turvas, os dezedores de meias verdades e demagogos em geral que assim dizem mentindo sem mentir completamente o que mais lhes convém.

Vem isto a propósito das ações armadas da África do Sul em território angolano no passado fim-de-semana. Não se tratou de uma invasão ou de uma nova incursão de tropas, como alguns jornais procuraram fazer crer, pela simples razão de que tal implicava que as tropas racistas teriam violado um espaço estrangeiro antes respeitado. O que não é o caso.

Em rigor, o que aconteceu no passado sábado foi que tropas sul-africanas estacionadas na fronteira da Namíbia com Angola desencadearam, em território angolano que não chegou a deixar de estar ocupado pela África do Sul, um ataque contra pretensos guerrilheiros da SWAPO, organização em luta pela libertação da Namíbia.

Continuando a ocupar uma parte de Angola, pequena que seja, a África do Sul viola um dos princípios mais elementares das normas internacionais; a campanha de propaganda com que procurou fazer crer que tinha sido posto cobro a tal violação não passou de uma manobra para recuperar algum do seu estropeado prestígio internacional, enquanto ganhava tempo para a concentração de tropas na Namíbia, instalava neste país

ocupado um governo fantoche e preparava novos ataques tanto a Angola como a outros países vizinhos.

A agressão, anunciada pelos próprios comandos militares sul-africanos, terá provocado 62 mortos e foi exercida segundo as mesmas fontes como «represália» pela crescente actividade da SWAPO em território namibiano. Outras agressões anteriores, como a registada à capital do Botswana, haviam igualmente sido «justificadas» pela actividade do ANC.

Ou seja, incapaz de conter a luta interna dos patriotas sul-africanos e namibianos que se batem contra o *apartheid*, o racismo, a exploração e a ocupação, a minoria branca da África do Sul lança as suas tropas contra países independentes e soberanos.

É o regime que tal política agressiva prossegue que continua a contar com o apoio das principais potências ocidentais, malgrado a condenação que lhe é feita pela generalidade dos povos do mundo.

### Um caso que não é único

A África do Sul, condenada pelas Nações Unidas em múltiplas ocasiões — desde 1976 só Angola apresentou nove queixas no Conselho de Segurança da ONU e apenas num caso a condenação foi evitada pelo veto dos Estados Unidos — não constitui um caso único de exemplo de terrorismo de Estado.

Os EUA, seu principal aliado político, económico e militar, bateram já todos os recordes de violações de soberania, dispondo-se a continuar a invadir países militarmente mais fracos quando por outros meios não conseguem submetê-los.

Também Israel, outro fruto do imperialismo, segue uma política semelhante, de que a invasão do Líbano é o mais recente exemplo.

Como Angola tem alertado, não se trata de casos pontuais. O perigo se não for combatido pesa sobre todos os que se querem independentes.

## GENEBRA

# «Guerra das estrelas» o obstáculo maior

«Lenine, em tempos, expôs muito claramente a posição de princípio do Estado socialista, dizendo: «... Prometemos aos operários e camponeses que tudo faremos em prol da Paz. Fá-lo-emos com certeza» (...) Também hoje prometemos, mais vigorosamente do que nunca, aos operários e camponeses que tudo faremos em prol da paz. Fá-lo-emos com certeza». São palavras de Gorbachov, secretário-geral do CC do PCUS, ao dirigir-se ao colectivo dos trabalhadores da empresa metalúrgica Petrovski, no centro industrial da Ucrânia. E que traduzem a coerência e o conteúdo — bem simples e conforme aos interesses mais profundos da Humanidade — do que tem sido desde sempre a política externa soviética, a política externa do socialismo enquanto sistema socio-político.

A realidade demonstra entretanto, à saciedade, que a batalha pela paz nada tem de simples, nem de linear. Na verdade desenvolve-se nos mais diversos planos. À mesa de negociações. Na luta pela libertação e a independência económica e política. Na defesa dos direitos das massas trabalhadoras. Com o desenvolvimento do socialismo, em particular no plano socio-económico e técnico científico.

Porque se a aposta do socialismo é inequivocamente a paz, outro tanto não se pode dizer da parte do imperialismo.

O que neste momento se está a passar em Genebra é disso um exemplo profundamente significativo.

«Estão em curso as negociações de Genebra com os Estados Unidos. A sua tarefa, na interpretação dos dirigentes so-

viéticos, é a cessação da corrida aos armamentos na Terra e a sua prevenção no Espaço. Sentámo-nos à mesa das negociações para conseguir efectivamente estes objectivos — salientou também Gorbachov, na mesma intervenção. — Todavia, tudo leva a crer que a administração norte-americana e o complexo militar-industrial do qual ela é instrumento não o desejam. Pelos vistos, dos seus planos não constam entendimentos sérios, pois continuam a levar à prática um imenso programa de criação acelerada de novos e novos tipos de armas de exterminio em massa na esperança de obter a supremacia sobre os países socialistas e de lhes impôr a sua vontade».

### O papel da «Guerra das Estrelas»

Trata-se, em particular, e como todos sabemos, do chamado programa da «guerra das estrelas».

Apesar dos compromissos bem explícitos inicialmente assumidos em Genebra, tanto pela União Soviética como pelos Estados Unidos, e da própria base, nova, das negociações encetadas (a interligação entre negociações sobre armas nucleares estratégicas, tácticas e militarização do Espaço) — continua a desenvolver-se, sem peias, e apresentado como «defensivo», um programa que representa de facto um novo salto qualitativo no domínio da corrida aos armamentos.

Isso mesmo é confirmado pelas experiências que estão a ser feitas com as naves espaciais norte-americanas. Pelos contactos, não só a nível de Estados, mas directamente com empresas — de referir por exemplo o encontro há dias realizado em Bona, em que, segundo o semanário oeste-alemão, «Der Spiegel», participaram pelo lado norte-americano o responsável pelo IDS (programa de militarização do Espaço), Ja-

mes Abrahamson, o construtor da bomba de hidrogénio Edward Teller, o subsecretário de Estado da Defesa, Richard Perle e vários representantes de multinacionais; e do lado oeste alemão, as empresas «Siemens», «AEG-Telefunken», «Dynamit Nobel», entre outras. E ainda pelas próprias declarações oficiais de dirigentes norte-americanos e de diversos países da NATO.

Na verdade, e voltando ao discurso de Gorbachov, «o programa norte-americano de militarização do Espaço desempenha o papel de uma muralha que obsta ao alcance dos entendimentos correspondentes em Genebra».

Pelo que, se os Estados Unidos mantiverem em Genebra, «a sua política de delongas nas sessões das nossas delegações, fugindo à solução das questões por que se reuniram, aproveitando esse tempo para fomentar os seus programas militares — no Espaço, na terra e nos mares — seremos evidentemente obrigados a reconsiderar toda a situação. Não podemos simplesmente permitir que as negociações sejam utilizadas como um biombo para encobrir preparativos militares, cujo objectivo é assegurar a supremacia estratégica dos EUA e da sua política com aspirações ao domínio mundial. Na réplica a estes propósitos, tenho a certeza de que as forças verdadeiramente pacíficas de todo o mundo nos apoiarão, como nos apóia o povo soviético».

Há apenas alguns dias, 70 cientistas ingleses no domínio dos computadores dirigiram uma petição ao governo de Thatcher, salientando que o programa de militarização do Espaço constitui uma séria ameaça para a paz, e opondo-se a qualquer participação dos cientistas britânicos em tal programa. Um acto, entre muitas outras acções de protesto, que somando-se e diversificando-se deverão constituir um contributo eficaz para que Genebra seja possível e a corrida aos armamentos não assumam uma nova e perigoíssima dimensão. Uma tarefa que — como foi salientado logo no início deste novo ciclo de conversações soviético-americanas, com vista à limitação da corrida aos armamentos — é uma tarefa de todos nós. Todas as frentes de luta pela paz se interligam e a necessária barreira à «guerra das estrelas» não se circunscreve — nem pode circunscrever — à mesa de negociações.

# Aniversário de Moçambique comemorado em Lisboa

As comemorações do 10.º aniversário da independência da República Popular de Moçambique encerraram em Lisboa com a realização de uma sessão pública promovida na passada quinta-feira pela Associação de Amizade Portugal-Moçambique.

O acto, presidido pelo engenheiro Cunha Serra, contou com a participação do embaixador moçambicano em Lisboa, Batista Cosme, que usou da palavra, bem como os dirigentes da Associação, Domingos Lopes e António Arnaut.

A tónica das intervenções incidu em particular sobre as relações de amizade existentes entre os povos dos dois países e na denúncia das manobras do imperialismo contra Moçambique.

Utilizando bandidos armados — disse a propósito Batista Cos-

me — o imperialismo conseguiu enfraquecer a nossa economia, atrasar o processo de desenvolvimento e obrigar o país a enfrentar por mais tempo a fome.

É verdade — sublinhou — que consegue destruir escolas e

hospitais, mas não pode destruir a democratização e a inexistência de discriminação na saúde e na educação.

De democracia falou também António Arnaut, que não deixou de fazer a interligação entre os processos vividos pelos dois países na luta por regimes democráticos.

Temos consciência, afirmou referindo-se à libertação de Moçambique, de que o povo português participou dessa gesta heróica, pois quando lutámos pela nossa própria liberdade estávamos também a lutar pela liberdade dos povos submetidos ao jugo colonial. Nenhum

país é livre quando oprime outros povos.

Domingos Lopes, por seu turno, salientou o papel da Associação de Amizade no reforço dos laços existentes entre os dois países, tanto mais importante quanto Portugal continua a servir de base de apoio aos inimigos da revolução moçambicana.

Denunciando a duplicidade do governo, que afirma o desejo de manter boas relações com a RPM ao mesmo tempo que permite à Renamo total impunidade em Portugal, Domingos Lopes fez notar que as relações com Moçambique e outros Estados de língua oficial portuguesa devem ser encaradas como uma questão de defesa da nossa independência nacional.

E a provar que muitos são os que assim pensam está o apelo subscrito por inúmeras personalidades, como o marechal Costa Gomes, o general Vasco Gonçalves, o tenente-coronel Vasco Lourenço, Vasco da Gama Fernandes, Vítor Sá Machado, António Arnaut, Salgado Zenha, Sérgio Vilarigues, Carlos Costa, Medeiros Ferreira, Cunha Leal, que consideram necessário remover os obstáculos levantados à cooperação com os novos Estados africanos.

Uma preocupação que todos os democratas partilham.



O embaixador de Moçambique, João Baptista Cosme, durante a sessão comemorativa do 10.º aniversário da RPM

problemas da paz e do socialismo

**revista internacional**

revista dos partidos comunistas e operários

- URUGUAI  
Vitória da luta e da unidade
- CHECOSLOVÁQUIA  
Importância da cooperação económica

## Internacional

**NICARÁGUA****As pombas de rapina**

Imaginemos que alguém desconhecido coloca uma bomba à porta da embaixada dos EUA na Nicarágua, ou atira uma simples pedra contra as janelas; ou ainda que algumas tachas na estrada furam os pneus de um carro da embaixada, dos adidos disto e daquilo, em que por acaso sejam envolvidos cidadãos norte-americanos.

Imagine-se ainda que em qualquer manifestação na Nicarágua um norte-americano tenha o azar de torcer um pé, esfolar um joelho ou sofrer um precalço mais ou menos accidental. Ou, para quem preferir hipóteses mais drásticas, que ainda um cidadão dos EUA, mesmo daqueles que estão contra a política de Reagan na América Central, é vítima de um dos múltiplos ataques terroristas levados a cabo pelos mercenários anti-sandinistas.

Imagine-se, finalmente, que as autoridades de Manágua decidem comprar Migs soviéticos para reforçar a sua escassa força aérea para fazer face de modo mais eficiente aos ataques e violações aéreas de que são alvo.

Qualquer destas hipóteses se tornou, desde a passada quinta-feira, motivo bstante para o envio de tropas norte-americanas para a Nicarágua. O que dito com toda a crueza significa invasão da Nicarágua.

Assim o decidiu a Câmara dos Representantes dos EUA.

Numa daquelas manobras tão típicas da demagogia política, os representantes do Partido Democrata fizeram aprovar o que à partida parecia um importante obstáculo à escalada agressiva de Reagan contra a Nicarágua: a decisão de proibir uma intervenção directa dos EUA naquele país.

Lançado o isco, conseguida a manchete nos órgãos de comunicação, os pormenores que por

carágua em caso de «perigo evidente» para os cidadãos ou instalações dos Estados Unidos;

— a administração Reagan fica automaticamente com as mãos livres para actuar como bem entender desde que as autoridades de Manágua obtenham Migs soviéticos.

Seria irrealista acreditar que os representantes democratas são tão ingénuos que não sai-

Entre o Partido Republicano e o Partido Democrata, as duas forças políticas que alternam e partilham o poder nos EUA, existem sem dúvida diferenças. Mesmo no seio de ambos são evidentes as contradições. Mas trata-se sobretudo de questões de forma e não de conteúdo, que é como quem diz que as divergências mais respeitadas às formas de chegar ao objectivo e não ao objectivo em si.

Isso é particularmente visível no que se refere à política a seguir na América Central.

Perdido na sua paranóia anti-sandinista, Reagan clama a necessidade de pôr fim a essa testa de ponta soviética ao serviço da subversão na América Central (...) a fim de liquidar a agressão comunista à nossa porta, avançando com medidas cada vez mais drásticas.

Os democratas dizem por seu turno, como Bill Alexander, que os EUA têm o direito de não gostar deste governo (da Nicarágua), mas que uma intervenção unilateral constitui uma violação do direito americano que respeita a soberania das outras nações e o seu direito à autodeterminação.

Diferentes posições formais, como se nota. Só que na hora da verdade, com mais ou menos golpes publicitários, as posições convergem, salvaguardada sempre a possibilidade do recurso à força.

A recente decisão da Câmara dos Representantes é um bom exemplo disso. Maioritários naquele órgão, os democratas não só continuam a aprovar o envio de verbas para os anti-sandinistas, como abrem a Reagan as portas laterais para uma eventual invasão da Nicarágua.

Tentando, é claro, salvaguardar ao mesmo tempo o seu pretenso carácter mais progressista, dando até voz aos que denunciavam os crimes cometidos pelos mercenários que Reagan chama de «combatentes da liberdade» e fazendo-se eco dos protestos populares contra a política agressiva da Casa Branca.

Jogando, no fundo, no papel da oposição aos falcoes, sem por outro lado abrir mão do poder de que dispõem como pombas de rapina.

**A história repete-se?**

A política norte-americana na América Latina parece à primeira vista uma repetição de factos cuja origem remonta ao auge do colonialismo no continente. Como se para o Imperialismo a História se repetisse, mudando embora os meios a que recorre para tentar a submissão dos seus vizinhos do Sul.

Sempre que algum país manifestou a veleidade de se afirmar de forma independente, os EUA recorreram aos seus argumentos de peso, numa escala que vai das pressões políticas e económicas até à intervenção armada. Nem sequer os argumentos mudaram.

Entre 1912 e 1933, os Estados Unidos ocuparam a Nicarágua para «proteger a vida de cidadãos americanos».

O apoio à ditadura de Somoza, como antes à ditadura de Batista, em Cuba, não impediu a sua derrota pelas forças populares, mas Washington persiste desde 1979 em aplicar na Nicarágua sandinista processos idênticos aos tentados contra a revolução cubana.

Pese embora as semelhanças entre a Cuba dos anos 50 e a Nicarágua dos anos 70 — o subdesenvolvimento económico, a dependência política, a revolta popular contra a ditadura, as revoluções armadas, as aspirações à independência — o momento em que se registam as transformações não podiam ser mais diferentes, como diferentes são as condições geográficas, culturais e históricas de cada país.

Cuba fez a sua revolução num continente submetido ao imperialismo. A Nicarágua está, apesar de todas as dificuldades, rodeada de países que cada vez mais se afirmam pela democracia.

O bloqueio económico dos EUA a Cuba, em 1962, teve o apoio de todos os países membros da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Numa reunião realizada em Caracas, em 15 de Maio último, 24 países da América Latina condenaram o bloqueio contra a Nicarágua, tal como a generalidade dos países do mundo.

A tentativa de invasão de Cuba — a famosa operação de desembarque na Baía dos Porcos — saiu-se numa estrondosa derrota para os EUA.

Mas os norte-americanos defendem hoje abertamente uma operação semelhante, discutindo já em público a invasão da Nicarágua.

No passado, muitos esperaram para ver o que sucederia em Cuba. Hoje, toda a opinião pública internacional e mesmo os países aliados de Washington alertam para a gravidade de generalização do conflito na América Central, considerado inevitável em caso de invasão da Nicarágua.

Não é pois a História que se repete. O que se repete é a política norte-americana, a política do Imperialismo preso nas suas próprias contradições, qual círculo vicioso de que não consegue escapar.



acaso até constituem o cerne da questão quase poderiam passar despercebidos sob tal cortina de fumo. Falamos das ressalvas à dita proibição, a saber:

— a administração Reagan pode mandar tropas para a Ni-

bam o que estão a fazer, sobretudo quando continua viva a lembrança de Granada onde os marinheiros foram em Outubro de 1983 «salvar» uns quantos compatriotas e por lá continuam ainda hoje...

**Saudação ao PAICV**

O Comité Central do Partido Comunista Português enviou ao Comité Central do Partido Africano da Independência de Cabo Verde a seguinte saudação:

Queridos camaradas

Por ocasião do 10.º Aniversário da fundação da República de Cabo Verde, o Comité Central do Partido Comunista Português, certo de interpretar os sentimentos da classe operária e dos trabalhadores de Portugal, saúda calorosamente o PAICV, todos os seus militantes e, por seu intermédio, todo o povo trabalhador de Cabo Verde.

Há 10 anos, sob a direcção

do PAIGC, o povo cabo-verdiano logrou alcançar ao fim de um século de colonialismo a suprema conquista da sua existência, a independência nacional.

O PCP tem acompanhado com espírito solidário os grandes esforços levados a cabo pelo PAICV para liquidar as sequelas do colonialismo, para melhorar as condições de vida materiais e espirituais do povo cabo-verdiano, para criar uma nova sociedade orientada para o progresso social.

Nesta histórica ocasião, os comunistas portugueses fazem votos para que o povo cabo-verdiano sob a direcção do PAICV ob-

tenha novos sucessos à frente dos destinos do vosso país e reafirmem a sua vontade de continuar a agir para que entre o PCP e o PAICV se reforcem os múltiplos laços de amizade, solidariedade e cooperação no interesse de ambos os povos e da paz e da cooperação.

Viva o 10.º aniversário da República de Cabo Verde!

Viva a amizade entre o povo português e o povo cabo-verdiano!

Viva a amizade entre o Partido Comunista Português e o PAICV!

(...) «Salazar terçou armas pelo «Estado Corporativo» que aos olhos de toda a gente está em completa falência. Disse que a geringonça corporativa não era completa nem era perfeita porque era recente... Então 16 anos de «Estado Novo» não bastaram ainda, sr. Salazar? Será preciso um século para que o povo português possa apreciar as «belezas» do corporativismo fascista? Salazar manifestou hipocritamente a sua estranheza pelo facto de os operários manifestarem «hostilidade e desconfiança das virtudes fundamentais do sistema corporativo». Como não hão-de manifestar a sua hostilidade por um sistema que os explora e oprime, que lhes não permite o aumento dos seus salários de fome?» (...)

(«O Último Discurso de Salazar ou a Caminho da Traição ao Povo e ao País» — «Avante!», VI Série, n.º 13, 2.ª Quinzena de Julho de 1942)

**AVANTE!**

«O recente pedido do Governo de Salazar para negociar com o Mercado Comum a sua entrada para esta organização constituiu um passo mais para uma maior dependência económica e política em relação aos grandes senhores da Comunidade Económica Europeia (nome oficial do Mercado Comum Europeu) — os revanchistas da Alemanha Ocidental.

«A entrada de Portugal para o Mercado Comum criará maiores dificuldades aos pequenos e médios industriais que serão obrigados a ceder as suas posições aos grandes trusts, quer nacionais quer estrangeiros. Todo o desenvolvimento económico do País ficará ainda mais dependente dos interesses dos países mais fortes do Mercado Comum.

«Ainda recentemente o ministro das Finanças anunciou um conjunto de créditos obtidos ou a obter na Alemanha Ocidental, nos Estados Unidos, na França, etc. créditos que chegam a pagar o juro de 5 3/4 %.

«Portugal vai-se entregando assim cada vez mais ao domínio dos imperialistas mais poderosos. Só o derrubamento do salazarismo permitirá restituir ao nosso País a sua independência.»

(«Portugal e o Mercado Comum» — «Avante!», VI Série, n.º 319, Julho de 1962)

**Avante!**

«Sob as ordens do nazi Arnaldo Shulz, ministro do Interior, começou em todo o país uma desumana e vergonhosa perseguição aos mendigos (...)

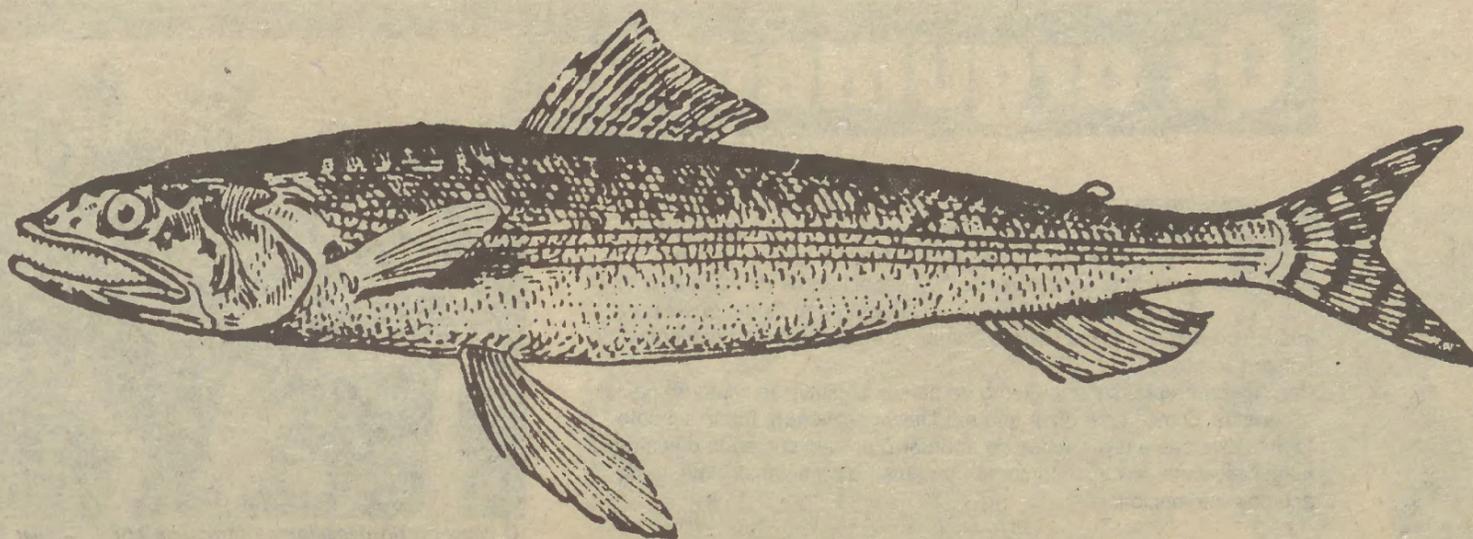
«Para que os ricos burgueses do país e as centenas de milhares de turistas estrangeiros não possam ficar mal impressionados com a legião de mendigos que arrasta a sua miséria impressionante pelas estradas, cidades, vilas e aldeias de Portugal, o governo resolveu ocultá-los dos olhos do público e exterminá-los por processos hitlerianos. É nisto que se resume a famigerada «Campanha contra a Mendicidade» inventada pelo nazi Schulz.

«A semelhança do que fizeram os governantes alemães hitlerianos, criando campos de concentração onde exterminaram milhões de judeus, democratas e patriotas, sujeitando-os à fome e aos trabalhos forçados, o ministro do Interior — formado politicamente na Alemanha nazi — ordenou que todos os portugueses pobres que forem encontrados a mendigar sejam recolhidos pela PSP e GNR, que lhes darão o destino mais conveniente. Esta «recolha» equivale pura e simplesmente à prisão.» (...)

«O tubarão Pereira da Rosa, em artigo de fundo do jornal «O Século», de 12 de Julho, não teve vergonha de falar em campos de trabalho no país e no Ultramar destinados aos mendigos e onde, segundo Pereira da Rosa, eles «vão malhar com os ossos».

Vê-se por esta amostra, que os salazaristas pretendem deportar os mendigos para as colónias, onde mais facilmente os poderão exterminar!»

(«Monstruosa Sentença do Ministro do Interior» — «Avante!», VI Série, n.º 291, Julho de 1960)



## Carapaus

**A**creditar na comunicação social deste país, nada aconteceu em Portugal além de um académico (e eventualmente emotivo) desentendimento entre um senhor magrinho e ambicioso chamado Cavaco e Silva e um senhor gordinho e igualmente ambicioso chamado Mário Soares.

Por motivos que fazem parte do foro íntimo de cada um dos personagens, desfez-se uma coligação governamental, pegaram-se à bordoadá dois partidos até à data amicíssimos, dissolve-se um órgão de soberania que é a Assembleia da República, uns quantos milhões de portugueses são chamados a pronunciar-se sobre os destinos políticos do País em eleições antecipadas.

No entender da comunicação social deste país, o desaguisado lançou à ribalta das suas autorizadas páginas outros assuntos, sempre e sempre gravitando em torno do gordinho e do magrinho.

Há, na verdade, que ver se ao protagonista gordinho — ora desestabilizado pelo magrinho — se sucederá o comparsa «A» ou (há fontes bem informadas que o atestam) o comparsa «B». Que «A» tenha deglutido um linguado à direita de «B» é sem dúvida relevante, até porque «B» já deglutará outro linguado à esquerda de «A».

Por outro lado, é de particular relevância saber se o magrinho se aguenta. Se aguenta, claro, no seu árduo conflito, por um lado com o gordinho, por outro com uns quantos comparsas que têm deste desaguisado opiniões controversas. Note-se que o magrinho almoçou já com várias pessoas e houve outras tantas com quem não jantou. Há até um aspecto da maior relevância: são incomparavelmente mais as pessoas com quem não jantou do que aquelas com quem o fez — o que é transcendente.

A comunicação social está atenta. Se nem um nem outro almoçam, têm aeorofagia ou cometem a inaudita novidade de, abandonando significativamente o linguado, ingerirem uns carapaus assados com molho à espanhola, se nada disto acontecer — não há notícias da política.

Uma política que, assim apresentada, é particularmente desinteressante para o comum dos mortais. Por um lado, não comem linguado; por outro, não sabem o que dizem os magrinhos e os gordinhos enquanto comem o peixe; por outro ainda, tem fortíssimas razões para supor que o tema essencial daquelas conversas será o comum interesse de manterem o comum consumo de linguado.

A comunicação social tem destas coisas uma visão clara. Digamos mesmo, sistematizada. De um lado,

estão os que comem linguado: só o facto de o não fazerem poderá constituir notícia; do outro, estão os que de semelhante animal só têm notícia pela mesma comunicação social que, para os não enfartar, lhe serve quotidianamente outras ementas mais de acordo com os seus hábitos e práticas.

A comunicação social tende assim a passar despercebido que o actual conflito entre consumidores de linguado adveio de situações criadas pelos que o não consomem.

Foi uma intromissão deveras incómoda, pouco imaginativa, quiçá mesmo nada informatizada. Em suma, não é notícia.

Tal intromissão, na realidade, é inteiramente contemporânea do consumo do linguado. Enquanto uns o consumiam, outros intrometiam-se. Manifestavam-se (o que não é nada digital), faziam greves (já se faziam no século XIX!), exigiam outra política (claras reminiscências do romantismo), denunciavam corrupções (petrificadas incompreensões à dinâmica europeia).

Durante meses dessa constante intromissão, a comunicação social considerou-a exclusivamente a pouca imaginativa moldura do que magrinhos e gordinhos — consumiam.

Eis se não quando — pum!  
Um pum insólito — disseram os

comentadores. Louco até — acrescentaram outros.

É que — informa a NP — tudo andou à volta da questão de uns o quererem grelhado e outros ao meunier. A questão é mais profunda — informa o «Expresso»: há quem opte pela solha. «O Jornal», como habitualmente, faz que não percebeu nada: linguado talvez, mas a solha tem vantagens — e há ainda o pregado (e somos muito independentes, quem disser o contrário quer controlar a comunicação social). O «Semanário» adverte, inquieto: atenção, o fundamental é garantir-nos o consumo do linguado.

Que havia forças em jogo que ultrapassavam o pequeno universo dos convivas do banquete, que sucedia até que o banquete acabara porque quem a ele se opunha levava a sua por diante — eis o que era fundamental esquecer.

E agora há que explicar laboriosamente: para quê tanta agitação... Não é que se quisessem eleições, mas havendo, o que é que vai mudar?

Nem vale mesmo a pena falar disso. Dessa coisa, de eleições, que envolvem tanta gente. Não falemos de eleições: falemos de sondagens — que sempre é menos gente. E, fundamentalmente, falemos do que pensamos, fazemos, analisamos, perspectivamos, programamos, gordinhos e magrinhos em função das sondagens.

Eles são os protagonistas da história, eles são o alfa e o ómega da política que informamos, eles são... a notícia.

Falando de carapaus, de coisas simples.

Batemo-nos para acabar com este Governo — e ele acabou.

Batemo-nos para que esta Assembleia da República fosse dissolvida — e ela foi.

Batemo-nos para que fossem convocadas eleições gerais antecipadas — e elas aí estão.

Batemo-nos para impedir a liquidação da democracia saída de Abril — e ela aí está, bem viva.

Vamos trabalhar para excelentes resultados nas legislativas — pois vamos.

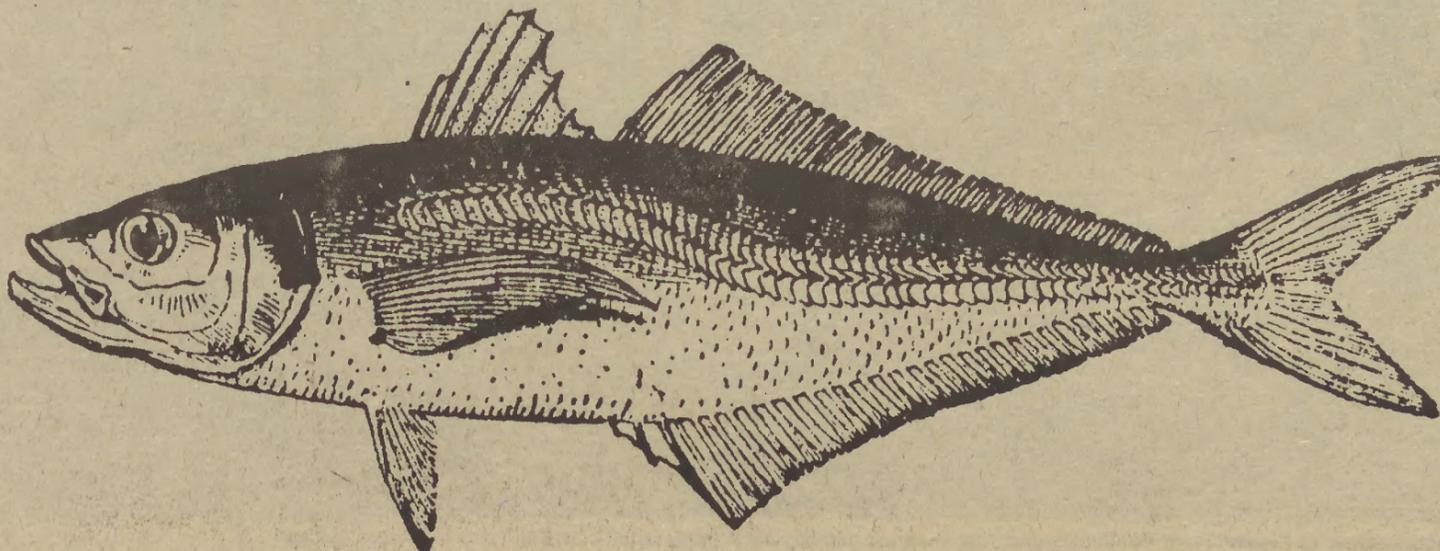
Vamos trabalhar para excelentes resultados nas autárquicas — pois vamos.

Vamos trabalhar para um candidato de Abril para as presidenciais — pois vamos.

Vamos trabalhar, organizar, lutar nas fábricas, nas empresas, nas escolas, nos campos — claro que vamos.

E, claro, à portuguesa.

■ R.C.



# Direitos humanos

## Os argumentos

**N**o mesmo mês em que se assinala o 40.º aniversário da constituição da Organização das Nações Unidas (ONU), realizou-se em Ottawa, de 7 a 10 de Junho, e com a participação de mais de 300 especialistas de 33 países da Europa, Estados Unidos e Canadá, uma Conferência para análise do respeito pelos direitos humanos e liberdades fundamentais do homem.

Participaram representantes tanto de países capitalistas como de países socialistas. O mesmo é dizer que em Ottawa estiveram, frente a frente, formas diversas e divergentes de abordar o próprio conteúdo dos direitos humanos, tanto no concreto como no debate e no estabelecimento de acordos internacionais.



O espectro do desemprego tornou-se coisa familiar para os que ainda têm um posto de trabalho

## e os factos

### Grande diferença

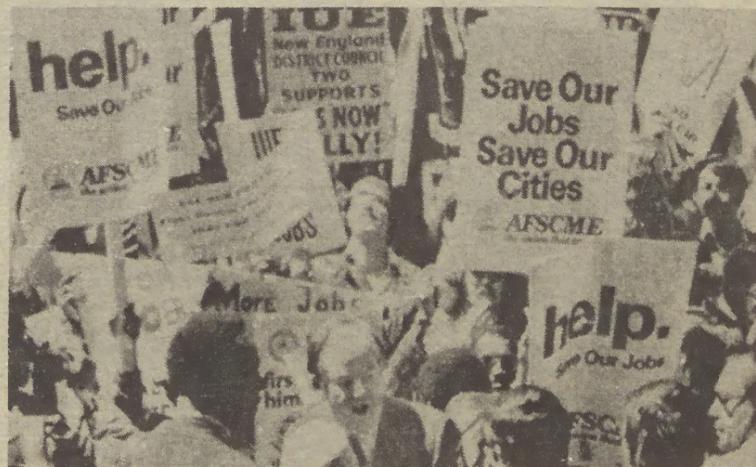
Uma primeira divergência de fundo na abordagem do próprio conteúdo dos direitos humanos, entre capitalismo e socialismo, é o reconhecimento, ou não, dos direitos socio-económicos fundamentais, como direitos humanos. Uma divergência que reflecte linearmente diferentes opções de classe.

Quando da redacção da Carta da ONU, em 1945, a União Soviética propôs uma referência especial ao «**direito ao trabalho e à educação**». Referência rejeitada por oposição dos países capitalistas.

Uma recusa que de forma alguma

pode surpreender. A posição de classe é nítida. Não por acaso, dos 100 senadores norte-americanos, 57 são juristas (na sua maioria proprietários de grandes escritórios de advocacia ou chefes dos serviços jurídicos dos monopólios), 23 homens de negócios e banqueiros, 5 proprietários de monopólios. Não há, naturalmente, nem um operário. Dos 435 deputados da Câmara dos Representantes, 186 são juristas, 117 homens de negócios e banqueiros, 42 professores universitários, 20 proprietários de grandes empresas. A representação de trabalhadores não existe.

O que se passa ao nível de poder nos EUA, repete-se, de diferentes for-



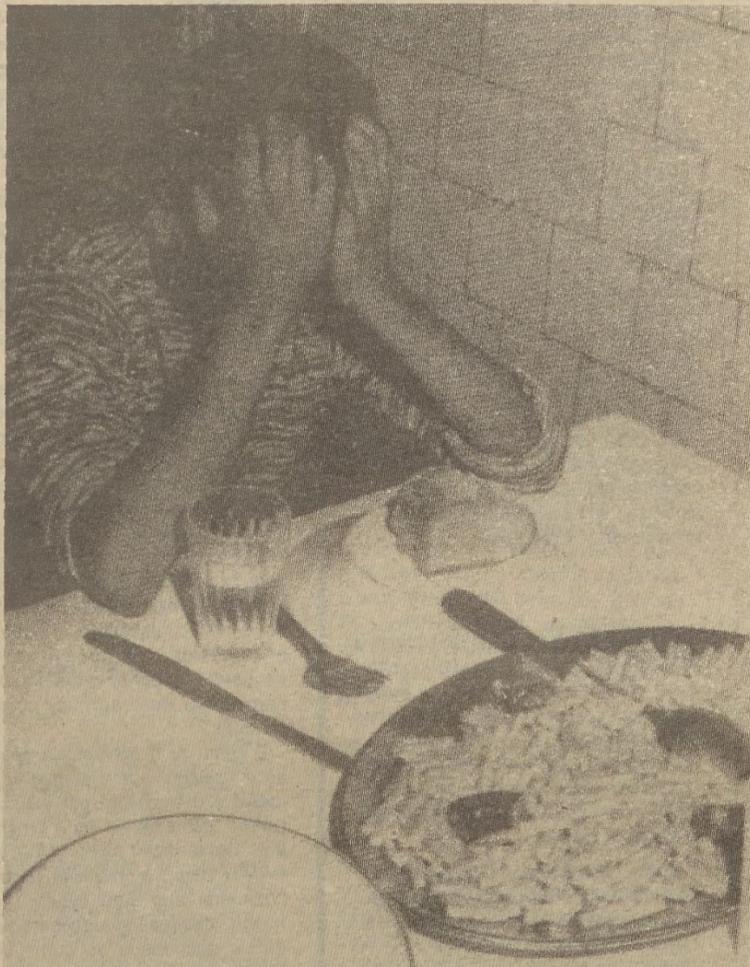
mas, no conjunto dos países capitalistas.

A mesma identidade também no que respeita à prática socio-política. Actualmente, o **desemprego** assumiu

o carácter do mais grave problema defrontado pelos trabalhadores dos países capitalistas industrializados. Segundo a OCDE, o número de desempregados nos países capitalistas



Repressão das lutas de trabalhadores. O exemplo vem de França, mas repete-se em outros países da Europa do capital ou nos Estados Unidos



A degradação das condições de vida dos trabalhadores é uma realidade que quotidianamente se acentua, também nos países capitalistas desenvolvidos



Movimento pela paz — uma das componentes da luta contra a política imperialista

mais desenvolvidos abarca 32,5 milhões de pessoas, isto muito embora as estatísticas oficiais não registem as centenas de milhares de pessoas sem trabalho, já sem direito a subsídios, e que deixaram de se inscrever nas listas dos sem-trabalho por terem perdido qualquer esperança de encontrar um emprego. Segundo estudos de especialistas calcula-se que estão neste caso, por exemplo, 1,8 milhão de pessoas nos Estados Unidos e um milhão da RFA. No Japão os cálculos indicam que o número de desempregados é duas vezes superior ao número oficial.

Assim, a primeira grande diferença entre socialismo e capitalismo, no que respeita a direitos humanos, é que o sistema capitalista recusa, pura e simplesmente, direitos básicos, sem os quais se pode justamente dizer que todos os outros perdem sentido.

Mas vale a pena entrarmos também pelos domínios em que o capital, demagogicamente, mais insiste: os das liberdades e direitos democráticos. Ai, os governos do mundo capitalista desenvolvido afirmam-se campeões.

Vejam a prática.

## A repressão

Em relatório divulgado em Outubro de 1982, a União Americana de Defesa das Liberdades Cívicas, organização da burguesia liberal, afirmava que «a maior ameaça às liberdades cívicas

emana e vai continuar a emanar da própria administração Reagan e dos seus aliados no Congresso». Segundo assinala o mesmo relatório, «os tempos que hoje vivemos são os mais perigosos desde a fundação da nossa União, há mais de 62 anos. É a primeira administração que se opõe abertamente aos princípios jurídicos e políticos em que assenta o sistema constitucional dos EUA. A administração não só espezinha os direitos e liberdades de pessoas e grupos isolados como ataca todo um sistema constitucional criado há 200 anos».

A repressão, nos Estados Unidos, sofreu de facto um agravamento desde a instalação de Reagan no poder. O que corresponde à política dos grandes monopólios ligados ao armamento, e em termos políticos se traduz pela imposição e defesa dos interesses dos sectores mais agressivos, reaccionários e irrealistas do capital.

Em Dezembro de 1981 entrou em vigor um decreto presidencial que forneceu à CIA o direito legal de vigiar cidadãos e organizações norte-americanas. Em 21 de Março de 83, o Ministério da Justiça emitiu uma instrução que concedeu ao FBI direitos praticamente ilimitados de vigiar cidadãos e organizações «perigosas para a segurança nacional». Em Abril de 1984, o presidente Reagan tomou uma medida sem precedentes ao assinar dois documentos: a «Directiva n.º 138 para a garantia da segurança nacional» e a «Directiva Rex-84».

No âmbito do primeiro documento,

institucionalizou-se o «direito» de assaltar «golpes preventivos» a grupos que «provavelmente estejam dispostos a cometer actos de terrorismo». O segundo estipula a criação de 10 campos prisionais com capacidade para 200 mil pessoas.

O actual agravamento da situação — que é real, e que corresponde a uma fase em que o capital desenvolve grandes esforços na recuperação de posições perdidas — não nos deve entretanto fazer esquecer que a repressão não foi introduzida pela administração Reagan, ou tão pouco é exclusiva da realidade norte-americana.

Basta lembrarmos por exemplo, a denúncia, em Julho de 1978, do então embaixador dos Estados Unidos na ONU, Andrew Young, em vésperas de ser afastado desse cargo: «Nas nossas prisões há centenas ou, talvez, milhares de pessoas que qualificaria de presos políticos».

Na Europa capitalista, os exemplos de repressão repetem-se um pouco por toda a parte. Não é de forma alguma necessário ir até à Turquia. Basta referir a multiforme repressão que se abateu sobre os mineiros britânicos. A selvejaria com que grevistas franceses foram há dias agredidos pela polícia. Ou a lei das «interdições profissionais», na RFA, aprovada há 12 anos no interesse da «protecção da democracia», e que já lançou no desemprego, pelas suas opiniões de esquerda, 7 mil funcionários públicos.

## Contra os sindicatos e o movimento da Paz

O movimento anti-bélico é um dos principais alvos da repressão nos paí-

ses da NATO. Segundo a revista liberal norte-americana «Progressive», só no ano de 82 foram presos nos EUA mais de 4 mil participantes em manifestações de paz realizadas nas proximidades de objectivos militares. A acusação mais coerente, nestes casos, é a de «transgressão da propriedade privada», ou ainda «violação da ordem pública», impedimento do «trânsito urbano». Digamos que qualquer pretexto serve.

A luta dos trabalhadores em geral e dos sindicatos em particular, podem ser considerados o alvo prioritário.

Em 1981, Reagan, «solucionou» uma greve de controladores de tráfego aéreo, dissolvendo o seu sindicato. Nem sempre a repressão contra a luta dos trabalhadores e os seus sindicatos assume um carácter tão extremo. Mas sob as mais diversificadas formas são uma constante no mundo do capital. E os exemplos sucedem-se.

Em 1983, a companhia «Pehlp's Dodge», do Estado do Arizona, nos EUA, face à greve decretada por 3 mil operários da cidade de Morenci, usou de todas as armas ao seu alcance (e não são poucas): despedimentos em massa, ameaça de despejo das casas da empresa, prisões de operários e das suas famílias. 800 guardas e polícias do Estado foram mobilizados para combater os grevistas.

O próprio semanário burguês «Time» firma: «São alvo de ataques sindicatos em ramos como a indústria de automóveis, de fundição de aço, de borracha, mineira e de transportes. As suas posições nas conversações com a administração enfraqueceram, foram violados os principais contratos de trabalho, infiltraram-se fura-greves nas suas fileiras. Hoje os operários sindicalizados esbarram frequente-

mente com o ultimato: concordam com a redução de salários ou perdem o trabalho...».

Está mesmo criada uma rede de especialistas para elaboração de métodos de destruição e neutralização dos sindicatos. Hoje, nos EUA, há cerca de 1500 firmas consultivas anti-sindicalistas.

A luta anti-sindical desenvolve-se na generalidade dos países capitalistas. Lado a lado com o exemplo conhecido da Grã-Bretanha, podemos alinhar muitos outros: em 1984 foi intentado na Itália um processo contra operários em greve da fábrica de Potedera; na Dinamarca, 24 sindicatos da cidade de Olborg foram multados pela organização de uma greve de solidariedade; no Japão, a polícia de Tóquio assaltou a sede da secção local do Sindicato Geral do Japão; na Austrália, a polícia dispersou os piquetes de greve no porto de Burnie e prendeu numerosos grevistas.

Assim, o desrespeito pelos mais elementares direitos humanos, de que referimos apenas alguns aspectos, assume um carácter de classe muito nítido. Testemunha também da falência dum sistema, que actualmente põe em causa não só os produtores de toda a riqueza — os trabalhadores — como a própria vida, ao lançar-se no caminho da produção para os armamentos, como direcção prioritária de «desenvolvimento». Reflecte por outro lado o desesperado esforço de recuperação de posições irremediavelmente perdidas, face à luta dos povos, a luta dos trabalhadores, a luta das forças da paz, a realidade da comunidade socialista.

■ Dias Lourenço

## Situação inqualificável

O que fazemos da Comunicação Social sob todas as formas e da imprensa escrita em particular uma honrosa trincheira de liberdade, verdade e responsabilidade da informação e de defesa da democracia e de Portugal de Abril, não podemos ficar insensíveis à situação inqualificável que acaba de ser criada a um valoroso camarada de armas e de ideias que à profissão de jornalista e ao jornalismo democrático português tem dado uma contribuição exemplar.

Referimo-nos a Miguel Urbano Rodrigues, director do nosso colega de imprensa «o diário», agora impedido de continuar a ocupar o seu posto em consequência de injustas e estranhas decisões judiciais que não honram a magistratura portuguesa e certamente ferem os profundos sentimentos democráticos do povo português.

Miguel Urbano e «o diário», pelo seu intemerado combate à corrupção, à imoralidade do poder, às violações da legitimidade democrática e à demagogia dos principais arquitectos e executores da política de recuperação capitalista alojados no aparelho de Estado ou fora dele, pela sua intransigente defesa dos interesses dos trabalhadores e das conquistas populares fundamentais da Revolução, têm grangeado a admiração e o respeito de muitos milhares de portugueses democratas e patriotas mas, por isso mesmo, têm merecido o ódio dos inimigos de Abril, têm suportado uma persistente e raivosa ofensiva dos próceres da contra-revolução sob as formas mais capciosas e odiantas.

Uma delas, sem dúvida a mais encarniçada e acessível aos sórdidos propósitos dos círculos da reacção, é o foro judicial através de condenações injustas, de multas, indemnizações, custas de processos e outras onerosas formas difíceis de suportar por um jornal cujos recursos são essencialmente a contribuição dos seus leitores.

Nomes conhecidos do processo contra-revolucionário e da direita têm passado pelas bancadas de acusação judiciária contra Miguel Urbano e «o diário».

Na assinatura de mais de 60 processos ou como testemunhas de acusação lêem-se nomes e entidades conhecidas pelas suas posições de hostilidade ao 25 de Abril ou cujos interesses se identificam com os dos sustentáculos da «outra senhora».

Nomes como, ao acaso, os dos srs. Tomás Rosa, gerente da «Faret», principal emissora da «Voz da América», Proença de Carvalho, o falecido Mota Pinto, José Miguel Júdice, Basílio Horta, Ângelo Correia (com 4 processos), família do falecido Sá Carneiro (com 7 processos), o célebre juiz Barata (com 15 processos), Freitas do Amaral, Rui Pena, Begonha, Santos Resende, Sousa Gomes, o MAP, a CM de Vila Real (do PSD), a CM de Vila Verde (do CDS), o Instituto Amaro da Costa (do CDS), o PPM, Fernanda Pires, Neves Baeta e ainda os srs. Eduardo Pereira e



Miguel Urbano Rodrigues

Riço Calado, o sr. António Janeiro e o SIMA ambos da UGT, são alguns dos personagens e entidades que se têm distinguido nas raivosas perseguições judiciais a «o diário» e a Miguel Urbano ao abrigo de uma lei de Imprensa saída da Revolução de Abril mas distorcida da sua feição democrática para servir objectivos antidemocráticos.

Mais de 1000 horas esteve Miguel Urbano no banco dos réus. Como a qualquer criminoso de delito comum foram-lhe impostas restrições à sua vida de cidadão inconcebíveis no País de Abril.

E entretanto, pasquins fascistas e fascizantes vomitam livre e diariamente

ofensas e calúnias das mais torpes, contam com a impunidade para os mais graves insultos a órgãos de soberania de irrepreensível conduta moral, política e institucional.

As acusações que impediram agora Miguel Urbano de ocupar o seu posto não podem deixar de ferir a consciência de um vasto sector da magistratura portuguesa que se amplia, cuja isenção jurídica e respeito pela lei têm sido nos últimos anos e em pontos nevralgicos do contencioso democrático, verdadeiros baluartes de defesa do direito, da legalidade democrática e da Constituição. O exemplo dos mais de 300 processos decididos a favor das UCPS e da Reforma Agrária, de que cerca de 200 transitaram em julgado sem que o Executivo mexesse um dedo para lhes dar cumprimento, honram o conceito de dignidade do poder judicial prevalecente na nossa magistratura.

A situação criada a Miguel Urbano é também uma questão de deontologia e de camaradagem que se impõe com força particular aos profissionais do mesmo ofício, a todos os jornalistas democratas e a todos os que defendem uma comunicação social honesta, cientes da sua função e das suas prerrogativas democráticas.

Esta «condenação» de Miguel Urbano é no fundo uma derrota da reacção dos inimigos de Abril. A vergonhosa situação que criaram ao director de «o diário» e ao próprio jornal cai inteiramente sobre eles. Desonra os acusadores e honra os acusados. ■

■ Torres Rodrigues

A ser aprovada e promulgada, a chamada lei das rendas de casa constituirá mais uma machadada no já magro orçamento familiar de centenas de milhares de portugueses. O direito à habitação — consignado na Constituição da República Portuguesa —, que não o é para parte significativa da população, nomeadamente os casais mais jovens, será restringido também a milhares de famílias que até agora tinham a garantia de viver sob um tecto.

Mas a iniciativa PS-PSD neste domínio atrai com o odioso da medida para tempos mais longínquos, não vá ter repercussões negativas para estes dois partidos nos resultados eleitorais que se avizinhm. Com efeito, a lei, caso seja promulgada, deve entrar em vigor apenas em Janeiro de 1986 e como os eleitores não terão sentido, ainda, o seu efeito, o PS e o PSD pensam que não serão penalizados pelo eleitorado.

Tem sido argumento para legalizar este aumento escandaloso a necessidade de aumentar o parque habitacional e provocar melhoramentos no já existente e que em grande parte (principalmente em Lisboa e Porto) se encontra degradado. Ou seja, o PS e o PSD encontraram uma fórmula miraculosa para que toda a gente possa ter casa: aumentam-se as rendas anualmente e instituem-se os contratos a prazo, que permitem ao senhorio pôr o inquilino na rua, sem apelo nem agravo, no fim do contrato.

É como se o economista descobrisse o «milagre» para aumentar a produção e o consumo, por exemplo, da carne... aumentando-lhe o preço e depois viesse dizer, muito ufano, que no mês a seguir à iniciativa proposta o consumo teria sido superior em dinheiro, esquecendo deliberadamente que a quantidade de carne vendida fora menor, pois as bolsas dos consumidores não estavam preparadas para aguentar o aumento.

### Aumentar tudo — a fórmula mágica do ex-Governo PS/PSD

O PS, desde que começou a ser governo — primeiro sozinho, depois sempre mal acompanhado —, baseou toda a sua política económica no «milagre» de aumentar os preços a tudo. E de tal sorte o fez que uma nota de mil escudos, que em 1975, dava para comprar montes de coisas, deu lugar, neste ano de 1985, a uma nota de cinco mil, para se poder comprar quase o mesmo. E repare-se no quase...

A continuarem estes governos (esperemos bem que não) seria bom que o Banco de Portugal começasse a pensar seriamente em lançar na circulação fiduciária uma nota de dez mil escudos, ou mesmo de vinte mil, com a efigie do dr. Mário Soares, pelo trabalho relevante que tem prestado à inflação.

Mas voltando à lei das rendas de casa. Estão esperanças, o PS e o PSD, que a aprovação de tão famigerada lei não levante muitos protestos. No primeiro ano, o aumento não será muito elevado e os protestos serão ainda fáceis de suportar. Depois, quando os protestos aumentarem de volume, proporcionalmente ao aumento das rendas, já os inquilinos não têm dinheiro para pagar e suceder-se-ão as acções de despejo.

## Com a aprovação da lei das rendas

# O DIREITO A HABITAR NUM BAIRRO DE LATA

grande, a AECOPS tratou de dar uma «forcinha». E com recurso aos CTT toca de enviar uma circular ao Presidente da Assembleia da República e a todos os deputados.

Referindo a aprovação na generalidade e na especialidade da referida lei, a circular acrescentava:

**Mas correndo-se o risco, face ao período de estagnação das instituições políticas que ameaça seguir-se, de todo o respectivo êxito e trabalho vir a ficar anulado, com todos os gravíssimos inconvenientes daí a decorrerem e entre os quais avulta o de mais esse eventual e tão rude golpe nas difíceis hipóteses de recuperação do sector da construção, permite-se esta Associação vir solicitar a atenção e consideração de V. Ex.ª para o problema tendo em vista as providências urgentes e adequadas que o mesmo requer e efectivamente possam conduzir ao imediato agendamento da matéria para que o aludido novo regime de rendas também na especialidade venha a, pelo Plenário, ser concreta e definitivamente aprovada.**

E mais não dizia a circular, que também não era preciso, que ele há coisas que não se devem revelar. Mas que a «forcinha» surtiu efeito, isso não há dúvida.

Apesar de alguns recuos do Grupo Parlamentar do PS, a votação global do diploma foi agendada pelo Presidente da Assembleia da República.

Segundo o que se dizia, o Grupo Parlamentar socialista não estaria muito interessado no agendamento, mas Mário Soares e Almeida Santos teriam, também eles, feito uma «forcinha» para que fosse para a frente. E quando a edição do «Avante!» tiver sido publicada pode ser que a lei já tenha sido aprovada pela maioria PS-PSD-CDS, que hoje não tem correspondência no eleitorado.



Lei das rendas do PS-PSD, com o apoio do CDS: «Eu habito, tu habitas... eles não habitam!»

### Uma forcinha

Preocupadas andavam a Associação de Senhorios, bem como a Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas do Sul (AECOPS) com o rumo que as coisas tomavam a nível político.

**Cai o Governo? Não cai o Governo? Dissolve-se a Assembleia da República? Não se dissolve?**

Estas perguntas eram feitas, todos os dias, com a angústia de quem vai perder o totoloto só por se ter atrasado na entrega do boletim.

Vai daí e porque a preocupação era

para que fosse para a frente. E quando a edição do «Avante!» tiver sido publicada pode ser que a lei já tenha sido aprovada pela maioria PS-PSD-CDS, que hoje não tem correspondência no eleitorado.

### Já entregam as mãos de contentes

Os grandes senhorios e os grandes proprietários da indústria da construção civil já esfregam as mãos de contentes. Os primeiros, porque vão auferir lucros nunca pensados, os segundos porque com os contratos a prazo têm possibilidade de alugar os fogos que construíram e não conseguem vender (cerca de 40 mil nestas condições) ficando com as mãos livres para mais tarde, se houver uma alteração no mercado da habitação, correrem com os inquilinos e venderem os apartamentos.

Não serão os pequenos senhorios que irão beneficiar do aumento das rendas. Verão, isso, sim, aumentarem os impostos e as despesas. Os grandes senhorios, esses, mesmo que tenham apartamentos devolutos, é coisa de pouca monta facilmente compensada pelas rendas astronómicas que praticam.

Não se pense, por outro lado, que a medida irá incentivar a construção de fogos habitacionais. Hoje, com a política do governo é mais compensador

pôr o dinheiro a render, comprando obrigações do Estado, que dão mais de 26 por cento ao ano, isento de impostos, do que investir na produção.

A ser aprovada a lei, os escritos nas janelas vão voltar. Não porque haja mais casas entretanto construídas, mas porque os inquilinos, face às rendas incompatíveis que a nova legislação irá permitir, ver-se-ão obrigados a trocar o tecto e quatro paredes por instalações mais precárias ou co-habitando mais do que uma família na mesma casa.

Tudo porque a política habitacional deste governo demitido procurou favorecer descaradamente os senhorios e os construtores civis em prejuízo da população. Isto quando se sabe, hoje, que em Lisboa, para não focarmos outras zonas do País, há cerca de 250 mil pessoas mal alojadas e que cerca de 30 por cento da população da capital não tem possibilidade de suportar o encargo de pagar uma renda habitacional sem pôr em risco a sua subsistência.

Em resumo, o que o ex-governo nos garante, caso a lei seja aprovada, é o direito de uma barraca para cada família, caso existam terrenos suficientes e não venha o camartelo municipal destruir a humilde habitação. ■

Biblioteca  
Universidade Popular

editorial  
CAMINHO

## o Marxismo no limiar do ano 2000

João de Freitas Branco  
António Mendonça e Nelson Ribeiro  
Carlos Pimenta  
Armando Castro



Proletários de todos os países: UNI-VOS!

O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Devolutas são as casas recentemente construídas, pois se não há dinheiro para as alugar, muito menos há para as comprar

# A fome como arma do imperialismo

**S**e é verdade que por parte de organizações internacionais como a Cruz Vermelha ou a UNICEF os esforços para debelar a fome em África são positivos, a existência desta autêntica catástrofe internacional é hoje pretexto para uma imensa campanha que, mais do que auxiliar as populações sinistradas, visa essencialmente denegrir os regimes progressistas de países como a Etiópia ou Moçambique. Se é verdade que muitas pessoas se vêem envolvidas nesta campanha não obstante o seu objectivo seja serem solidários com os povos sinistrados, na generalidade o que está em causa não é a fome. É a manutenção do poder de um sistema caduco.

Essencialmente desde começos deste ano, são já inúmeros os cadernos, as páginas e os tempos de programação dispendidos em falar da fome. São já inúmeros os programas e artigos que, escondendo-se sob uma falsa capa de humanismo, mais não pretendem do que atacar a evolução dos povos, do que combater a vontade dos povos.

No final, aparece sistematicamente a conclusão de que os grandes culpados da catástrofe são os regimes pro-

gressistas, são as revoluções populares democráticas, é a construção do socialismo.

As artimanhas dos actuais comentadores não são novas. Bem pelo contrário, são já velhas de vários séculos. As palavras, logicamente, são outras. A situação também o é e a informação dos povos e o peso da opinião pública são maiores. No entanto, o mesmo jogo e as mesmas armas lá estão; preto no branco.

## Os famintos da Rússia

Em princípios de 1922, a imprensa burguesa de Portugal, bem como um pouco por todo o mundo, desata numa algaraviada em prol dos «famintos da Rússia». Nunca, até então, o povo russo lhes tinha inspirado outros sentimentos que não fossem o ódio e o pavor pelo que começava a construir.

Nos princípios do ano, a guerra civil e as invasões estrangeiras que foram impostas ao jovem Estado Soviético, começavam a mudar de rumo. As 14 potências estrangeiras que invadiram a jovem república russa começavam a mostrar-se incapazes de travar a evolução histórica no campo de batalha.

Havia, por isso, que abrir outra frente na luta contra o primeiro Estado de operários e camponeses. Havia que denegrir para que o exemplo não frutificasse.



Cinco anos de guerra civil e de invasões estrangeiras, cinco anos de boicote permanente à máquina económica do País e séculos de regime feudal, trouxeram o espectro da fome para as terras russas. Espectro que, de ameaça, rapidamente se transformou em autêntica catástrofe, naquela que foi uma das grandes fomes do século.

O imperialismo e a burguesia não podiam, portanto, arranjar melhor pretexto para atacar o novo Estado e para evitar que continuasse a colher a simpatia e a solidariedade da grande maioria dos trabalhadores de todo o mundo:

## Ontem como hoje

Então, com o pretexto do auxílio «humanitário» — um pretexto que, como se vê, é demasiadas vezes utilizado — foi encetada uma gigantesca operação de propaganda internacional.

Em Portugal, com especial destaque para o «Diário de Notícias», mas também com a participação do «República», do «Vitória», do «Diário de Lisboa» e do «Época», a imprensa burguesa respondeu «pronto» à chamada para esta autêntica cruzada. Os títulos com que bombardeavam, quase sempre em lugar de destaque, o público, seriam talvez mais primários do que hoje — «Os 3 czares da Rússia: Lénine, a fome e a guerra», ou «A Rússia de Lénine é a Rússia da fome e da miséria» — mas não deixavam de ter o mesmo cunho e a mesma intenção do que aquilo que agora se escreve.

Hoje, como é lógico, os títulos são outros — «A Etiópia da fome sob o fogo dos projectores» ou, em Portugal, «África anos 80 — os filhos da fome».

No entanto, tanto num caso como

noutro, tanto em relação à Etiópia progressista como à Rússia soviética, o que aparece aos olhos do receptor das notícias não são as realizações dos povos que tomaram em suas mãos o futuro, não é o constante boicote que lhes é imposto, mas sim uma certa face de um povo que enfrenta cada vez mais duros obstáculos para conseguir impor a sua vontade.

## A vitória dos povos

O que é certo é que, apesar de todas as campanhas militares, económicas e propagandísticas, o povo soviético conseguiu erigir o primeiro Estado Socialista. Depois dele, muitos outros encetaram já a feitura do futuro; o mesmo acontecerá com a Etiópia onde, num futuro talvez mais próximo do que muitos quererão, as fomes dos anos 70 e 80 não passarão já de uma extremamente acre recordação. De uma etapa que ainda lhes traz mais razões para implantar uma sociedade mais justa, onde tenha sido completamente banida a exploração do homem pelo homem. Numa imparável marcha para o futuro que o imperialismo tenta a todo o custo travar sem sucesso. ■



A quem interessa a fome...



Desde sempre, a imprensa burguesa jogou um papel determinante no denegrir e na tentativa de derrotar o futuro, como se pode ver por estes jornais de 1922

# a TV

## O nosso povo merece outra televisão

Parece-me ocioso recordar aqui a importância, o significado das eleições em Carvalhais, no distrito de Bragança. Bastará lembrar que os caciques juravam a pés juntos que a APU jamais ganharia umas eleições naquela região...

Tais sujeitos apenas estavam confundindo a realidade com os seus próprios desejos. Só que, se a História se regressasse pelo desejo das classes decadentes, a própria existência da sociedade humana deixava de ter razão de ser, perdia todo o sentido...

As pessoas que lêem alguns jornais deste país sabem a verdade, sabem que a APU obteve a maioria nas eleições de Carvalhais. Mas o segredo foi guardado em todas as povoações e lugares — e até vilas — onde a imprensa não chega com regularidade e onde só a televisão tem acesso generalizado.

Mas então — perguntarão os leitores — mas então isso quer dizer que o telejornal não fez a merecida referência ao caso?

É isto mesmo o que quero dizer. Telejornal ignorou as eleições de Carvalhais, não lhes deu a importância que atribuiu já a algumas outras de bem menos significado.

Tudo porquê? Porque a força vencedora foi o povo, foi a APU e tais exemplos não entram no conceito «pluralista» da informação no telejornal...

O tratamento das eleições em Carvalhais não é caso único no telejornal. Outros muitos poderiam mencionar-se. Não todos, claro, porque é reduzido o espaço de que dispomos...

O povo laborioso de Portugal merece outra televisão. Porque o exemplo de Carvalhais prova como se comportaria esta televisão quando viessem as eleições legislativas...

## ... Com o rabo de fora

O mesmo que se pode dizer a respeito da entrevista de Lucas Pires ao programa «Actual» é que foi uma péssima exibição de circo. O «líder» do CDS (eles gostam tanto de liderar...) tentou a corda bamba e deu sucessivos trambolhões; tanto quis afirmar a segurança das posições do grupo que chefiava, que acabou em permanente situação de desequilíbrio. Ainda o número mais conseguido foram os triplos saltos-mortais com saídas à rectaguarda...

O namoro ao PSD alternou com violentos ataques ao grupo de Cavaco Silva. Sucederam-se as agressões ao governo, o aumento da inflação, o agravamento do custo de vida, a descida bruta do salário real, etc., etc. Mas quando se trata de substituir este governo por um governo sério, isento, capaz de respeitar e defender a democraticidade do acto eleitoral — aí, alto lá! Lucas diz logo que não, que não senhor, deixem lá estar o governo, coitadinho...

E como é que Lucas Pires defende a permanência do governo PS/PSD? Com este argumento genial: «Porque este governo já nós conhecemos...» Ou seja: a razão por que devemos rejeitar a continuação do governo (porque já o conhecemos...) serve a Lucas Pires para justificar... a sua permanência! Que grande puereta, à Lucas!

A razão é outra. A verdade é que o governo PS/PSD realizou, no fundamental, os desejos da direita, subiu os primeiros e essenciais degraus. Tanto assim é que o CDS sempre apoiou as medidas restauracionistas do governo de Mário Soares, o resto ora, o resto são técnicas eleitoralistas — com o rabo excessivamente de fora...

Por outro lado, ao distanciar-se das medidas tomadas para agravar Portugal com a CEE, Lucas reflecte apenas as contradições da sua base social de apoio. Mas «esquece-se» de quando se jactava da influência dos «democratas-cristãos» europeus para o andamento do processo...

## Basta de pouca vergonha!

Pelo contrário, a entrevista de Álvaro Cunhal ao mesmo programa foi de uma clareza e de uma coerência sem qualquer margem para dúvida, para o claro-escuro, para a ambiguidade.

Com um rigor matemático, continuamente apoiado em acções e factos concretos dos últimos anos, Álvaro Cunhal desmantelou a farsa esquerdizante de Mário Soares e o oportunismo do PSD.

Duas faces da mesma hipocrisia. Um, à última hora, a querer passar por vítima de uma situação em cuja degradação colaborara principal e activamente; outro, a passar por bandido arrependido, desejoso de voltar ao bom caminho, enjeitando todas as responsabilidades e atirando com todo o descabro para cima do PS...

Álvaro Cunhal mostrou sem margem para dúvida, igualmente, a hipocrisia do CDS que, numa oposição de arroz fingido, contribuiu, sempre que a ocasião se proporcionou, para que vingassem as medidas conflituosas do governo...

Outra nota da entrevista de Álvaro Cunhal foi a da necessidade de substituir este governo por outro que desse confiança no sentido da isenção e respeito pela democraticidade nos órgãos de comunicação estatizados na preparação e durante as próximas eleições.

Quem assiste com mínima frequência aos programas de televisão não pode deixar de dar razão a Álvaro Cunhal. Informação manipulada, eleição falseada, logo, outro governo, outra televisão.

Acabe-se a pouca vergonha!

■ **Ulisses**

# Síntese semanal da IMPRENSA

## A luta não terminou

A coligação PS-PSD, apesar da já anunciada dissolução da Assembleia da República, apesar de ter um governo completamente desmoroado, apesar das importantes derrotas que lhe impôs a luta popular, estrebucha ainda. E quer, num estertor final, aprovar parte da legislação anti-Abril que fabricou. É o caso da Lei das Rendas e de alguns aspectos das leis eleitorais. É preciso dar luta a este governo ilegítimo.

## Soares para a rua! A luta continua!

• «A votação final das Lei das Rendas foi marcada para a próxima quarta-feira ao fim da tarde, não por consenso da conferência de líderes parlamentares (como acontece em geral) mas por decisão pessoal do presidente do Parlamento, que para tanto usou o poder que lhe oferece a Constituição de marcar as ordens do dia.

«A votação final poderia ser rápida se não fosse o caso de o PCP (pelo menos este partido) estar na disposição de usar algumas das possibilidades regimentais para se opor ao diploma.

«De facto, poderá ser contestado o próprio agendamento da matéria, poderá ser pedida a sua evocação ao plenário e poderá ser pedida a sua votação nominal, propostas estas que farão (no mínimo) prolongar o debate, mesmo que sejam todas rejeitadas.

«Quanto à avocação, juristas de várias bancadas manifestaram-se discordantes sobre a possibilidade de ser pedida neste caso.

«Entretanto, ao invés do que foi noticiado, este diploma não caduca com a demissão do Governo devido ao facto de já ter sido aprovado pelo Parlamento na generalidade e na especialidade.»

(«Semanário», 29. Junho)

• «O polémico Acordo Laboral sobre a Base das Lajes, firmado entre Portugal e os EUA e que se encontra na Assembleia da República para ratificação, registou esta semana um novo bloqueamento e o Governo de Lisboa desenvolve agora esforços para que a votação final no Parlamento se verifique nos próximos dias, sob pena de não «passar» nesta legislatura.

(...)

«O PCP — que na AR tem liderado a contestação ao acordo, uma vez que, tal como outras forças políticas, o considera inconstitucional e não conforme com a legislação laboral portuguesa — poderá ainda tentar, num último «forcing», inviabilizar a sua apreciação antes do final da semana, pondo assim em risco a votação do respectivo pedido de ratificação antes do debate sobre o acordo de adesão à CEE. O facto implicaria a não aprovação do diploma nesta legislatura, comprometendo a sua execução.»

(«Expresso», 29. Junho)

## Democracia...

• «Coretta King, viúva do dirigente dos direitos cívicos e Prémio

guerra formal no caso de a União Soviética introduzir armas nucleares ou aviões «MIG» neste país da América Central, ou no caso do governo nicaraguense estar envolvido em acções de terrorismo ou sequestros.

«O presidente Reagan pode também enviar tropas de combate para a Nicarágua no caso das acções desse país significarem «um perigo claro e imediato de acção hostil» para os Estados Unidos ou seus aliados ou no caso de as tropas serem necessárias para transferir desse país cidadãos norte-americanos ou proteger a sua embaixada.

«A Câmara dos Representantes aprovou ainda um orçamento de 292 000 milhões de dólares para a defesa, contra os 302 000 milhões antes aprovados pelo Senado.»

(«Correio da Manhã», 29. Junho)

## ... e terrorismo, segundo Reagan!

• «Treinaram-se nos Estados Unidos os dois terroristas *sikhs*, Lal Singh e Annand Singh, procurados como suspeitos de atentado contra o avião da «Air India», cuja explosão causou 329 mortos.

«Lal Singh e Annand Singh treinaram-se no Outono passado no campo de treino de mercenários «Reconnaissance Comando-Scholl-Rondo», em Birmingham, no Estado norte-americano do Alabama. O director daquele campo, Frank Camper, confirmou à cadeia de televisão «NBC» que os dois *sikhs* se treinaram em Birmingham em técnicas de utilização de explosivos e no manejo de bombas-relógio.

Segundo as declarações do director do campo de treino de mercenários, Lal Singh e Annand Singh tinham-lhe dito que preparavam uma ofensiva para o Verão de 1985.

(«Lal Singh e Annand Singh

são também suspeitos de envolvimento no planeamento de um atentado contra o primeiro-ministro Rajiv Gandhi durante a sua recente visita aos Estados Unidos. Impressões digitais de um dos dois terroristas *sikhs* foram encontradas nos restos de uma mala em cujo interior se encontrava a bomba que explodiu no aeroporto de Tóquio, matando quatro pessoas, quando era descarregada a bagagem de um avião da «Canadian Pacific».

«A revelação de que Lal Singh e Annand Singh se tinham treinado nos Estados Unidos levou a subcomissão da segurança e terrorismo do Senado a ordenar um inquérito sobre os campos de treinos de mercenários existentes no país. A maior parte desses campos funcionam como organizações privadas de acesso restrito, normalmente camuflados como clubes de caça e de tiro desportivo.

«Em diversas ocasiões anteriores, a imprensa norte-americana referiu àqueles campos levantando a hipótese de alguns deles serem «administrados» pela CIA ou organizações a ela ligadas. Organizações de contra-revolucionários cubanos, assim como de outras nacionalidades latino-americanas, foram diversas vezes denunciadas como utilizando campos semelhantes em Miami.

«O senador republicano pelo Estado do Alabama, Jeremiah Denton, declarou que tinha ficado chocado quando soube que os dois terroristas «*sikhs*» se tinham treinado nos Estados Unidos e acrescentou que o FBI o tinha informado que os referidos campos «não causavam problemas e que serviam sobretudo para satisfazer a fantasia das pessoas que os frequentam». Não há nenhuma lei nos Estados Unidos que regulamente a existência dos campos de treino militar, mas Denton disse que a questão ia ser analisada.»

(«o diário», 29. Junho)

# BARRANCO DE CEGOS

ALVES REDOL

Edição especial ilustrada, em grande formato.

A melhor obra de Alves Redol e uma das grandes obras do neo-realismo

18 ilustrações do pintor Jorge Pinheiro



edições Avante!

## Quem tem dúvidas?

Acaba de ser criada a Fundação Luso-Americana, destinada a gerir os dinheiros (a verba inicial é de 38 milhões de dólares) encaminhados para o nosso país pelos EUA como contrapartida pelas facilidades concedidas pelo Governo à utilização do território nacional pelas forças armadas norte-americanas. Foram já escolhidos os nomes que integram os corpos gerentes da Fundação, isto é, as pessoas que têm a confiança de Washington e do Pentágono para o investimento em Portugal do dinheiro dos contribuintes norte-americanos.

Entre esses nomes, e para além de óbvias personalidades como o embaixador dos EUA em Portugal e de significativas figuras como Vasco de Melo, ex-presidente da CIP e actual presidente do Conselho Fiscal do CDS, contam-se os senhores Bernardino Gomes e Rui Mateus, ambos do PS: o primeiro é chefe de gabinete de Mário Soares e o outro é responsável das relações internacionais do PS e companheiro fiel do secretário-geral nas suas deslocações ao estrangeiro.

Como se vê, a tal história do «special friend» está longe de ser só folclore. O imperialismo sabe bem quem são os seus amigos — e nem ele se importa de os homenagear à vista de toda a gente, nem eles têm pejo de mostrar publicamente aquilo que são.

Soares e seus amigos: quem tem dúvidas acerca do que a casa gasta?

## Os amigos são para as ocasiões

No decorrer de mais uma passeata à quinta lusitana à beira-mar plantada, a nossa (?) já bem conhecida (?) delegação do FMI, chefiada por uma tal D. Teresa Ter-Minasian, parece ter ficado muito impressionada com o estado de depressão da economia portuguesa.

Visitada a quinta, os patrões não se limitaram a verificar o estado das hortas e a lamentar a sorte dos indígenas. Deixaram também as suas ordens aos capatazes encarregues de zelar pelos seus interesses. Impressionados, condoidos, os senhores do FMI, segundo o **Expresso**, admitiram a «necessidade de aliviar a política de austeridade prosseguida nos últimos dois anos», considerando mesmo «existirem vantagens num aumento do défice orçamental superior ao inicialmente previsto para este ano», ainda que defendendo, por outro lado, «a necessidade de uma nova contenção em 1986». Ou seja: por obra e graça do FMI, nos últimos meses deste ano a desastrosa política económica e financeira do Governo vai aparecer disfarçada. Soares e amigos falarão dos seus grandes êxitos. Depois, acabadas as eleições, volta tudo à antiga e a receita torna a ser a mesma.

Soares bem pode dizer (e agradecer): os amigos são para as ocasiões.

## Meu dito meu feito

«Durante vários anos, os Estados Unidos não tomaram as Nações Unidas a sério»,

# Pontos Cardeais

declarou, bombasticamente, o secretário de Estado norte-americano, George Shultz, no decorrer de uma sessão realizada em S. Francisco comemorativa do 40.º aniversário da fundação da ONU. Criticando as administrações antecedentes, garantiu que os EUA «vão empenhar-se nas Nações Unidas, apesar das muitas falhas da organização». Com um mal disfarçado cinismo, Shultz acentuou: «Não podemos deixar que os nossos adversários utilizem, contra nós, como arma de guerra política, a nossa própria devoção à lei e à cooperação internacional».

Meu dito meu feito: a delegação cubana nas Nações Unidas que, a convite dos organizadores da sessão de S. Francisco se preparava para a ela assistir, foi proibida pelo departamento de Estado (chefiado por Shultz) de sair de Nova Iorque num raio superior a 25 milhas!

## O sucessor

Ainda os portugueses não acabaram de digerir a sucessora da telenovela e já lhes arranjaram um sucessor vindo da prata da

casa que a vida está má para os ir buscar ao estrangeiro. Trata-se, está bom de ver, de Cavaco e Silva, o novo chefe do PSD, que por lá nem todos andam confusos como a Roseta.

Tanto que se procurou desde o desaparecimento do Chefe e ele feito malandro caladinho sem passar cavaco a ninguém, guardando-se para o momento em que a verdade havia de vir ao de cima, como o azeite, que é como quem diz pelo momento em que a luz iluminasse os espíritos de todos (ou quase todos, ou uma parte) reconhecessem nele o sucessor.

Valeu a pena esperar, pois se dúvidas houvesse todas se dissipariam em Boliqueime no passado fim-de-semana onde Cavaco fez jus ao título de chefe, sucessor, e ganhou mais dois, a saber o de caudilho, que é o mesmo mas à espanhola e ainda o de Duarte Pacheco, apesar de não se saber bem porquê, mas eles lá no PSD parece gostarem assim. Seja como for o homem está aí e títulos não lhe faltam.



# Gazetilha

por Ignotus Sum

I

Santos que em paleio é craque  
põe-se com ar de basbaque  
contra quem diz ou insinua  
que o povo apontando a rua  
a quem o desgovernou,  
nas eleições se enganou...

O Santos do Cadillac  
tem razão que disparete!  
Outro foi o resultado  
do que em real se passou:  
o povo não se enganou  
— o povo foi enganado...

Ó Santos do latinfraque  
de Quiquero e Albarraque  
que andas a mangar com a tropa:  
nas eleições a seguir  
o povo que já vos topa  
o povo vai corrigir...

II

O CDS não se sabe, ao certo, não-  
se é contra o Soares ou se não...

Certo, ele tem uma visão socialista  
mas com Soares é outro ponto de vista...

O Soares foi-lhe dando em cada dia  
muito daquilo que o CDS queria

(e não pudera obter, já se vê  
na sua aliança com o PSD...)

Agora, sentado diante do prato  
o CDS é do contra ou é grato?

Uma coisa é certa: em caso de azares  
o CDS apoiaria o Mário Soares...

Paleio melhor ou paleio pior  
tudo o mais é folclore...

Em troca, o Soares, dê por onde der,  
(há disso todos os sinais)  
daria à direita tudo o que ela quer...  
... e até mais...

III

Desta vez foi em Bragança  
que a semente da esperança  
deitou perfeitos sinais:  
Com o seu voto seguro  
deitou as mãos ao futuro  
o povo de Carvalhais

Foi uma grande vitória  
que vai ficar na História  
pois novo caminho traça.  
Criadagem de libré  
silenciam na TV.  
Os cães ladram, o povo passa...

Ficou provado de novo:  
só o povo defende o povo  
Só o povo e ninguém mais.

Nesta hora rediviva  
viva, para sempre viva  
o povo de Carvalhais!

# Agenda

**Avante!**

Ano 53 - Série VII  
N.º 601  
4 de Julho de 1985  
4.º Caderno  
Não pode ser vendido  
separadamente

## Sexta 5

### • CONSTÂNCIA

A CEE em debate, no Cine-Teatro, às 21 horas. Com a participação de Octávio Teixeira, economista e deputado do PCP, e ainda de eleitos nos órgãos de Poder Local, técnicos, comerciantes, industriais e agricultores. Iniciativa da Coordenadora Concelhia da APU.

### • BRAGA

Debate com Ilda Figueiredo, economista e deputada do PCP, sobre a situação económica e as conclusões da recente Conferência do PCP sobre a via de desenvolvimento para sair da crise. O debate, organizado pela Direcção do Sector Intelectual de Braga do PCP, realiza-se às 21.30 no Salão da Junta de Freguesia de S. Lázaro,

## PORTO

### Comício com Álvaro Cunhal

Sábado, 16 horas  
«Porto em Festa» - Monte Aventino

em Festa» - uma grande festa popular, iniciativa da DORP a decorrer ontem, hoje e amanhã no Monte Aventino, às Antas. O comício realiza-se hoje, às 16 horas.

### • VALE DE CAVALOS

Comício, às 19 horas, com António Orçinha, membro suplente da Comissão Política, neste terceiro e último dia da Festa do Povo, a decorrer no Largo das Festas em Vale de Cavalos.

### • VILA DO BISPO

Às 18 horas, comício da «Festa Popular», iniciativa já tradicional da Comissão Concelhia do PCP, que desde ontem decorre. No comício participam Carlos Brito, da Comissão Política e deputado pelo Algarve, e José António Spínola, presidente da Câmara Municipal.

## Domingo 7

### • COVILHÃ

2.ª Assembleia da Organização Concelhia. Sob o lema «No Caminho de Abril, com o PCP, o concelho da Covilhã precisa de uma Câmara APU», a Assembleia terá início às 10 horas no Cine-Teatro.

### • ALVALADE-SADO

Festa do Trabalhador (sábado e domingo, na esplanada do Cinema, iniciativa da Comissão de Freguesia do PCP): hoje, às 19.30, intervenção de Odete Santos, deputada do PCP.

### • MOSCAVIDE

Comício integrado na Festa do Futuro. Com o camarada Joaquim Pina Moura, do CC. Às 17.30.

## domingo

### 2.ª Assembleia da Organização do Concelho da Covilhã

10 horas  
Cine-Teatro

## Festas Fim de Semana

### Porto - 5, 6 e 7

O Porto em Festa, no Monte Aventino, às Antas. Além do comício com Álvaro Cunhal no sábado, às 16 horas, exposições, debates, manifestações desportivas, diversões, petiscos. E muita e boa música: ao longo dos 3 dias, um programa rico e diversificado, com música clássica, jazz, folclore, e a Música Popular Portuguesa com Paulo de Carvalho, Júlio Pereira, Samuel, José Barata Moura e muitos outros.

### Vila do Bispo - 6 e 7

A Festa Popular, com espectáculos e bailes (no sábado e no domingo, à noite). Torneios desportivos, com relevo para a participação no Concurso de Pesca no Mar (às 7 horas de domingo). Comício na tarde de domingo.

### Vale de Cavalos - 5, 6 e 7

Festa do Povo, com folclore, bailes, fado com Fernando Farinha. Manhã infantil no domingo. No desporto, além dos jogos populares tradicionais, uma prova de atletismo a disputar no domingo, com início às 15 horas. Também no domingo, às 19, comício.

### Alvalade-Sado - 6 e 7

Festa do Trabalhador, na esplanada do Cinema. Torneios de chinquilho e ténis de mesa, teatro, folclore, música popular portuguesa com Francisco Ceia e o grupo «Nova Aurora». Bailes. «Exposição das Autarquias» no salão do Cinema. Comício às 19.30 no domingo.

### Pinhal Novo - 5, 6 e 7

Festa Amiga, no campo do Pinhalnovense. Exposições, bancas do artesanato, divertimentos, desporto. Pavilhão da juventude com vídeo. Música coral alentejana e fados por Fernando Farinha.

### Baiões - 6

Festa Popular, promovida pela APU nas instalações da Junta de Freguesia de Baiões (concelho de S. Pedro do Sul): às 16, tarde infantil; às 21.30, música popular pelo grupo de Viseu «Viva a Música».

### Ucanha - 7

Festa Popular APU, no Largo dos Barreiros. Às 16.30. Intervenções políticas, baile e a actuação do grupo «Viva a Música» de Viseu.

### Moscavide - 7

Festa do Futuro. Manhã infantil com um espectáculo pelo GIC-Grupo de Intervenção Cultural. Rádio Juvenil. Exposições e bancas. Comício às 17.30.

na Avenida da Liberdade, N.º 490

### • PORTO

Álvaro Cunhal intervem no comício de encerramento de «Porto

### • SESIMBRA

Na Sociedade de Música, às 21.30, comício com o camarada Carlos Ramilhes, suplente da Comissão Política e membro da DORS.

### • CARNAXIDE

Plenário de militantes da freguesia, às 21.30, no CT local, para discussão do trabalho de organização e da situação política. Com o camarada Hipólito Santos, do CC.

### • PINHAL NOVO

No âmbito da Festa Amiga que decorre até domingo no campo do Pinhalnovense, colóquio com Miguel Urbano Rodrigues sobre Informação em Portugal, às 21 horas.

### • LISBOA

Amanhã, dia 5, realiza-se no Centro de Trabalho de Santos um plenário de militantes das freguesias de São Paulo, Mercês, Santos, Lapa, Sacramento e Santa Catarina.

No plenário, que começa às 21.30, participa o camarada Aboim Inglês, membro do Comité Central e da DORL do PCP.

## Sábado 6

### • TOMAR

Sessão de esclarecimento em Cem Soldos, às 21.30, na Casa do Povo, com a participação do camarada Raimundo Cabral, da Comissão Política.

### • AROUQUELAS

Sessão pública organizada pela Comissão local da APU: «Portugal e a CEE - Que Futuro para a Agricultura?». Às 21.30, na sede da Comissão de Melhoramentos, com a participação do economista Sérgio Ribeiro e de Álvaro Brasileiro, deputado do PCP.

### • CRUZ QUEBRADA

Encontro dos militantes organizados no Comité Local da Cruz Quebrada para análise do trabalho desenvolvido e das tarefas que estão na ordem do dia. Na SIMECQ, às 15 horas, com a participação do camarada Manuel Pedro, do CC.



Savignac (1907- ) in Michel Ragon, «Les Maitres du Dessin Satirique em France de 1830 à nos Jours» - Pierre Horay Editeur - Paris, 1972

# TV O Programa

**Quinta**
**RTP1**

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela — «Vila Faia», 42.º Ep.
- 16.40 — Atletismo — Transmissão directa do Grande Prémio IAAF, a decorrer em Helsínquia
- 19.15 — Dar e Receber, programa sobre impostos
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.35 — Telenovela — «A Sucessora», último episódio
- 21.15 — Triangular, programa da Direcção de Informação
- 22.15 — Série — «Os Últimos Dias de Pompeia», 1.º Ep. Real. Peter Hunt
- 23.35 — Volta à França em Bicicleta
- 23.50 — Último Jornal

**RTP2**

- 19.15 — Atletismo — transmissão directa de Helsínquia
- 20.00 — Conheça Melhor — Uma breve viagem pela RDA
- 20.30 — Série — «A Vida de Berlioz», 3.º Ep.
- 21.40 — Da... Música
- 22.30 — Jornal da Noite.

**Sexta**
**RTP1**

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela — «Vila Faia»
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos — Animação: «A Ilha das Crianças»
- 18.35 — Notícias
- 18.45 — Sobre os Rios que Vão
- 19.30 — Museu do Ermitage, 4.º Programa — Arte medieval
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.30 — «Louco Amor» — um documentário sobre esta telenovela brasileira, a transmitir proximamente
- 21.15 — Prémios Gazeta — de Jornalismo
- 22.30 — Série — «Sombras na Escuridão»
- 23.30 — Volta à França em Bicicleta
- 23.40 — Último Jornal.

**RTP2**


- 19.30 — Desenhos Animados — «Os Filhos da Pantera Cor-de-Rosa»
- 20.00 — Série — «Recordações», 4.º Ep.
- 21.30 — Directo/2
- 22.30 — Jornal da Noite.

**Sábado**
**RTP1**

- 11.00 — Tempo dos Mais Novos
- 13.00 — Notícias
- 13.10 — Tempo dos Mais Novos — «Jornalinho»
- 14.00 — Série — «O Pai Murphy»
- 15.30 — A Vida e Hábito dos Polvos
- 16.30 — Concerto de Gala da GNR
- 17.30 — Série — «Separados pela Espada», 1.º Ep.
- 18.00 — Notícias
- 18.15 — A Semana que Vem, programa de Mário Zambujal
- 19.45 — Totoloto
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico

- 20.35 — Concurso 1, 2, 3 (última sessão)
- 23.00 — Último Jornal
- 23.10 — Sábado Especial — «A Vida Intima de Quatro Mulheres», real. George Cukor (EUA/1962).

**RTP2**

- 18.30 — Troféu
- 20.30 — Série — «Os Biscateiros», 3.º Ep.
- 21.30 — A Arte no Mundo das Trevas (1.º Ep.).

**Domingo**
**RTP1**

- 10.30 — 70 Vezes 7
- 11.00 — Missa
- 12.00 — Automobilismo — Grande Prémio de França de Fórmula 1 (transmissão directa)
- 14.00 — Notícias
- 14.05 — Tempo dos Mais Novos
- 15.00 — Fórmula J
- 16.30 — No Mundo dos Fraggles
- 17.00 — Sessão da Tarde — «Férias em Roma», real. William Wyler
- 19.00 — Top Disco
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.30 — Falando de Schubert
- 21.00 — Série — «Ventos de Guerra», 13.º Esp.
- 22.00 — Domingo Desportivo
- 23.00 — Último Jornal.

**RTP2**

- 18.45 — Novos Horizontes
- 19.15 — Nós.. Por Cá
- 20.00 — Adágio
- 20.30 — Canal Livre



- 21.30 — Cine-Clube — «A Paixão», rel. Ingmar Bergan/1970.

**Segunda**
**RTP1**

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela — «Vila Faia»
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Documentário
- 19.20 — Série — «Coimbra sem Tempo», 1.º ep. A «Evocação das Raízes» através da música e da poesia coimbrás
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico



- 20.35 — Telenovela — «Louco Amor», 1.º Ep.
- 21.15 — Arroz Doce, programa de Júlio Isidro
- 23.00 — Volta à França em Bicicleta
- 23.10 — Último Jornal.

**RTP2**

- 19.30 — Desenhos Animados
- 20.00 — Feiras de Portugal — A Feira do Queijo da Serra

- 20.30 — RTP Madeira
- 21.00 — Noite de Teatro — «Macbeth», de William Shakespeare, prod. da BBC



- 23.30 — Jornal da Noite.

**Terça**
**RTP1**

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela — «Vila Faia»
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos — «Os Muminhos», «Contos Folclóricos Húngaros»
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Século XX — «O Mundo em Guerra», 10.º Programa
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.35 — Telenovela — «Louco Amor»
- 21.15 — Série — «O Corpo Humano», 10.º Programa («As Articulações»)
- 21.45 — Actual, programa da Direcção de Informação
- 22.55 — Série — «Tudo em Família»
- 23.10 — Volta à França em Bicicleta
- 23.20 — Último Jornal.

**RTP2**

- 19.30 — Desenhos Animados — «As Novas Aventuras do Zorro»
- 20.00 — Videopolis (divulgação musical), 2.º Programa



- 20.30 — Série — «O Mundo em Guerra» — Portugal 1939/45
- 21.00 — Sessão das Nove — «O Rebanho» (Süru), filmado por Zeki Okten sob guião e orientação de Ylmaz Guney, então preso pela ditadura turca (Turquia/1979)
- 23.00 — Jornal da Noite.

**Quarta**
**RTP1**

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela — «Vila Faia»
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Trânsito
- 19.20 — Expresso da Europa
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.30 — Telenovela — «Louco Amor»
- 21.35 — Noite de Cinema — «Suite em Hotel de Luxo», real. Arthur Hiller (EUA/1971)
- 23.35 — Volta à França em Bicicleta
- 23.50 — Último Jornal.

**RTP2**

- 19.30 — Desenhos Animados — «As Misteriosas Cidades do Ouro»
- 19.50 — Série — «Memória de um Povo», 8.º Programa
- 20.30 — Série — «O Mundo em Extinção», 13.º Ep.
- 21.30 — Filmoteca TV
- 22.30 — Jornal da Noite.

# Livros

**Reforçar o Poder Local Democrático, Melhorar a Vida das Populações** (Documentos e intervenções da Conferência Nacional do PCP) — Edições «Avante!», Junho de 1985. Preço 250\$00.

Em cerca de 200 páginas e a um custo bem acessível, dado o preço a que estão os livros, a editorial «Avante!» conseguiu neste «Reforçar o Poder Local Democrático, Melhorar a Vida das Populações» resumir o que foi a Conferência Nacional do PCP sobre o Poder Local e as Eleições Autárquicas realizada no passado dia 26 de Maio, o que, em termos de leitura, significa várias coisas.

A primeira tem a ver com a importância política, social, económica e cultural da própria Conferência. Quem quiser, sem esforço e com profundidade, conhecer o balanço do trabalho autárquico dos comunistas, o esforço do Partido nesta frente de trabalho, os êxitos obtidos, as dificuldades enfrentadas, as perspectivas que se colocam na actividade imediata, tem aqui à mão toda a informação necessária, devidamente organizada.

Tal informação, sendo um repositório de dezenas de intervenções e documentos produzidos ao longo dos trabalhos, não se limita, no entanto, a plasmar uma sucessão de relatórios de carácter eminentemente político, pela simples razão de que as intervenções e documentos produzidos na Conferência não foram isso, mas completas análises das realidades sociais, económicas, políticas e culturais em que se move a actividade autárquica em todo o País, dando conta não apenas da capacidade transformadora dos comunistas e dos seus aliados na APU nas largas centenas de autarquias em que são maioritários, ou da sua acção dinamizadora onde são minoritários, mas também traçando o perfil dos Distritos ou Regiões que compõem o País.

Assim ao ler-se o que se disse na Conferência acerca dos Distritos de Lisboa, Porto, Setúbal, Santarém, Leiria, ou das Regiões do Minho, das Beiras, do Alentejo, de Trás-os-Montes ou Madeira e Açores, ou ainda de Concelhos limítrofes como Loures, Sintra, Vila Real de Santo António ou Vila do Bispo, não se vai apenas encontrar um somatório de fei-

tos e dificuldades autárquicas realizados e enfrentados pelos comunistas e a APU, mas autênticas «radiografias» de todas essas realidades, resultantes de estudos qualificados e saber de experiência feito de milhares e milhares de homens e mulheres que, na APU, realizaram ao longo dos anos o mais espectacular trabalho autárquico jamais produzido no nosso País.

Mas o PCP não actua na realidade autárquica apenas através dos seus eleitos, e várias intervenções presentes neste livro dão-lhe o devido realce. É o caso de «A Mulher e o Poder Local Democrático», «A Acção Parlamentar do PCP em Defesa do Poder Local Democrático», «Novas Freguesias: Situação e Perspectivas Eleitorais», «A Grande Lisboa e as Responsabilidades Autárquicas», «A Juventude e o Poder Local», «Os Trabalhadores das Autarquias Locais», a AECOD, etc.

Outro aspecto de relevo neste livro é a amostragem que nele se faz das análises do PCP em relação, por um lado, ao Poder Local Democrático — sua importância no Portugal de Abril, a «escola de democracia» que constituiu, a importância do seu papel transformador na qualidade de vida das populações — e por outro à ofensiva anti-autárquica de sucessivos governos reaccionários (com relevo para este último), numa sanha claramente inscrita nos esforços contra-revolucionários que definem a actuação do PS/Mário Soares, PSD e CDS no panorama político nacional. A denúncia desta ofensiva e as lutas travadas e a travar para a sua derrota, são outros pontos a apreciar nesta amostragem das análises do PCP sobre o Poder Local democrático.

Neste caso a transcrição do Relatório de Abertura, da intervenção de encerramento proferida por Álvaro Cunhal, o documento-síntese e a Resolução da Conferência constituem documentos preciosos, igualmente presentes no livro.



# Cinema A selecção

# Exposições

	António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
<b>A</b> Os Amantes de Maria	★★★★★	★★★★	★★★	★★★★	★★★
<b>B</b> Um Amor na Alemanha	★★	★★★	★★★	★★★★	—
<b>C</b> Ana	★★	★★	★	—	★★
<b>D</b> Brasil... O outro Lado do Sonho	★★	★★★	★★★	★★	—
<b>E</b> 2001, Odíssela no Espaço	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★
<b>F</b> História de Uma Traição	—	—	★★★	—	★★
<b>G</b> Jerry, tu És Louco	★★	—	★★★	★★★★	★★
<b>H</b> Laranja Mecânica	—	★★★★	★★★★	★★★★	—
<b>I</b> A Mulher Falcão	★	—	★	—	—
<b>J</b> Starman, o Homem das Estrelas	★★★★	—	—	★★★	—

A — Real. Andrei Konchalovsky — Alfa-Clube (14, 16.30, 19, 21.30, 24.00), Berna (14, 16.30, 19, 21.30), Tivoli (14, 16.30, 19, 21.30) — Lisboa; Passos Manuel (18.45, 21.45) — Porto; Tivoli (14, 17.45, 21.15) — Coimbra.  
 B — Real. Andrzej Wajda — Quarteto/3 (14.30, 16.45, 19, 21.15, 23.30) — Lisboa  
 C — Real. António Reis e Margarida Cordeiro — Forum Picoas/1 (de 2.ª a 6.ª/19.30; sáb. e dom./14.30, 18) — Lisboa.  
 D — Real. Terry Gilliam — Hollywood/2 (15, 18, 21.15, 24), S. Jorge/2 (15, 18, 21.15) — Lisboa.  
 E — Real. Stanley Kubrick — Gemini (14, 16.30, 19, 21.30, 24) — Lisboa.  
 F — Real. Marek Kaniévski — Apolo 70 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30, 24) — Quarteto/4 (15, 17, 19, 21.30, 23.30) — Lisboa; Foco (18.45, 21.30, 24) — Porto.  
 G — Real. Jerry Lewis — Alfa/3 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30, 24) — Lisboa.  
 H — Real. Stanley Kubrick — Quarteto/2 (14, 16.45, 19.30, 22.15) Lisboa.  
 I — Real. Richard Donner — Condes (14, 16.30, 19, 21.30); Hollywood/1 (14.30, 16.45, 19, 21.30, 23.45) — Las Vegas/1 (14, 16.30, 19, 21.45) — Lisboa.  
 J — Real. John Carpenter — Nimas (14, 16.30, 19, 21.30), S. Jorge/1 (15.30, 18.30, 21.30), Sétima Arte (14.45, 17, 19.10, 21.45) — Lisboa.

**Arqueologia Industrial.** «Um mundo a Descobrir, um Mundo a Defender». Visitas guiadas, 3.ª, 4.ª, 5.ª e Dom/das 10 às 17; 6.ª e Sábados até às 21 horas. Na antiga Central Tejo, em Belém.  
**Azulejos do Século XIX aos Nossos Dias.** De 3.ª a Dom./10 às 13 e 14.30 às 17. Museu Nacional do Azulejo — Convento da Madre de Deus.  
**Colectiva de jovens pintores.** Garage Auto-Palace, R. Alexandre Herculano, ao Rato. De 2.ª a 6.ª/8 às 20.  
**Colectiva de pintura (Pomar, Paula Rego, António Dacosta, Palóio e outros)** Galeria 11, Campo Grande.  
**Elisabete Góis.** pintura. Camarim, R. Heliodoro Salgado, 47. Até 14/7.  
**Gente do Palco.** Museu do Teatro. De 3.ª a Dom. das 10 às 13 e das 14 e 30 às 17 horas.  
**Gil Heitor Cortesão.** Desenho e pintura. De 2.ª a 6.ª/16 às 19. Rua Nova da Trindade, 24. Até 5/7.  
**Gravura Portuguesa.** Gal. S. Francisco, R. Ivens, 40. De 2.ª a 6.ª/10 às 13 e 15 às 19; Sab/10 às 13. Até 20/7.  
**Irene Dedicova.** — Retrospectiva de pintura. No átrio da Fundação Gulbenkian.  
**João Fragoso.** Escultura. Na ESBAL, Lg. da Academia de Belas-Artes de Lisboa ao Chiado.  
**Justino Alves.** pintura. Galeria de S. Mamede, R. da Escola Politécnica.  
**Maria Altina Martins.** tapeçaria. Galeria Leo, Trav. da Queimada, 48. De 3.ª a Sáb. das 15 às 19. Até 9/7.  
**Maria Pureza Oliveira.** pintura. Museu da Fund. Ricardo Espírito Santo, Lg. das Rtas do Sol, 2.  
**Marionetas portuguesas e inglesas.** — mostra patente na Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna da Gulbenkian, paralela ao Festival de Teatro de Marionetas que ali decorre até domingo.  
**Pedro Casqueiro.** pintura. Galeria Mòdulo, Av. Ant. Augusto de Aguiar, 56, 5.º D. De 2.ª a Sáb., das 16 às 20. Até 19/7.  
**Renato Micell.** pintura. Galeria Quadrado, nos Coruchéus, R. Alberto Oliveira, 52. De 2.ª a 6.ª/10 às 13 e 15 às 19; Sáb./15 às 19. Até 15/7.  
**Sérgio Eloy.** fotografia. SNBA, R. Barata Salgueiro, 36. Das 14 às 20. Até 17/7.  
**Sérgio Taborda.** «Projecto: Escultura». Das 14 às 20, Galeria Novo Século, Rua do Século, 23. Até 6/7.  
**80 Anos do SPA.** exposição documental. Na sede, Av. Duque de Loulé. Das 15 às 19, excepto Sáb., Dom. e feriados.  
**Vespeira.** Pintura. De 2.ª a 6.ª/Das 10 às 19.30. Altamira, Rua Filipe Folque, 48-A. Até 20/7.  
**Vestir 1955-85.** A moda nos últimos 30 anos. Museu Nac. do Traje, Palácio do Monteiro-Mor, Lumiar.  
**Vinte e sete artistas portugueses.** Serigrafia. De 2.ª a 6.ª/14.30 às 19.30, Avenida da Igreja, 46-A. Até 17/7.  
**Arte Indo-Portuguesa e Arte Moderna.** De 3.ª a dom/14 às 20, Museu Nacional Soares dos Reis, PORTO.  
**Denise Colomb.** fotografia (54 retratos de artistas). Cooperativa Árvore, R. Azevedo de Albuquerque, 1. De 2.ª a 6.ª/9 às 23.30; Sáb. e Dom./15 às 19 e 21.30 às 23.30, PORTO.  
**Pedro Cabrita Reis.** Galeria JN, R. Gonçalo Cristóvão, 195. Até 5/7, PORTO.  
**Sinfonia das Cores.** colectiva de pintura. Galeria Antiqua, R. do Salgueiral, 62. Das 16 às 20. Até 5/7, PORTO.  
**Teresa Torres.** pintura. Galeria Mòdulo, Av. da Boavista, 854. De 2.ª a Sáb./16 às 20. Até 31/7. PORTO.  
**João Vieira,** pintura. Centro Cultural de S. Lourenço ALMANSIL.  
**Arquitectura e Escultura Gótica.** Até 3/11. Mosteiro de St.ª Maria da Vitória. BATALHA.  
**Armando Correia,** cerâmica. Até 21/7, na Casa da Cultura. CALDAS DA RAÍNHA.  
**Maria Toscano Rico,** pintura — temas alentejanos. Até 15/7. Museu Municipal, EVORA.  
**Primórdios de Mecanização da Agricultura.** Até 14/7, no ex-Matadouro Municipal, SANTARÉM.  
**Arqueologia Naval.** Exposição itinerante organizada pela Ass. dos Municípios de Setúbal, a percorrer todos os concelhos do distrito, SETÚBAL.  
**25 Anos da Academia de Música e Belas-Artes Luísa Todt.** Exposição comemorativa, na sede da Academia. SETÚBAL.

# Teatro O Cartaz

**• LISBOA**  
**ABC,** Parque Mayer. As 21.45; Sáb e Dom também às 16.00. **Fininho mas Jeitosinho,** de J. Bettencourt, versão de César Oliveira e R. Solnado, enc. Carlos César.  
**Comuna,** Pr. de Espanha. De 3.ª a sáb./21.30; Dom./17.00. **Amadís,** de Abel Neves, enc. João Mota. Até 14/7.  
**Maria Vitória,** Pq. Mayer. Não Batam Mais no Zezinho, de H. Santana, Nicholson e Zambujal, enc. H. Santana. De 3.ª a Dom./20.30 e 22.45; Dom. e feriados também às 16.00.  
**Nac. D. Maria II,** Rossio. De 3.ª a Dom./18.30. **Ela Não Sabia Sonhar,** de Denise Chalem, enc. Manuel João Ramos — De 3.ª a Sáb/21.30; Sáb e Dom/16.00: **O Morgado de Fafe em Lisboa,** de Camilo Castelo Branco, enc. Ruy de Matos.  
**Sala Experimental,** de 3.ª a Sáb/21.45; Sáb e Dom/15.30: **A Paixão de Mestre Afonso Domingues,** de António Patrício, enc. José Gil.  
**Teatro Aberto,** Praça de Espanha. De 5.ª a Sáb./21.30; Dom/16.00. **O Esplínge Gorda,** compilação de textos, dramaturgia e encenação de Mário Viegas.  
**Teatro do Bairro Alto,** R. Ten. Raul Cascais, 1-A. De 3.ª a Sáb/21 h; Dom/16 h. **Ricardo III,** de W. Shakespeare, enc. Luís Miguel Cintra — A Cornucópia.  
**Teatro Ibérico,** R. de Xabregas, 54. De 3.ª a Sáb./21.30; Dom/17.00. **Al Que Sallom Me dá o Coração** — 3 comédias de Tchekov, dir. e enc., Blanco Gil.  
**Teatro do Século,** R. do Século, 41. De 3.ª a Sáb./21.30; Dom./16.45. **Artime-nhas de Scapin,** de Molière, enc. Rogério Carvalho.  
**Teatro da Trindade,** Rua Nova da Trindade. De 3.ª a 6.ª 21.30; Sáb./16.00 e 21.30; Dom. só 16.00. **A Noite das Tribades,** de Per Olov Enquist, enc. de Fernanda Lapa.  
**• CALDAS DA RAÍNHA**  
**Teatro da Rainha,** sala de teatro da Casa da Cultura. De 3.ª a Dom/21.30. **Tantas Maneiras de Engano!** montagem de textos de Gil Vicente, enc. Fernando Mora Ramos.  
**• CASCAIS**  
**Teatro Experimental de Cascais.** 6.ª e Sáb/21.45; Dom/17.00. **Arrala-Miúda,** de Jaime Gaiheiro, enc. Carlos Avilez.  
**• FARO**  
**Teatro de Bolso,** R. do Rasquinho, 16. De 3.ª a Sáb/21.45. **Amor de D. Perilimpim com Belisa em seu Jardim,** de Garcia Lorca, enc. Luís Aguilár — Teatro Laboratório de Faro.  
**• LEIRIA**  
**Auditério do Tela,** Rua Afonso Lopes Vieira, 38. 3.ª a Sáb./21.30. **Falar Verdade a Mentir,** de Almeida Garrett, enc. José Valentim Lemos, pelo Teatro Experimental de Leiria (TELA).  
**• SETÚBAL**  
**Teatro de Bolso do TAS,** Rua Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9. **Luísa Todt,** texto de Fernando Gomes e Rui Mesquita, enc. Fernando Gomes.  
**• PORTO**  
**Cooperativa do Povo Portuense,** 4.ª a Sáb./15.00. **O Fidalgo Aprendiz,** de D. Francisco Manuel de Melo, enc. Norberto Barroca — 5.ª a Sáb./22.00.  
**Sá da Bandeira,** de 3.ª a Dom./21.30. **O Super Silva,** enc. João Mota.  
**Sala-Estúdio do TEP,** R. do Pinheiro, 9. 3.ª e 4.ª/18.45; 5.ª e 6.ª / 21.45; Sáb. / 16.00 e 21.45; Dom. / 16.00 e 18.00. **Amor de D. Perilimpim com Belisa em seu Jardim,** de Fed. Garcia Lorca, enc. Roberto Merino.  
**Sala d'O Realejo,** R. dos Mercadores, 136. 5.ª a Dom. / 21.30; Dom. / 17.30: **Com Papas e Bolos se Enganam os Tolo,** enc. Vítor Valente. 3.ª / 21.45; 6.ª e Sáb. / 24.00: **Chão das Estrelas.**  
**Teatro,** Casa de Teatro do Tear, R. do Heroísmo, 86. De 3.ª a Dom. / 21.30. **A espera de Godot,** de Samuel Beckett, enc. Castro Guedes.  
**Teatro do Campo Alegre,** R. do Campo Alegre. De 3.ª a Dom. / 21.45; Dom. e feriados / 16.00. **Uma Família do Porto,** adapt. de

# ...e ainda Música, debates, etc.

**Música**  
**Espectáculo de Sérgio Godinho** às 22 horas de sexta-feira na Praça Afonso de Albuquerque, no início das Festas do Colete Encarnado, em VILA FRANCA DE XIRA.  
**Sérgio Godinho** — um outro espectáculo, este integrado no 10.º Festival de Teatro de Setúbal. Terça/21.30 Teatro Luísa Todt SETÚBAL.  
**5.º Encontro de Grupos Corais Alentejanos** da área de Lisboa e do Alentejo, a encerrar (no sábado) a Semana Cultural Alentejana que decorre em TIRES.  
**Espectáculo de Jorge Palma,** domingo às 21.30 na Aula Magna LISBOA.  
**Amélia Rodrigues** no Teatro Luísa Todt, às 21.30 de sábado — um recital integrado no 10.º Festival de Teatro de Setúbal.  
**Paulo de Carvalho, Júlio Pereira, Sa-questra Sinfónica Juvenil/Coro do Instituto Gregoriano** — Terça 21.30, Palácio da Cidadela CASCAIS; **Recital Beethoven por Sequeira Costa** — Quarta, dia 10/21.30, Teatro S. Luís LISBOA.  
**XX Festival de Sintra** — Orquestra Gulbenkian com a solista **Nella Maissa** às 21.15 no Palácio de QUELUZ; no mesmo local, segunda-feira, também às 21.15, **recital de piano e clarinete** por François-René Duchable e Paul Meyer, no sábado, às 21.15. **Homenagem a Arthur Rubinstein,** com a projecção do filme «A. Rubinstein em Veneza», de Reichenbach, e recital de piano por **François-René Duchable.** Apresentação de João de Freitas Branco. No Cine-Teatro Carlos Alberto SINTRA.  
**Concerto de órgão** por Antoine Sibertin-Blanc — Sábado/18 horas, na Sé de EVORA.  
**No mesmo dia** mas às 21.30, o Cineclubes das Caldas exibe **O Anjo Azul,** de Sternberg.  
**Nas habituais sessões** de sexta-feira à noite, a Associação Portugal-URSS exibe esta semana, na sua sede, **Vassili Bustiniev,** real. Gennady Vassiliev (URSS/1978).  
**Teatro Luísa Todt SETÚBAL.**  
**Festa do Teatro,** integrada nas Festas da Cidade de Almada. Destaque para os espectáculos de amanhã — **O Fidalgo Aprendiz** pela Selva Troupe; de sábado — pelo **Teatro Experimental de Cascais** a peça **A Aurora da Minha Vida**; de domingo — **O Gebo e a Sombra** pela Companhia do Teatro Nacional; de quarta-feira — **A Celestina,** pelo Teatro Ibérico. Sempre às 21.30, no Pátio do Prior do Crato ALMADA.  
**Ópera**  
**La Cenerentola,** de Rossini, dir. musical de John Neschling, enc. de Gianni Ratto e cenogr. de A. Furiga. Domingo às 16 horas, e terça-feira às 20.30 no Teatro Nacional de S. Carlos LISBOA.  
**La Traviata,** de Verdi, dir. musical Manuel Ivo Cruz, enc. Norma Silvestre. Hoje, amanhã e sábado, no Auditório Nacional Carlos Alberto PORTO.  
**Nas habituais sessões** de sexta-feira à noite, a Associação Portugal-URSS exibe esta semana, na sua sede, **Vassili Bustiniev,** real. Gennady Vassiliev (URSS/1978).  
**Teatro**  
**10.º Festival de Teatro de Setúbal,** organizado pelo TAS, este ano de homenagem a Romeu Correia. O Festival começa hoje, às 21.30, com **Tempos Difíceis** do autor homenageado, pelo Grupo de Campolide; no sábado, às 16 e 21.30, **Santa Jona dos Mataduros,** por A Barraca; domingo, às 16 e 21.30, **O Fidalgo Aprendiz e Mistério Cómico** pela Selva Troupe; segunda-feira, só às 21.30, **A Noite das Tribades;** na quarta, 21.30, o **Teatro Experimental de Cascais** representa **Aurora da Minha Vida.** Sempre no

## Tempo Fim de Semana



Segundo a previsão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, no sábado e domingo próximos teremos céu pouco nublado, temporariamente muito nublado nas regiões do Norte. Vento fraco, soprando moderado de Norte na faixa costeira ocidental. Neblina ou nevoeiro no litoral, a norte do Cabo da Roca.

Classificação de



# Utilidades & variedades

## 22 conselhos práticos para a aparelhagem de som<sup>6</sup>

### 1. Arrumação de discos

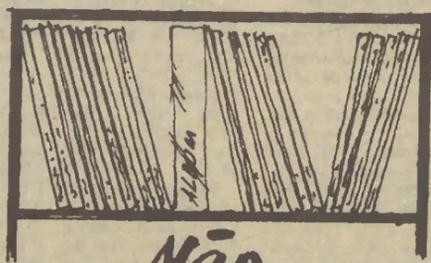
É hoje geralmente conhecido que os discos, para evitar que empenem, devem sempre ser arrumados na vertical e nunca na horizontal.

Aparentemente, pareceria que a acumulação de discos uns sobre os outros na horizontal evitaria (até pela própria pressão exercida) qualquer empeno. Assim não se passa e a razão deve-se essencialmente a que um disco não tem toda a mesma espessura. Embora a diferença seja, em geral, quase imperceptível, um disco é normalmente mais espesso ao centro, «adelgando» até ao exterior. Esta maior espessura do núcleo central é ainda acentuada pelas etíquetas ali fixadas. Em algumas técnicas de prensagem hoje praticamente postas de lado, os discos possuem um ligeiro rebordo no exterior. Se a estas irregularidades de espessura acrescentarmos as que são introduzidas pelas próprias capas (dobras para colagem, folhetos, etc.), facilmente se verifica que, colocados uns sobre os outros, os discos nunca ficarão homoganeamente assentes, mas sim fazendo pressão sobre uma área (normalmente do centro) ficando o resto «em falso» — donde a tendência para a deformação.

Colocados na vertical (e quanto mais vertical e menos oblíquo melhor!) o disco fica numa situação de estabilidade que o protege.

É contudo necessário ter em conta que, colocando diversos discos uns ao lado dos outros na vertical, pode verificar-se a tendência para que eles tombem para um dos lados. É evidente que nestas circunstâncias o primeiro disco suporta o peso dos outros todos, o que em nada contribui para o seu bom estado...

Existem hoje no mercado diversos dispositivos (em geral de



Não



Sim

plástico) que asseguram uma boa arrumação, embora cada um para um número relativamente reduzido de discos.

Para um *bricoleur* mais ou menos habilidoso não é difícil a construção de uma caixa-armário com divisórias que, além do mais, permite uma arrumação sistematizada de uma discoteca mais volumosa. Para uma «obra» destas, a experiência indica que o espaço ideal para cada divisória deverá andar por volta dos 10-12 cm, o que permite a arrumação em boas condições de mais ou menos 15 a 20 discos em cada, assegurando a sua correcta posição vertical e um manuseamento fácil.

Quanto ao local, para além da conveniência de procurar sítios onde não se acumule muito pó, é indispensável que os discos sejam guardados em condições de pouca humidade e, essencialmente, pouco calor. Um disco exposto ao sol é um disco empenado e inutilizado; o mesmo acontecerá com a vizinhança de um radiador.

### 2. Limpeza dos discos

Um dos piores inimigos da conservação e boa audição de um disco é o pó.

Qualquer possuidor de um gira-discos não deixará de se surpreender pela incrível quantidade de poeira que se acumula num disco, mesmo que guardado na sua capa! O fenómeno

tem uma explicação: o material plástico em que o disco é fabricado — o vinil — cria, como todas as substâncias congêneres, uma apreciável quantidade de electricidade estática na sua superfície que funciona como um verdadeiro ímã para as pequenas partículas de poeira permanentemente em suspensão em qualquer casa. Pode assim dizer-se que para sujar o disco não é preciso que o pó «caia» em cima dele: o vinil encarrega-se de o ir «buscar»...

Ao retirar um disco da sua capa interior (nomeadamente as de plástico) frequentemente se ouvem pequenos estalidos que podem igualmente ocorrer ao colocá-lo no prato do gira-discos e até introduzirem-se na agulha: trata-se exactamente de descargas de electricidade estática acumulada.

Por outro lado, é fácil de compreender os danos que o acumular de poeira pode causar à audição e à própria conservação da gravação. Sendo esta constituída por espiras gravadas na superfície, constituindo as suas *irregularidades* que fazem vibrar a agulha do gira-discos (a origem dos sons a reproduzir), é óbvio que o acumular de partículas de poeira não só introduz outras irregularidades que provocarão vibrações indevidas como, em maior quantidade, podem «tapar» as originais que assim não serão lidas, não se ouvindo portanto os sons a que dariam origem.

É claro que uma das medidas que este problema imediatamente requer é de carácter preventivo: há que evitar o mais possível que os discos estejam expostos ao pó. Para isto:

a) sempre que um disco não estiver a ser tocado deve estar dentro da sua capa;

b) além da capa exterior, usar sempre a capa interior, em plástico ou papel;

c) ao introduzir o disco na capa exterior, assegurar sempre que a abertura da interior fica desencontrada com a de fora;

d) ao arrumar o disco num armário ou cacifo, colocar a lombada da capa para fora e a abertura para dentro.

Em suma, isolar o mais possível o disco do contacto directo com o ar.

Contudo, mesmo com todas estas precauções, o pó lá estará quando se colocar o disco no prato!

É, por isso, *indispensável limpar sempre o disco antes de o pôr a tocar*. Mesmo que pareça limpo, limpar na mesma.

Para esta limpeza existem no mercado diversos instrumentos para os quais, em geral, o critério simplista do preço funciona: quanto mais caros, de melhor qualidade...

Os amadores mais informados costumam contudo optar por dispositivos simples, *manuais*, com um revestimento macio tipo veludo. São de evitar:

a) todos os líquidos de limpeza à venda no mercado, muito especialmente os apresentados em *spray*. Em geral, das duas uma: ou podem ser substituídos por água e não vale a pena estar a gastar dinheiro, ou contêm produtos que podem danificar o disco;

b) os dispositivos de limpeza para actuarem enquanto o disco está a tocar. Existem no mercado diversos sistemas, de uma forma geral um braço para ser colocado do lado esquerdo do prato, com uma pequena escova ou esponja para ser assente sobre o disco quando este começa a rodar. A questão é que, por muito leve que o dispositivo seja e embora assegure uma limpeza mais ou menos eficaz, acabam sempre a ser introduzidos atritos e vibrações que a agulha capta.

Finalmente, verificar-se-á que, guardando bem os discos, limpando-os sempre antes de os pôr a tocar, mesmo assim o disco poderá acumular pó com o tempo, até porque ao manuseá-lo inevitavelmente se acaba por deixar dedadas que, por gordurosas, fixam pó que poderá não sair com a limpeza normal.

A melhor forma de lavar um

### I - Gira-discos

- ✓ 1. Localização e nivelamento
- ✓ 2. A cabeça e a agulha
- ✓ 3. Equilíbrio do braço
- ✓ 4. Manuseamento

### II - Amplificador

- ✓ 1. Potência; curva de resposta
- ✓ 2. Controlos graves-agudos
- ✓ 3. Balanço
- ✓ 4. Filtros e loudness

### III - Altifalantes

- ✓ 1. Potência e impedância
- ✓ 2. Localização
- ✓ 3. Ligação

### IV - Gravador/leitor de cassettes

- ✓ 1. Vuímetros e leds
- ✓ 2. Bias e EQ
- ✓ 3. Dolby
- ✓ 4. Limpeza

### V - Discos

- ✓ 1. Arrumação
- ✓ 2. Limpeza
- ✓ 3. Manuseamento

### VI - Cassettes

- ✓ 1. Tipos
- ✓ 2. Conservação

### VII - Cabos e fichas

- ✓ 1. Tipos de cabos e funções
- ✓ 2. Tipos de fichas e funções

disco é utilizar pura e simplesmente água destilada. Esta pode ser comprada numa farmácia, mas pode igualmente obter-se em casa: ao descongelar o frigorífico, coloque-se no congelador um recipiente vazio. O gelo acumulado na *parte superior* do congelador, ao derreter, dará água inteiramente destilada uma vez que é fruto da congelação da humidade e não de água lá colocada (como acontecerá com o gelo acumulado na *parte inferior*).

Pode diluir-se na água uma *quantidade pequena* de sabão líquido ou detergente líquido (nunca em pó, pois os resíduos riscarão o disco) utilizado para tecidos muito sensíveis. Se se utilizar detergente, é evidentemente necessário fazer uma segunda lavagem com água destilada sem detergente.

A limpeza deve fazer-se com um pedaço de pano *muito macio* e que *não largue pêlos* ou com uma esponja igualmente muito macia (podem usar-se as que se vendem, nas farmácias, para bebés).

Para secar o disco o mais indicado é o recurso a um secador de cabelo utilizado *sem calor*, isto é, ligado só para vento.

### 3. Manuseamento dos discos

O princípio básico do manuseamento de discos é evitar tanto quanto possível o contacto das mãos com a superfície gravada a fim de não deixar dedadas gordurosas que fixarão poeiras.

É de toda a conveniências manusear os discos com as mãos lavadas: é inconveniente colocar um disco no prato imediatamente depois de roer uma coxinha de frango...

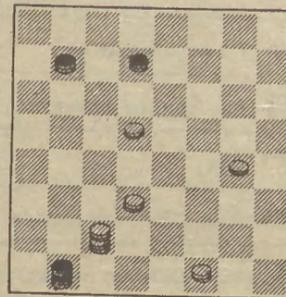
Um hábito essencial é o de guardar o disco na sua capa imediatamente depois de o retirar do prato: o contacto de discos com quaisquer objectos ou mesmo de discos entre si é uma fonte de riscos irremediáveis.

## Damas

VII - 4 de Julho de 1985

PROPOSIÇÃO N.º 7

Por Francisco Henriques - Almeirim  
«Em Frente do Tabuleiro» N.º 4 (XII.1940)  
Pr. (4)-27-28



Br. 2-(7)-11-13-19

Jogam as brancas e ganham

JOGO N.º 7

Br. Medalha - Pr. Langinha (Setúbal)  
Paivas, 2 de Julho de 1978

1. 10-14, 23-19; 2. 14-23, 28-19; 3. 5-10, 32-28; 4. 1-5, 28-23; 5. 9-13, 21-17; 6. 5-9, 26-21; 7. 11-14, 21-18; 8. 14-21, 25-18; 9. 6-11, 31-28; 10. 11-15, 29-26; 11. 2-6, 23-20; 12. 6-11, 19-14; 13. 10-19, 17-10; 14. 12-16, 28-23; 15. 19-28, 10-5; 16. 16-23, 27-20; 17. 28-32, 5-2; 18. 32-1, 20-16; 19. 1-32, 26-21; 20. 32-1, 21-17; 21. 1-32, 30-26; 22. 32-1, 18-14; 23. 11-27, 2-31; 24. 9-13, 17-10; 25. 1-29 G. Br.

GOLPE N.º 7

Golpe de Brooklin

1. 10-14, 23-19; 2. 14-23, 28-19; 3. 5-10, 32-28; 4. 1-5, 21-17; 5. 11-14, 28-23; 6. 12-15, 19-12; 7. 8-15, 23-20; 8. 7-11, 25-21; 9. 14-19, 20-16; 10. 10-14, 16-12; 11. 4-8 e as Pretas jogam e ganham de Golpe!!!

GRALHA!!! Eis, de novo, o Golpe n.º 5, que saiu com omissões: 1. 9-13, 24-20; 2. 13-17, 20-16; 3. 11-15, 22-18; 4. 15-20, 18-13; 5. 20-24, 13-9; 6. 10-13, 23-19; 7. 5-10, 28-23; 8. 6-11, 27-22; 9. 11-15, 21-18; 10. 1-5, 18-14; 11. 15-20, 30-27! e as Brancas ganham de Golpe!

SOLUÇÕES

N.º 2: 4-7 e 7-11 e 3-32  
Golpe n.º 2 (Monteiro): 3. ..., 18-14; 4. 11-18, 26-21; 4. 17-26, 30-5; 6. 1-10, 19-15; 7. 12-19, 23-5 G. Pr.

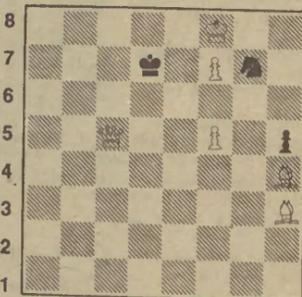
■ A. de M. M.

## Xadrez

VII - 4 de Julho de 1985

PROPOSIÇÃO N.º 7

Por S. Hun  
Die Schwalbe, 1928  
Br. Ps. 15, 17-Bs.h3,h4-Dc5-R18  
Pr. Ph5-Cg7-Rd7



Mate em 2 Lances

JOGO N.º 7

Interzonal De Tunes/1985

Br. De Firmian - Pr. Nikolic  
1. e4,e5; 2. Cf3, Cc6; 3. Bb5,a6; 4. Ba4,Cf6; 5. 0-0,Be7; 6. Te1,b5; 7. Bb3, d6; 8. c3,0-0; 9. h3,Te8; 10. d4,Bb7; 11. a4,h6; 12. Cbd2,exd4; 13. cxd4,Cb4; 14. axb5,axb5; 15. Txa8,Dxa8; 16. e5,dxe5; 17. dxe5,Cld5; 18. Ce4,q5; 19. e6,fxe6; 20. Ce5,Cc6; 21. Bxd5,exd5; 22. Dxd5+,Rh7; 23. Dd3,Rg8; 24. Dd5+,Rh7; 25. Dd3,Rg8 (De Firmian repete os lances, porque se encontrava em zeitnot = em apuros de tempo); 26. Cd7,Cb4; 27. C4f6+ (início de uma combinação ganhante),Rh7; 28. Ce5+,Re6; 29. Ceg4+,Rh7; 30. Ce5+,Re6; 31. Ceg4+,Rh7; 32. Cxh6+gxh6; 33. Dh7+,Rt6; 34. Dxt6+,Rh7; 35. Dh7+,Rh6; 36. Bg5+,Rtg5; 37. Dg7+ e as Pr. abandonam, porque se:  
- 37. ...,Rf5; 38. Te5+,Rh4; 39. Dg3 ++  
- 37. ...,Rh5; 38. Te5+,Rh4; 39. Dg3 ++

SOLUÇÕES

N.º 3 (6.VI.85):

1. Dd4! (ameaça: 2. Df2)

1. ..., Rh4; 2. Df2 =

1. ..., Rh2; 2. Dg1 =

1. ..., f move; 2. Df2 =

N.º 6 (27.VI.85):

1. Dh7! bloqueio!

1. ..., Rx16; 2. Df5 =

1. ..., Th8; 2. gxh8=D =

1. ..., C joga; 2. Dg6 =

■ A. de M. M.

